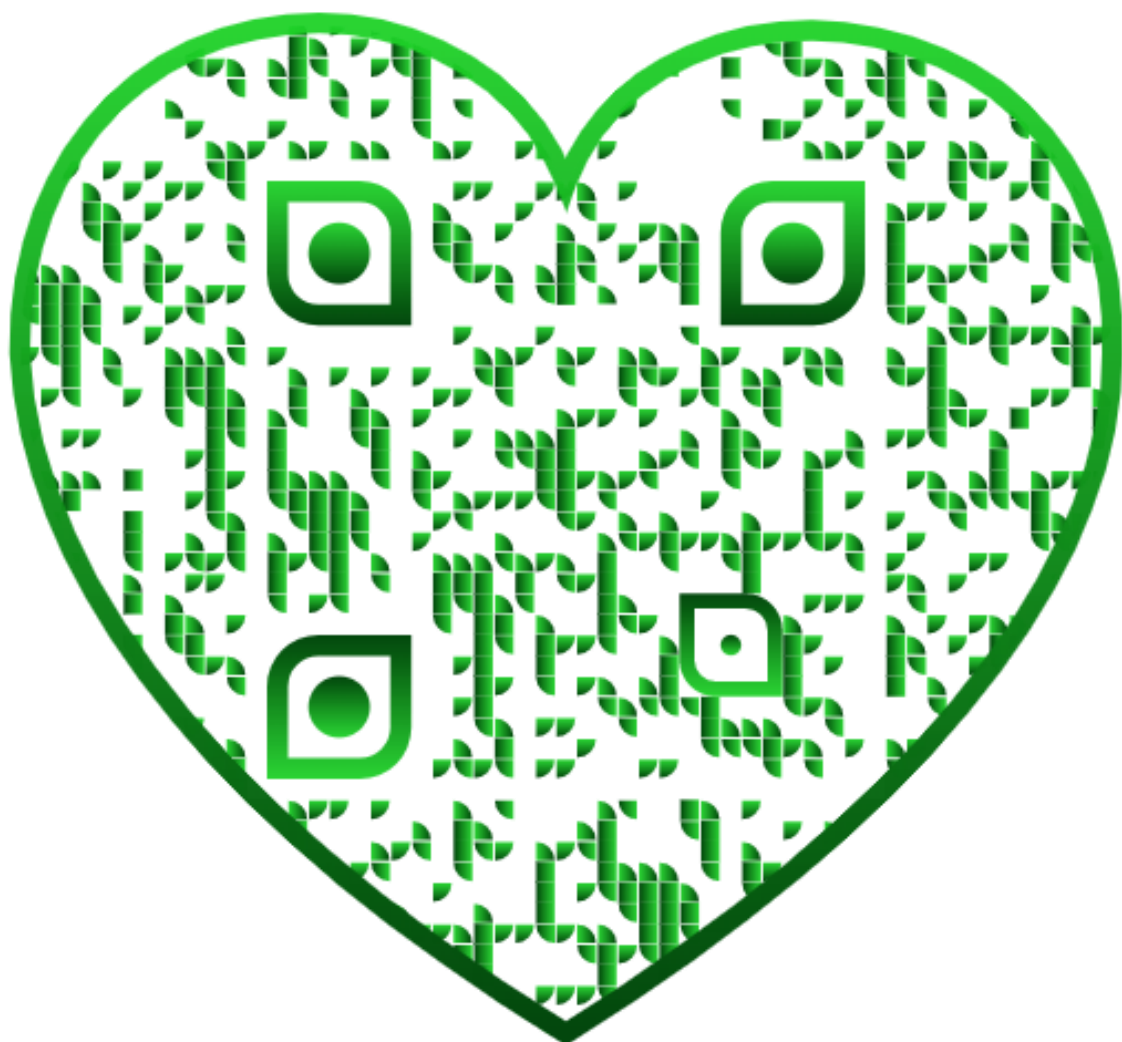


O Caso da Loja de Flores [Erle Stanley Gardner]



CAPÍTULO I

O escritório envidraçado da casa de flores Faulkner tinha fechado. Mildreth Faulkner, sentada à secretária, escolheu um lápis azul com o tom exacto. Hábil no desenho, usava lápis de cor para mais facilmente Imaginar como deveria agrupar as flores ornamentais. Agora, tendo à sua esquerda, um esboço da sala de jantar dos Elsworth, tentava encontrar uma decoração floral que condissesse agradavelmente com os candeeiros verde-escuros que Mrs. Elsworth resolvera usar na iluminação. Alguém bateu à vidraça e ela, erguendo a cabeça, viu Harry Peavis.

A" rapariga afastou os esboços para o lado e fez-lhe um sinal para que entrasse.

Peavis aceitou o convite com a mesma expressão com que fazia todas as coisas, isto é, sem dar a menor indicação do que seriam os seus pensamentos. Era um homem de ossos grandes e de músculos duros, com ombros e mãos que atestavam uma juventude sujeita a trabalhos árduos no campo. Agora que conseguira obter um virtual monopólio no negócio de flores a retalho, na cidade, afadigava-se a ajustar-se ao papel de comerciante bem sucedido. Trazia um fato bem talhado e as unhas, cuidadosamente tratadas e polidas, marcavam uma nota de incongruência naqueles dedos rústicos.

Um serãozinho, hem ? perguntou.

Ela sorriu.

Trabalho quase sempre até tarde. Se não é por uma coisa, é por outra: escritas de contabilidade, con-

5

tribuições, orçamentos, uma centena de coisas. De resto, "; ainda não passa das sete horas.

você tem passado um mau bocado, desde que sua irmã caiu de cama, não é verdade ?

Cá me vou arranjando.

Como vai ela ?

Carlotta?

Sim.

Bastante melhor.

Agrada-me sabê-lo.

Ela passa » maior parte do tempo na cama, mas vai melhorando de dia para dia.

você tem três estabelecimentos, não tem?

Tenho respondeu Mildreth, sabendo que ele não só estava a par dos estabelecimentos e de seu local, mas até de quanto rendiam.

Hum!, hum! exclamou Peavis. Bem, tenho estado a pensar que seria uma boa ideia entrar com algum dinheiro numa sociedade convosco.

Que quer dizer?

Ficar com algumas acções da vossa sociedade.

Mildreth Faulkner sorriu e abanou a cabeça.

Obrigada, Mr. Peavis, mas vamos indo muito bem.

Isto é uma sociedade muito pequena, muito particular.

Talvez não seja tão particular como você pensa.

Suficientemente particular, sorriu Mildreth. Carlotta e eu temos todas as acções.

< Os olhos de Peavis, verdes-acinzentados, cintilaram sob as pestanas felpudas.

você há-de pensar melhor nisso.

Ela hesitou por um momento e, depois riu.

Tem razão. Há um certificado de cinco acções que foram dadas a Corinne Dell, quando fundámos a sociedade; precisávamos de três directores, no conselho de administração. Essas acções servem unicamente para que

ela possa ser considerada um director.

Hum, hum! exclamou Peavis, tirando da algibeira

6

um certificado dobrado. Bem, Corinne Dell casou com um dos meus empregados, você compreende, e...'bem, eu adquiri-lhe a quota. você pode registar nos seus livros a transferência deste certificado para o meu nome e considerar-me seu novo sócio.

Mildreth Faulkner estremeceu quando ele lhe entregou o certificado.

Está tudo em ordem, não é verdade ? perguntou

Peavis. O endosso, O. K., e tudo o mais.

Ela pôs o certificado sobre a secretária e fitou o intruso francamente.

Escute, Mr. Peavis. Não gosto disto. Não é honesto. Não sei ao certo quais são as suas intenções. você é um concorrente. Não o queremos a bisbilhotar os nossos negócios.

Corinne não devia ter vendido essas acções. Suponho que, dadas as circunstâncias, não o poderia ter evitado, mas eu quero unicamente saber em que ficamos.

Peavis respondeu:

Bem sei. Negócios são negócios. vocês têm a maioria das acções e eu não. Simpatizo consigo e quero que também simpatize comigo mas sempre que você cometa um erro comercial e eu possa tirar proveito disso, esforçar-me-ei por consegui-lo. Assim é o negócio. você sabe que podíamos chegar a um acordo sobre o resto das acções. você poderia ficar aqui e dirigir a empresa; eu compraria cinquenta e um por cento das acções...

Ela abanou a cabeça» Peavis insistiu:

Podia assim fazer muito mais dinheiro do que está a fazer agora e teria uma reserva ilimitada de capital para uma maior expansão. Seria um bom negócio.

Não, obrigada. Estamos muito bem assim.

Bem, então é transferir unicamente estas cinco acções para o meu nome.

Na verdade, que é que você pretende ? perguntou ela.

Nada respondeu Peavis com o ar inexpressivo que geralmente assumia. Não quero de forma alguma

7

interferir com o seu trabalho. Serei uma espécie de sócio sem voto. Ande para diante e faça dinheiro. Agora que tenho interesses na sociedade, agrada-me ver os sócios activos trabalhando até tarde.

Riu-se por entre dentes e ergueu da cadeira o corpo ossudo. Mildreth, vendo-o seguir, por entre as prateleiras de flores, sabia que aqueles olhos inexpressivos sob as sobancelhas fartas não perdiam um pormenor. Durante alguns minutos, ficou mergulhada em profundos pensamentos. Depois, pondo de parte os desenhos, disse para Lois Carling, que estava de serviço, em frente da loja:

Fecha às nove e meia, Lois. Hoje já não volto.

Parou, durante um momento, para examinar-se ao grande espelho perto da porta da casa. Aos trinta e dois anos, parecia ter vinte e dois e a experiências adquirida durante os sete anos em que criara um negócio rendoso tinham-na tornado física e mentalmente activa, dando-lhe uma certa auréola de eficiência dinâmica, conservando-lhe os músculos rijos, firmes e livres de gordura excessiva. Só um trabalhador poderia ter a sua eficiente actividade e linhas elegantes.

Lois Carling observou-a fora da porta com os olhos ligeiramente pensativos. Lois Carling era um exemplo da juventude dinâmica e das forças explosivas de um

vinho novo. Mildreth Faulkner tinha a individualidade madura de um vinho tratado. Era natural que Lois Carling, possuindo unicamente beleza, impaciente por vencer na vida, se tivesse perguntado:

Que terá ela mais do que eu ?

Como os assuntos filosóficos estivessem deveras afastados do âmbito mental de Lois Carling, esta abriu uma gaveta do balcão, tirou uma caixa de bombons, que Harry Peavis lhe tinha disfarçadamente entregue, e escolheu um chocolate.

Havia uma cabina telefónica em frente à garagem onde Mildreth Faulkner guardava o carro. Enquanto

8

esperava que lho pusessem à saída, como que movida por um impulso, procurou o número de Perry Mason, advogado. Era o número do escritório e tinha, por baixo, a indicação: «Depois das horas de expediente, ligar para Glenwood 6-8345». Mildreth descobriu tratar-se de um telefone indirecto como usam muitos homens de negócios.

Explicou desejar consultar Mr. Mason acerca de um assunto importante e perguntou se seria possível vê-lo nessa noite. A rapariga que a atendeu pediu-lhe o número do telefone de que estava a falar e disse-lhe que ligaria para ela dentro de alguns minutos.

Mildreth Faulkner viu o empregado da garagem trazer-lhe o carro e abriu a porta da cabina para lhe dizer que sairia dali, dentro de um minuto. Ele fez sinal de que compreendera e desviou o carro para a esquerda, ao lado das bombas de gasolina. Mildreth entrou de novo na cabina, quando o telefone retiniu. Levantou o auscultador e disse:

Está ?

É Miss Faulkner?

Sim.

Daqui Della Street, a secretária de Mr. Mason. Podia dar-me qualquer indicação sobre a natureza do seu caso?

Decerto. Possuo as Casas de Flores Faulkner. Tenho um competidor que conseguiu comprar algumas acções da sociedade, as únicas que não são controladas pela minha família. Creio que vai dar-me preocupações. Quero saber o que poderei fazer.

Uma consulta para amanhã, estaria bem?

Acho que sim. Eu... bem, para dizer-lhe a verdade, agi sob um impulso ao telefonar-lhe agora mesmo. Tenho andado preocupada desde que soube da transacção, há alguns minutos.

Acha bem às dez e trinta da manhã?

Sim.

Muito bem. Mr. Mason recebê-la-á então. Boa noite.

9

Boa noite respondeu Mildreth Faulkner e, sentindo-se um tanto aliviada, entrou no carro e dirigiu-se imediatamente para casa de Carlotta, na Chervis Road.

Chervis Road descrevia curvas até perto do topo das montanhas que davam para Hollywood, pelo lado norte. Carlotta e Bob viviam numa casa de alvenaria, na encosta, que era branca de dia, mas que agora se tornara num rectângulo acinzentado de sombras misteriosas, recortada contra o grupo cintilante das luzes da cidade que ficava em baixo, ao longe.

Mildreth inseriu a chave no trinco, rodou a maçaneta e entrou na sala de estar, onde Bob Lawley estava "estendido numa cadeira, a ler um jornal. Segurava na mão esquerda um pequeno canhenho de capa de coiro. Tinha um lápis atrás da orelha direita. Ergueu os olhos, com

o - sobrolho franzido por aquela interrupção, e, ao ver Mildreth, esboçou um sorriso de boas-vindas. Ela reparou que ele enfiara apressadamente o bloco de notas na algibeira do casaco.

Olá, Mille, não ouvi o carro.

Onde está Carla, ?

Lá em cima.

A dormir ?

Não. Está deitada a ler.

vou estar um bocado com ela disse Mildreth.

Não vai sair, pois não, Bob?

Não, que ideia! Porque pensou isso?

Quero falar-lhe.

Okay.

Ela parou no limiar da porta, virou-se e disse:

Quando estiver a fazer cálculos sobre corridas de cavalos, Bob, escusa escondê-los precipitadamente pelo facto de eu entrar sem prevenir.

Durante um momento, corou, depois riu-se e disse um tanto timidamente:

you assustou-me, nada mais.

Mildreth subiu as escadas e dirigiu-se ao sítio onde
10

sua Irmã estava deitada de cama. Várias almofadas, amontoadas atrás das costas, levantavam-lhe os ombros numa posição confortável. Uma lâmpada de mola, com quebra-luz cor-de-rosa, presa à cabeceira da cama, iluminava, por cima dos ombros, as páginas do livro que ela estava a ler.

Baixou o quebra-luz de forma a que o quarto ficasse iluminado por uma claridade suave e rósea e disse:

Já estava a ver que não vinhas, Millie.

Estive ocupada. Como te tens sentido, hoje ?

Melhor de dia para dia, sob todos os aspectos

respondeu Carlotta com um sorriso.

Era mais velha que Mildreth e a sua tez tinha uma aparência branco-azulada. Se bem que não fosse gorda os tecidos pareciam moles e flácidos.

Que tal o coração ?

Fino. O doutor disse hoje que poderei guiar o carro dentro de duas semanas. Vai-me saber bem. Aposto que o meu *coupé* já não sabe andar.

Não tenhas pressa "aconselhou Mildreth. Não te canses, principalmente, quando começares a andar.

Foi o que disse o médico.

Que livro é esse?

Um desses modernos que se supõe terem, um profundo significado social, que não consigo encontrar.

Porque não experimentas ler alguma coisa mais leve?

Prefiro este género. As outras histórias excitam-me e sinto dificuldade em adormecer. com dez páginas deste, mergulho num sono profundo sem ter necessidade de tomar um hipnótico.

Bem, lamento ter chegado atrasada. Entrei simplesmente para ver como estavas. vou para baixo conversar um pouco com Bob e, depois vou-me embora.

Pobre Bob murmurou Carlotta. Receio que lhe custe muito ter uma inválida por mulher. Tem-se portado esplendidamente, Millie.

11

Isso só lhe fica bem.

Tu, na realidade, nunca simpatizaste muito com Bob, pois não, Millie?

Ela ergueu as sobrancelhas.

Não falemos agora disso. Havemos de nos dar bem,

certamente.

Os olhos de Carlotta mostravam ansiedade.

Ele percebe-o, Millie. Gostaria que *tentasses* dar-te melhor com ele, Millie.

Tentarei prometeu Millie, sorrindo-lhe com os lábios, mas olhando com determinação. Vou começar agora mesmo. Não te preocupes, Carla, e não te fatigues quando começares a sentir-te melhor.

Carlotta observava Mildreth através da porta.

Deve ser esplêndido ser assim tão saudável. Gostava que me pudesses dar um pouco da tua saúde durante uma hora que fosse.

Eu gostava poder dar-ta por mais tempo do que esse, Carla, mas agora pôr-te-ás boa. O pior está passado.

Penso que sim. Sinto que estou agora muito melhor do que estive.

Carlotta pegou no livro. Mildreth fechou suavemente a porta e desceu calmamente as escadas.

Bob Lawley dobrou o jornal. Já não tinha o lápis atrás da orelha.

Toma uma bebida, Millie ? convidou.

Não, obrigada.

Sentou-se numa cadeira em frente dele, aceitou um cigarro, inclinou-se para diante para servir-se do fósforo que ele estendia, recostou-se e encarou-o, firmemente.

Não acha que seria uma boa ideia sentarmo-nos os dois a conversar acerca do negócio?

Ainda não, Millie.

Porquê ?

Nesta altura, Carla não deve ser incomodada com negócios. Falei com o médico a esse respeito e ele disse-me

12

que ela está a melhorar, mas que isso se deve grandemente ao facto de se ter acostumado a não se preocupar com coisa alguma. Mas que se passa ?

Harry Peavis foi visitar-me, esta noite.

Esse velho passarão! Que quer *ele*?

Quer comprar um lote de acções que lhe permita controlar o negócio.

Essa é boa! Diga-lhe que venda o dele.

Parece que, neste momento, já tem acções nossas.

Nossas? exclamou Bob, e ela notou-lhe um súbito alarme no rosto. Mas como diabo conseguiu ele... desviou os olhos subitamente.

Corinne Dell. você lembra-se que ela casou com um homem que trabalha para Peavis. Suponho que o marido a convenceu a transferir as acções. Eu devia ter ficado com esse lote, antes de ela as ter cedido a outro. Para dizer-lhe a verdade, tinha-me esquecido inteiramente delas. Eram uma parte tão pequena...

Bob parecia positivamente aliviado. Riu-se.

Que pode ele fazer com isso ? São apenas cinco acções. É uma gota de água no oceano. Mande-o para o diabo que o carregue... Diga que perde dinheiro com as contribuições...

Ela abanou a cabeça.

Harry Peavis não desistirá, facilmente. Ele quer alguma coisa... Quase me mete medo. Está agora autorizado a meter o nariz nos nossos livros. Deve ser isso o que ele pretende. Não sei. Amanhã de manhã, vou consultar um advogado.

Boa ideia. Quem vai consultar?

Perry Mason.

Ele não trata de assuntos destes. Só se interessa por crime.

Ela retorquiu:

Se lhe pagarem bastante, há-de interessar-se. Este caso requer alguém capaz de fazer mais qualquer coisa do que limitar-se a folhear um código e recitar-nos
13

o que diz a lei. Requer uma quantidade de subtilezas legais.

De facto, ele é tipo capaz de segurar Peavis, se você o conseguir convencer a aceitar a causa admitiu Bob Lawley mas creio que está a fazer um bicho de sete cabeças de uma coisa sem importância.

Pensei que seria uma boa ideia reunir *todas* as acções e o livro de depósitos. Ele há-de querer vê-los.

Oh, isso não é preciso! cortou Bob, precipitadamente.

Mas ele pode pedi-los.

A voz de Bob soou áspera, denotando uma impaciência nervosa.

Por amor de Deus, Millie, tenho, logo de manhã uma entrevista importante... e, de resto, as acções estão em segurança, no cofre. vou dizer-lhe o que deve fazer. Se ele quiser ver o lote, *eu* poderei levar-lho, mais tarde. Não creio que queira vê-lo. Tenho uma entrevista com um agente de uma companhia de seguros... uma maçada horrível. Podia anulá-la, certamente, se *fosse* preciso, mas deu-me um trabalhão enorme consegui-la.

Que desastre foi esse, Bob ? Nunca me falou dele. Soube-o por Carla.

Oh, é simplesmente um desses casos em que um tipo vem a guiar, pensando na morte da bezerra. Eu nem sequer estava dentro do carro. Tinha-o deixado estacionado à esquina. Não sei como diabo é que ele conseguiu amolgá-lo daquela maneira. Deve ter resvalado contra ele, de lado.

Tirou-lhe o número do carro ?

Não. disse-lhe que não me encontrava ali. O carro estava estacionado. Duas pessoas, que o viram, contaram-me o que acontecera, mas foram suficientemente estúpidas para não lhe tirarem o número.

Mildreth comentou:

Bem. Espero não precisar realmente do lote, se bem que me agradasse tê-lo. Não poderia ir ao cofre, Bob, e...

14

De forma alguma, Millie. Tenho duas ou três entrevistas de manhã. Porém, não posso cancelá-las, neste momento, mas, se ele quiser ver o lote, levar-lho-ei depois. você pode pôr-se em contacto comigo. Não precisa de tê-lo consigo quando conversar com ele. Não seja tonta!

Na próxima "semana será *Okay*.

Bem, espero que corra tudo bem vaticinou Mildreth, mas na sua voz percebia-se uma nota de fatigado desânimo.

você trabalha demais, Millie. Não poderia trabalhar um pouco menos?

Oh, sinto-me bem. O trabalho é muito agradável e há muita coisa que só eu posso fazer... Bem, vou-me embora, Bob.

Se precisar do lote, mande-me um recado disse ele. Posso ir buscá-lo depois de amanhã... mas não posso compreender porque motivo quererão ver o certificado.

Ouçá, Bob, não pode ir ao cofre e...

Não, co'os diabos! interrompeu, levantando a voz.

você está a tornar-se velha. Pare lá com essa maldita preocupação!

Bob... o lote ainda lá está, não está? Está tudo bem? você...

Ele levantou-se da cadeira.

Por amor de Deus, não me chateie, mais! Já tenho bastantes preocupações, mesmo sem você a ganhar à minha volta por causa desse maldito lote. Sei que não me grama. Nunca me gramou. Esforçou-se a tentar envenenar o espírito de Carla contra mim. Agora...

Cale-se! interrompeu ela. Comporta-se como um garoto de escola... E está a gritar. Não quer que Carla pense que estamos a questionar, pois não? Ele sentou-se com enfado.

- Oh, co'os demónios, de que serve isso? Se Mason quiser ver esse lote, diga-lhe que *me telefone*. você dá-me cabo dos nervos! Se não quer questionar, vá para o inferno.

15

Ela encaminhou-se, sem uma palavra, para a porta e mergulhou na noite.

Deslizando pela Chervis Road, Mildreth Faulkner estava completamente alheia ao encanto daquela noite estrelada. ? Porque fora Bob tão fluente em explicações pormenorizadas sobre o acidente de automóvel? Porque era assim tão importante encontrar-se com o agente de seguros? Porque tivera tanto trabalho a metê-lo no caso? Porque o teria posto num pânico daqueles a ideia de apresentar as acções? Ela *fora* disparatada em deixar-lhas na mão. Não confiava nele. Agora, durante semanas, procurara encontrar alguma desculpa plausível para recuperar o certificado dessas acções. Carla endossara todos os seus depósitos e transferira-os para Bob... Era certamente absurdo duvidar da sua lealdade para com Carla, mas, todavia, ela não podia deixar de sentir-se inquieta e essa história do acidente com a *frente* do carro despedaçada...

Creio que sou uma terrível pessimista disse Mildreth para consigo mas, infelizmente, conheço o meu cunhado *demasiadamente* bem.

Consequentemente, guiou para o Departamento de Trânsito, na estação central da polícia, procurou saber se haveria qualquer relatório do acidente, descobriu que o Buick de Bob chocara com outro carro e que a culpa fora de Bob.

Uma chamada telefónica ao homem, que guiava o outro carro, fornecera a informação de que Bob não estava sozinho no Buick, na altura do acidente. Uma rapariga loira, bastante atraente, estivera sentada a seu lado, no banco da frente. O homem anotara o seu nome como testemunha. Ali estava Esther Dilmeyer. A morada que ela dera, fora o clube nocturno «Corno Dourado». O homem julgava que ela lhe dissera trabalhar ali, mas não tinha a certeza. Mr. Lawley fora muito gentil declarando que o acidente fora todo por sua culpa e que pagaria os estragos. Ia um outro homem na retaguarda. Não,

16

o pagamento ainda não fora efectuado, mas Mr. Lawley devia telefonar, no dia seguinte, às onze horas da manhã.

Importava-se de me dizer quem fala?

Ela respondeu, rapidamente:

É da parte do Fundo de Assistência a Trabalhadores.

Julgámos que Miss Dilmeyer ficara ferida.

O seu informador respondeu:

Só eu fiquei ferido. Fui bastante sacudido. Seguia um outro homem no carro de Lawley. Poderia servir-se dele como testemunha, em caso de necessidade. Chamava-se... espere um momento. Aqui está, Sindler Coll.

Teriam estado a beber? perguntou Mildreth.

Não, mas seguiam a grande velocidade.

Mildreth agradeceu e desligou.

Porque terá Bob recorrido a meios tão rebuscados para mistificar tudo quanto se relacionava com o acidente? O carro estava no seguro e a companhia de seguros encarregar-se-ia... Mas a companhia de seguros, muito obviamente, não se tinha encarregado. Bob ia encontrar-se com o outro interessado, às onze horas da manhã, para chegarem a um acordo. Aparentemente, a companhia de seguros ignorava o que quer que fosse acerca do acidente.

Mildreth Faulkner queria voltar ao desenho de flores, mas, nesta altura, sentiu que alguma outra coisa era mais importante. Era evidente que Bob não fazia qualquer tenção de explicar a presença da rapariga do clube nocturno no seu carro.

CAPITULO II

Uma expressão de desilusão amarga parecia envelhecer, subitamente, Esther Dilmeyer.

Tudo à sua volta era a alegria fictícia do clube nocturno, uma hilaridade héctica e forçada que necessitava de um fluxo permanente de álcool para se manter num nível elevado o que se tornava num lucro para a gerência.

2 VAMP G 5

17

A orquestra tocava melodias de ritmo acelerado. Um animador irradiou um entusiasmo artificial ao anunciar pelo microfone os números de variedades. Criados, movendo-se de um lado para o outro, por entre as mesas, seguiam cuidadosamente as instruções de que a comida não devia ser servida logo a seguir aos «cocktails». Aos que tinham bebido demasiado, serviam agora bebidas falsificadas, mas aqueles que se mostravam abstémios | recebiam uma visita especial do chefe de mesa, que enaltecia as virtudes da lista de vinhos. Àqueles a quem respondiam mais atenciosamente, destinava-se uma actividade mais calma, se bem que mais sinistra na série de quartos espessamente atapetados, por cima do salão do clube.

' A gerência era extremamente cuidadosa no que respeitava aos clientes a quem era permitido transpor a ; porta com a indicação *Privado*, atrás do vestiário, subir o lanço de escadas que conduzia a esses quartos onde o zumbido da roda de roleta se confundia com o murmúrio de uma conversa modulada.

No andar inferior, a gerência incitava ao riso e à bebida. No superior, tudo era diferente. A gerência dava a entender preferir que os circunstantes usassem trajo de cerimónia. Por toda a parte, sentia-se uma subtil sugestão de requinte naqueles que galanteavam a Deusa da Fortuna: carpetes espessos abafavam o som de passos; pesadas colgaduras suavizavam a luz indirecta e uma atmosfera de sala de visitas luxuosa encorajava a uma tranquilidade cortês.

Um homem que perdeu mais do que lhe era permitido, num lugar em que as bebidas alcoólicas correm livremente a par de uma excitação turbulenta, está inteiramente apto a fazer o que é conhecido, na linguagem de jogo, por uma «bronca». Um homem que se sente apenas um pouco fora do seu elemento, que é forçado a vestir um fato de cerimónia e é rodeado por manifestações externas de opulência, inclinar-se-á a aceitar as suas

18

perdas com dignidade e a fazer uma saída calma. Pelo menos, até ter despedido o fato de cerimónia e analisado a sua situação à luz cruel do dia. Só então, o remorso e auto-condenação fá-lo-ão compreender que uma perda é uma perda. Depois, está absolutamente capaz de compreender

que aceitar as perdas «como um cavalheiro»
é um expediente encorajado por aqueles que se aproveitam...
mas, nessa altura já é tarde demais.

Esther Dilmeyer não compreendia o que significava Psicologia, mas sabia o suficiente para compreender que, quando a convidaram a actuar no clube nocturno, quer nos números de variedades, quer para animar algum freguês que se não decidisse a gastar, esperavam que meneasse o corpo num ritmo sincopado, despertasse nele um interesse pessoal e o levasse a perder a cabeça em favor da Caixa.

Quando se movia por entre as mesas do andar superior, comportava-se com os modos dignos de uma senhora.

Ali, não se ouviam risos altos, nem se exibiam requebros de ombros ou meneios de ancas.

Na generalidade, as mulheres olhavam Esther Dilmeyer com uma fria suspeita. Os homens eram sempre capazes de lhe deitar um segundo olhar e arriscar uma jogada em seu favor, sempre que ela lhes desse o mínimo encorajamento.

Esther compreendia os homens com uma familiaridade vizinha do desprezo e sentia que nada sabia de mulheres.

Entregue aos seus pensamentos, estava sozinha sentada a uma mesa, entretida com um copo contendo cerveja e água gasosa, com o fim de parecer aos iniciados que se tratava de um *cocktail* de champanhe. O hábito torcia-lhe os lábios num meio-sorriso mecânico. Num contraste vivo com o convite implícito da sua aparência atractiva, notava-se-lhe uma atitude de profundo desânimo. Durante quantas horas permaneceu ali, sentada, à espera de bebedores? Era sempre a mesma história.

19

Os que vinham acompanhados olhá-la-iam invejosamente, tomando mentalmente a resolução de voltarem sós outra noite; os que não estivessem escoltados tentariam um dos cinco métodos de conquista que Esther Dilmeyer aprendera a conhecer e a classificar tal como um jogador de xadrez pode preconizar a abertura que seu parceiro usará mal desloque o seu primeiro peão no tabuleiro. Pensava que, afinal de contas, aquilo servia-lhe. Podia ter feito qualquer coisa na vida. Em vez disso, enterrara-se ali, confiada na sua aparência, na sua mocidade.

Os homens apaixonavam-se por ela. Deixava-os pagarem-lhe as bebidas. Se estivessem apenas interessados em deitar-se com ela, consultaria casualmente o relógio e diria que aguardava o marido dentro de dez ou quinze minutos; ou então daria uma piscadela de olho a um dos criados que viria chamá-la ao telefone de onde só voltaria depois de alguns minutos com a mesma mensagem.

Se tivessem dinheiro para gastar, encorajá-los-ia a fazê-lo e se eles parecessem ser precisamente do género conveniente, fazia referências tentadoras as actividades do andar superior. Se o homem continuasse a mostrar-se interessado, ela arranjará um cartão de admissão e escoltá-lo-ia até à mesa de roleta.

Os *croupiers* sabiam classificar um homem às primeiras jogadas; o jogador que se atira de cabeça, o prudente, o calculista, o batoteiro maduro e, ocasionalmente, o melhor de todos, o que detestava perder e que consideraria o jogo seu devedor depois de algumas perdas.

Havia um código de sinais entre Esther Dilmeyer e o *croupier*. Se a ovelha tinha muita lâ para ser tosquiada, deixava-se ficar por ali e assistia à tosquia; caso contrário, podia voltar para o clube em busca de novas «minas».

Levantou o olhar quando Mildreth Faulkner se aproximou

da mesa.
Os seus olhos cruzaram-se e Mildreth sorriu.
Esther Dilmeyer entesou-se. Teria também de suportar aquilo? Provavelmente, tratava-se de alguma mulher cujo marido desmoralizara, confessando-lhe o encontro com a loira do clube, a visita à casa de jogo, e a consequente perda de dinheiro. Odiava os homens desse género, sempre prontos a lastimar-se e a correr para casa com grandes manifestações de arrependimento e torrentes de lágrimas de crocodilo. Todavia, estavam igualmente sempre prontos a repetirem a experiência logo que se lhes proporcionasse a primeira oportunidade.
Mildreth puxou uma cadeira e sentou-se.
Olá! cumprimentou.
Um dos criados pairava cuidadosamente à distância, esperando um sinal de Esther Dilmeyer. O lugar não permitia cenas.
Boa noite disse Esther Dilmeyer com uma frialdade cerimoniosa.
Mildreth suspirou.
Vi-a aqui sentada sozinha explicou e como também estou só... além disso, sinto-me absolutamente ingénua no que respeita a lidar com homens. Sentei-me e tomei um *cocktail* mas, antes de o ter acabado, já três homens me sorriam significativamente. Que me diz se lhe oferecer uma bebida? Depois, ir-me-ei embora.
Esther Dilmeyer teve uma sensação de alívio. No fim de contas, não se tratava de uma «bronca». Acenou a um criado.
Outro *cocktail* de champanhe? perguntou Mildreth.
A loira respondeu com um aceno afirmativo.
Traga dois encomendou Mildreth.
Leve este daqui disse Esther ao criado. Já não presta. E rindo-se para Mildreth. Acho que estive a meditar muito tempo sem o beber.
Era uma situação que requeria certo tacto. Esther não poderia travar quaisquer conhecimentos proveitosos se permanecesse ali com Mildreth sentada à sua mesa.
21
Por outro lado, não havia mal algum em deixar que Mildreth lhe pagasse uma bebida.
Esther consultou o relógio.
O meu rapaz está atrasado.
Ah, tem um encontro. Devia tê-lo calculado. Bem, não a reterei por mais tempo.
Não faz mal. Deixe-se estar sentada. Temos imenso tempo para tomar esta bebida. Já é costume fazer-me esperar... diabos o levem.
Mildreth perguntou:
Não nos encontrámos já? A sua cara não me é estranha.
Esther Dilmeyer acenou negativamente a cabeça.
Creio que não. Não me recordo de si.
Vi-a em qualquer lado... Ah, espere lá. Não sofreu um acidente de automóvel, num Buick grande? Sim, era você. Lembro-me de tê-la visto no carro.
Assistiu ao choque?
Sim. Eu ia a passar, nesse momento. Se o seu rapaz é quem guiava esse carro, vale a pena esperá-lo.
Aquele? - perguntou Esther Dilmeyer, desdenhosamente.
Tem boa figura, mas é um tanso. O meu rapaz era o outro. Chama-se Sindler. Tem, de facto, boa aparência e ele bem o sabe, diabos o levem. Que faz você, ou estou a meter o nariz onde não sou chamada?
Oh, tenho um negócio. Dirijo umas lojas. Tenho três.

Esther Dilmeyer disse, pensativamente:

Meu Deus, como deve ser bom trabalhar por conta própria e ser independente! Se eu tivesse começado por trabalhar e tivesse adquirido uma certa prática de negócios, podia ter conseguido arranjar alguma coisa com que me entreter em vez desta trapalhada.

Trapalhada ? perguntou Mildreth.

Sou uma empregada do clube para acompanhar os clientes.

Oh, compreendo.

22

Não, não compreende. Não pode compreender, a não ser que já o tenha sido. É um ofício sujo.

Porque não o deixa e não arranja outra coisa qualquer ?

Como posso fazê-lo? Não sei estenografia nem dactilografia, não tenho qualquer prática de negócios e Deus me livre de ir esfregar sobrados e fazer serviços caseiros! Isso não permite que uma mulher conserve as mãos bonitas para poder passar as tardes a jogar o *bridge*.

Há uma quantidade de empregos acessíveis a uma mulher que tenha uma personalidade agradável e boa aparência.

Pois sim, bem sei. De vez em quando, consulto as colunas da secção «precisa-se» dos jornais. Já tentei um desses empregos e eram uma trapalhada ainda pior do que esta.

Mildreth observava-a e notou-lhe certa amargura na voz. Distinguiam-se nela as primeiras rugas à volta dos olhos e dos cantos da boca.

Não me referia a isso esclareceu. Há empregos absolutamente decentes. De vez em quando, contrato empregadas, raparigas que sejam atraentes, agradáveis, capazes de se conservarem calmas e de saber lidar com o público.

Nos olhos de Esther Dilmeyer raiou uma súbita esperança, ao fitarem a mulher sentada do outro lado da mesa, mas, depois, essa esperança desapareceu.

Sim, compreendo murmurou. Há pessoas a quem, às vezes, sai a sorte grande e os jornais publicam-lhes as fotografias. Acontece isso, de vez em quando.

Traz um belo vestido elogiou Mildreth.

Gosta ?

Muito.

Não foi muito caro. Neste ofício, uma pessoa precisa de apresentar-se bem, mas não se tem dinheiro para

23

desperdiçar em vestidos. Ao fim de algum tempo, aprende-se a fazer compras.

Uma orquídea iria lindamente com essa cor.

Sim, é possível. Contudo, não me oferecem orquídeas com frequência e não vou comprá-las.

Tenho algumas que lhe vou mandar disse Mildreth.

Tem?

Sim. Encomendei umas orquídeas para uma freguesa que caiu de cama com gripe e não pode usá-las.

Ainda se demora aqui um pouco? Se quiser, posso mandar-lhas.

Seria muito gentil. Obrigadíssima... Está certa de que não será uma grande maçada para si?

De forma alguma. Ficarei também contente. Em que nome devo enviá-las?

Esther.

Esther, simplesmente ?

Sou aqui conhecida. Bem, pode endereçá-las a Esther

Dilmeyer. Como se chama?

Mildreth.

É um bonito nome.

Obrigada.

O criado trouxe as bebidas.

Para que tenha sorte saudou Mildreth por cima da borda do copo.

Vou precisar dela.

Mildreth disse, abruptamente:

Até que ponto está farta disto, Esther?

Quer dizer desta trapalhada ?

Sim.

Até ao pescoço. Já lhe conto. Tenho andado metida nisto, vai para cinco anos. Velo quase toda a noite, bebendo demais, fumando demais e não apanhando ar fresco suficiente.

Começa já a notar-se. Ora, já pode ver se estou farta ou não!

24

Mildreth aquiesceu com um gesto de cabeça e Esther continuou:

Olhamos para as outras pessoas e notamos-lhes as marcas do tempo, mas nunca pensamos que isso nos venha a acontecer. E, de repente, o rapaz troca-nos por outra qualquer um pouco mais nova... Bolas! Eu mandaria à fava esta porcaria, se se me deparasse uma oportunidade decente.

Na verdade, você parece bastante aborrecida!

Esther Dilmeyer beberricou o seu *cocktail*.

Sabe porquê ?

Não.

O meu rapaz, aquele com quem me viu no carro, é amigo do patrão, ultimamente, arranjou outra qualquer.

Procurou evitar que eu o soubesse, mas acabei por descobri-lo, precisamente esta tarde. Está a tentar enfiar a nova namorada no *meu emprego* e pôr-me fora da cena.

Eles julgam que não sei o que se passa. Estou aqui sentada a trabalhar, enquanto andam a passear nas minhas costas. Sindler Coll anda agora com ela para aí, por qualquer lado. Harvey Link, um dos homens que dirige este lugar, foi para uma pequena cabana que tem no Lilac Canyon. Por volta de uma ou duas horas da madrugada, já terão arranjado tudo. Pode censurar-me por sentir-me farta disto?

Mildreth acenou que não.

Indique-me um meio de ganhar a vida honestamente de forma a poder mandá-los à fava e sairei daqui tão depressa que até farei vento! disse Esther com veemência.

Que me diz a trabalhar numa casa de flores ?

Meu Deus, seria ótimo. É nisso que se ocupa?

Sim. Dirijo as Casas de Flores Faulkner.

Esther Dilmeyer ia a levar o copo aos lábios. Voltou a pousá-lo na mesa.

Então, você é... você é a cunhada de Bob. você conhecia-o... Esse acidente...

25

Mildreth fitou-a nos olhos e respondeu:

Sim. Vim aqui tentar descobrir alguma coisa acerca do que se passava. Tencionava sondá-la, mas, depois de vê-la, compreendi que você não era minha inimiga... que era simplesmente uma mulher tentando viver neste mundo.

Então, você estava a brincar quando fez aquela oferta ?

Não seja tola, Esther.

Como poderei saber se isso não passou de uma

maneira de tentar sondar-me?

Porque, sua tonta, lhe declarei o meu nome. De outro modo, ter-lhe-ia dito uma mentira, tentando fazê-la falar o mais possível.

Esther Dilmeyer manuseava um cigarro.

Sim admitiu. Isso é verdade.

Quer trabalhar para mim ?

Que terei de fazer para conseguir o emprego ?

Desempenhar-se o melhor possível do trabalho, tentar dar-se bem com os clientes, ter boa vontade e...

Não é isso! Queria dizer: o que terei de contar-lhe?

Nada absolutamente, a menos que queira fazê-lo.

Esther Dilmeyer considerou a proposta, durante alguns segundos, e, depois, disse:

Não, isso não resultaria. Ficaria danada se tivesse que atraí-la. Nunca poderia trabalhar para si, a menos que lhe contasse toda a história. você dirá se concorda depois de saber o que aconteceu.

Se prefere.

Creio que é a única maneira decente que me permite trabalhar para si.

Bem, se insiste em fazê-lo, pode ficar com o emprego.

Podia consegui-lo sem isso.

Não. Assim é mais limpo.

Sabe onde Lynk se encontra, neste momento ? perguntou Mildreth, abruptamente.

26

Sim, está na sua cabana à espera dessa desavergonhadazinha para...

você sabe onde fica essa cabana?

Decerto respondeu e riu amargamente. Também por lá passei. Todas as raparigas que trabalham aqui tiveram que passar por lá.

Mildreth disse:

-Tenho de ir telefonar. Entretanto, escreva-me o endereço da cabana e dê-mo, sim ?

Esther aquiesceu com um aceno de cabeça.

Mildreth dirigiu-se à cabina telefónica e, mais uma vez, marcou o número, de noite, de Mason.

Creio que poderá, apanhá-lo no seu escritório, se lhe telefonar agora mesmo informaram. Disse que estaria por lá, ainda umas duas horas.

Mildreth ligou para o escritório de Mason e ouviu a voz de Della Street, no outro lado da linha.

Daqui fala Mildreth Faulkner, outra vez, Miss Street. Estou numa situação muito precária. Tenho de ver Mr. Mason esta noite.

Esta noite?

Sim. »

Lamento, mas Mr. Mason está agora a trabalhar num relatório importante e não acabará de ditar, antes da meia-noite. Não pode agora receber ninguém.

Poderia receber-me depois da meia-noite ?

Receio que não. Ele precisa de dormir, compreende.

Oiça, isto é *muito* importante. Pagarei qualquer quantia razoável. Receio que amanhã de manhã seja demasiado tarde.

Porquê ? De que se trata ?

Acabo de saber que minha irmã, que é uma inválida, transferiu todos os seus valores para o nome de seu marido. Aparentemente, aplicou tudo isso em especulações de jogo. Entre estes valores, está um lote de acções referentes às casas de flores que dirijo. Saberei bastante

27

mais a este respeito, por volta da meia-noite e... Oh, por favor, não seria capaz de persuadir Mr. Mason...

Espere um minuto disse Della Street. vou ver o que posso fazer.

Voltou, depois de um intervalo de trinta segundos.

Mr. Mason não acabará de ditar antes da meia-noite e depois, sairá para tomar uma chávena de café. Se quiser estar aqui à uma hora, poderá recebê-la.

Muitíssimo obrigada! Agora, escute. Estou a trabalhar uma testemunha. Chama-se Esther Dilmeyer. Por favor, tome nota disto. vou tentar levá-la aí comigo. Se ela for, por favor, mantenham-na aí e sejam gentis para com ela. Está a par de todos os factos. Duvido que eu possa conseguir qualquer coisa sem ela.

Della Street respondeu:

Terei de inscrevê-la para esta consulta, quer a faça quer não. Se me der o seu nome e morada...

Mildreth Faulkner. Dirijo as Casas de Flores Faulkner.

A minha morada é 819 Whitheley Pines Drive. Tenho telefone. Se desejar, poderei mandar-lhe algum dinheiro, antes da meia-noite.

Isso não será necessário informou Della Street.

Mr. Mason recebê-la-á à uma hora.

Mildreth Faulkner desligou o telefone e, quando se encaminhou para a mesa onde Esther Dilmeyer lhe entregou um bocado de papel dobrado, o seu rosto ostentava uma expressão resoluta.

A que horas acaba aqui o seu trabalho, Esther ?

Oh, posso sair a qualquer altura, depois da uma.

Quero que faça uma coisa.

O quê?

Que vá ao escritório de Perry Mason. É o meu advogado.

Quando ?

À uma hora.

Refere-se a Perry Mason, o advogado que desvendou o caso do assassinio dos Tidings?

28

Esse mesmo.

Esther riu.

Meu Deus, é careiro como o Diabo! Sempre disse que, se alguma vez cometesse um assassinio, assaltaria ao mesmo tempo um banco, de forma a arranjar dinheiro suficiente para que Mr. Mason me defendesse!

Então, que me diz a encontrar-se comigo no escritório de Mr. Mason, à uma hora?

Já não o apanha no escritório a essa hora.

Sim, marquei uma entrevista.

Para que quer que eu vá lá?

Para que Bob Lawley saia do meu negócio. Preci-sarei do seu auxílio para o conseguir... e, se você vai passar a trabalhar comigo, não precisa de importar-se com o que esta gente pensa.

Okay, farei esse jeito. Ouça, talvez chegue uns cinco

| ou dez minutos depois da uma.

Pois sim. vou mandar-lhe umas orquídeas.

Oh, não se incomode.

Não me incomoda nada! Tenho realmente algumas orquídeas que resultaram -da desistência de uma encomenda.

Condirão lindamente com esse vestido e vou mandar-lhas.

Esther Dilmeyer inclinou-se para Mildreth e aconselhou :

Ouça! Se falar com Lynk, seja prudente. E não mencione que divulguei qualquer coisa. Jurei que nunca viraria a casaca, mas você apanhou-me desmoralizada e essa oferta de um emprego... bem, é uma das poucas coisas que nunca me tinham oferecido. Como é que soube que o Bob Lawley andava a ser mungido e a meu

respeito ?

Tentei convencê-lo a trazer umas certas acções...

Oh, mas não se importe. Agora precisa de esquecer-se de tudo isto, Esther. Não deve sequer mencionar seja a quem for que estive a conversar consigo.

Esteja descansada. E você não diga a Lynk que sei
29

que se prepara para aviar-me as malas. Quero que julgue que saio daqui de livre vontade. Esta noite, não deve querer visitas. Tem de ser prudente com ele. E quanto a Sindler Coll e a essa cadelinha de cara ingénua que tenciona cá meter...

Voltou a piscar os olhos; depois, forçou um sorriso e disse:

Ora, para que me estou a ralar ?

Mildreth consultou o relógio de pulso.

Não se preocupe. Agora, tenho de ir andando. Tenho imensas coisas a fazer até à uma hora. Quero visitar Lynk.

Atenção a Lynk avisou Esther. É um tipo mau se tentam forçá-lo. Tem um carácter intratável. Se não estiver disposto a falar, não insista... e não o ameace com Perry Mason.

Mildreth sorriu.

Obrigada. Serei diplomata.

Subitamente, Esther chamou-a.

Ouçá quero fazer jogo franco consigo. Quando trabalho para alguém, dedico-me completamente, mas...

O quê ? incitou Mildreth.

Ouçá, o Lynk pensa que vai atraiçoar-me cá num assunto particular, mas vou mostrar-lhe que não quero ser tratada como uma criada qualquer.

Bastante compreensível apoiou Mildreth mas deixe-me dar-lhe o seu próprio conselho: tenha cuidado com Lynk.

Esther sorriu. Aquele sorriso transfigurou-lhe todo o rosto.

Não pense que ignoro quanto é perigosa a partida que estou a jogar... e não pense que Lynk não suspeitará já de mim, mas tomei uma decisão acerca disso... Bolas! Para que diabo estou a maçá-la com o que sinto? Até à uma hora... talvez até um pouquinho mais tarde.

CAPITULO III

Às onze e trinta, Perry Mason abriu a porta do seu gabinete particular e manteve-a aberta para que Della Street passasse.

Escusa de ficar à espera, Della disse ele. Este resumo levou menos tempo do que eu supunha. Sento-me aí a ler as conclusões prévias até à uma.

Quero ficar consigo à espera.

Mason pendurou o chapéu e o casaco.

Não há nada que você possa fazer. Conversarei com ela e...

Não interrompeu Della. Agora, fico. Já tomei uma chávena de café. Isso significa que não conseguirei adormecer antes de hora e meia.

Mason espreguiçou-se na cadeira giratória. Os seus gestos não tinham as características grosseiras peculiares aos homens altos, de ossos compridos e tronco avantajado. Muitas testemunhas, iludidas pelo modo casual de Mason, ao fabricarem uma história no tribunal, com a certeza absoluta de que dissimulavam completamente quanto prevaricavam, encontravam-se subitamente cara a cara com um par de olhos, duros como granito, e compreendiam, já tarde demais, a beligerância selvagem com que Mason podia derrubar um perjuro, sob as estocadas do

seu cérebro ágil.

Mas, na maioria dos casos, agradava a Mason assumir a atitude sem-cerimoniosa de um bom carácter bonacheirão.

Desagradavam-lhe os meios convencionais de fazer as coisas e esse desagrado patenteava-se nos seus modos e no método de tratar os pleitos.

Della Street, sua secretária, aprendera a conhecê-lo bem. Entre eles, existia essa rara camaradagem que é o resultado de duas pessoas congeniais que se entregam a uma causa comum. Quando as coisas corriam mal, sabiam funcionar com a perfeita coordenação de uma equipa de futebol bem treinada.

31

Mason inclinou a cadeira giratória e cruzou os tornozelos, sobre a esquina da secretária.

Devia ter deixado essa consulta para as horas de serviço disse Della. Teve um dia árduo, e, ainda por cima, com todo esse ditado...

Mason interrompeu com um gesto o comentário.

Este caso não. Ela dá a impressão de se encontrar numa verdadeira embrulhada.

Ora, como o sabe ? Nem sequer atendeu o telefone.

Mas vi a sua cara! respondeu o advogado.

Bem, de facto, ela impressionou-me, mas, mesmo assim, não vejo por que razão não podia esperar até amanhã.

Um advogado é muito semelhante a um médico declarou Mason. Um médico dedica a sua vida a aliviar o corpo de uma pessoa. Um advogado dedica a sua a aliviar-lhes o espírito. A engrenagem da justiça pode, por vezes, desgatar-se, se não for bem lubrificada. Os advogados são os seus engenheiros.

Mason pegou num cigarro, ofereceu outro a Della Street e acenderam-nos com o mesmo fósforo. Exausto por um dia de trabalho árduo, recostou-se na cadeira e descontraíu-se na luxúria de um silêncio completo.

Passados uns cinco minutos, observou contemplativamente :

Uma das primeiras coisas que um profissional deve aprender é que a pessoa que maiores exigências faz quanto ao tempo é geralmente a que não tenciona pagar.

Mas não creio que este seja um desses casos.

Acha que isso é uma regra ? perguntou Della Street.

Absolutamente. O homem que espera pagar a um advogado pelo tempo que lhe toma quer safar-se o mais barato possível. Portanto, nunca se recorre a um advogado para serviços extraordinários, a menos que seja absolutamente necessário. O homem que não tenciona pagar não faz questão quanto ao montante da conta. Por conse-

32

guinte, é perfeitamente capaz de visitar o advogado a qualquer hora da noite, convidá-lo a jogar uma partida de *golf*, nas tardes de sábado, ou vir ao escritório, aos domingos. É sempre a mesma coisa.

Bem, se ela for desse género, disse Della Street vamos mandar-lhe uma conta de quinhentos dólares.

Mason disse:

Vamos tentar falar-lhe pelo telefone. Diga-lhe que acabei o meu resumo mais depressa do que esperava e que, se quiser antecipar uma hora a entrevista, pelo nosso lado, não há inconveniente.

O telefone tocou, precisamente quando Mason acabava de falar.

Della levantou o auscultador e disse:

Está?... Sim, é do escritório de Mr. Mason... Pode falar mais claro?... Quem fala?... Que nome?

Virou-se para Perry Mason e com a mão tapou o bocal.

Está embriagada informou.

A Faulkner ? perguntou Mason.

Não. Esther Dilmeyer.

Ah, sim. A testemunha. Deixe-me falar com ela.

Della passou-lhe o telefone.

Está? Que se passa, Miss Dilmeyer?"

A voz que lhe chegou aos ouvidos era tão espessa que foi com dificuldade que conseguiu ouvir o que ela dizia.

Prometi ir ao seu escritório... Não posso... Envenenada.

Que quer dizer com isso ? perguntou Mason, vivamente.

Envenenada pronunciou a voz, com esforço.

Conseguiram caçar-me!

Os olhos de Mason cintilaram.

Que se passa ? Foi envenenada ?

Isso.

Não está embriagada?

3 -VAMP G 5

33

Esta noite, não... Quis armar-me em esperta...

Apanharam-me primeiro.

Onde está?

As palavras chegavam com um esforço, interrompidas

com intervalos de pesada respiração:

Apartamentos. Caixa de bombons... comi... doente...

Não posso... Não posso... Por favor mande socorro...

Chame a polícia... Chame... Chame...

A conversa terminou com um estrondo como se o telefone

tivesse caído ao chão. Mason disse:

Está! Está!

Mas não ouviu mais nada. Depois, passado um

momento, ouviu o ruído do auscultador colocado no seu lugar, no outro lado da linha.

Della, no momento em que ouvira Mason dizer «Envenenada»,

saltara do gabinete para o P. B. X. e pediu ao

operador que localizasse a chamada, mas foi tarde

demais. O auscultador fora colocado no seu lugar, no

outro extremo do fio, antes de Della ter acabado de explicar

o que queria. Permaneceu junto do P. B. X. o tempo

suficiente para certificar-se de que não era possível localizar

a chamada e, depois, voltou ao gabinete de Mason.

O que foi ? perguntou ela.

Diz que alguém lhe enviou uma caixa de bombons.

Comeu alguns e ficou envenenada. Não há dúvida que

parece estar embriagada ou doente. Agora, o que interessa

é descobri-lhe a morada. Veja se há alguma Dilmeyer

na lista telefônica.

Della percorreu com o polegar as páginas da lista

dos telefones.

Não, não há.

Mason olhou para o relógio.

Essa Faulkner deve saber onde ela mora. Veja se

consegue falar-lhe pelo telefone.

O nome de Mildreth Faulkner vinha na lista assim

como o das Casas de Flores Faulkner. Della conseguiu

34

ligar finalmente para a residência. Uma voz esganiçada

e um tanto ensonada perguntou:

Está? O que há?

Fala de casa de Mildreth Faulkner?

Sim. Que deseja?

Quero falar a Miss Faulkner. É muito importante.

Não está cá.

Sabe dizer-me onde poderei encontrá-la?

Não.

A que horas espera que volte para casa ?
Não sei. Não me disse a que horas vinha e eu não
lho perguntei.
Um momento disse Della. Não desligue.
Conhece uma Miss Dilmeyer... Esther Dilmeyer?
Não.
É muito importante descobrirmos a sua morada.
Mas não sei. E não me telefone a esta hora da noite
para fazer perguntas tolas.
O auscultador bateu no descanso com indignação.
Della acenou a Mason negativamente.
Miss Faulkner não vem antes da uma ? inquiriu
Mason.
Não.
Temos de localizar essa Dilmeyer. A chamada pareceu-me
verdadeira.
Afastou para o lado os documentos que utilizara para
ditar o relatório e disse:
Comando Geral da Polícia, Della.
Um momento depois de conseguida a ligação, Mason
informou:
Daqui fala Perry Mason. Recebi, há uns minutos,
uma chamada telefónica de uma Esther Dilmeyer. Disse
que estava num apartamento. Presumo que seja o apartamento
em que vive, mas não mo indicou. Desconheço
a sua morada. Nada sei a seu respeito, excepto que tinha
uma entrevista com ela, marcada para a uma hora desta
35
madrugada. Devia vir ao meu escritório. É testemunha
de um certo caso. Não sei ao certo do que se trata.
Agora, dê atenção. Disse-me pelo telefone que alguém
lhe enviara uma caixa com bombons envenenados. Parecia
muito doente. A voz era grossa e, aparentemente, ou
a rapariga caiu ou o telefone lhe escorregou das mãos
quando ele estava a falar. Depois, o auscultador foi colocado
no seu lugar. Deu-me a impressão de que supunha
ter sido envenenada para a impedirem de falar.
Não conhece nenhuma morada dela?
Não.
Bem, vamos tentar encontrá-la. Vamos ver se está
registada como votante. É tudo quanto podemos fazer.
Mason disse:
Telefone-me para cá a dizer-me se descobriu alguma
coisa, sim?
Okay, mas sem a morada não podemos fazer coisa
alguma... Onde está?
No meu escritório.
Espera aí até que lhe telefonemos?
Sim.
Okay. Nesse caso, telefonamos-lhe.
Mason desligou, desarredou a cadeira, levantou-se
e ficou de pé com as mãos enterradas nos bolsos das
calças.
Esta coisa está a falhar, Della disse ele. Não
creio que a polícia consiga alguma coisa. Evidentemente
que podem encontrá-la no registo dos votantes...
Miss Faulkner não lhe disse de que é que era testemunha ?
Não.
Recorde-se dessa conversa. Veja se pode...
Espere um momento disse Della. Ela estava
a falar de um cabaret qualquer. Eu ouvia o som de uma
orquestra... Um momento. Recordo-me de ouvir um fundo
musical. Era... Apostaria que era o Hanaleoma's Hawaiins.
Distingui o fundo de música hawaiana e estavam a tocar
36
uma ária da Islândia que ouvi, há duas semanas, na

rádio.

Bem, isso já é uma indicação disse Mason.
Como havemos de descobrir onde a tocavam ?

Creio que sou capaz disso. Vou-me entreter com
as cavilhas do quadro do P. B. X. Veja se descobre outra
maneira de conseguir a morada.

Della dirigiu-se ao P. B. X. Mason pendurou os polegares
nas cavas do colete e passeou pensativo de um lado
para o outro, no aposento, com a cabeça inclinada para
diante.

Daí a pouco, Della entrou a correr no gabinete.

Consegui, Chefe anunciou.

>A morada dela?

Creio que podemos sabê-la.

Qual é?

Os Hawaiins estão no «Corno Dourado». É um clube
nocturno. Liguei para lá e perguntei se conheciam uma
Esther Dilmeyer. A rapariga do vestiário disse que sim.
Informou que Esther Dilmeyer estivera lá, esta noite, mas
que se fora embora cedo, dizendo que estava com dores
de cabeça. Perguntei-lhe se conhecia Miss Faulkner e respondeu-me
que não. Perguntei-lhe também como poderíamos
saber a morada de Miss Dilmeyer e ela disse que
não sabia, que julgava que Mr. Lynk, um dos proprietários,
sabia onde ela residia, mas que esse Mr. Lynk não
estava lá, esta noite, e não era possível encontrá-lo. Disse-lhe
que era importante?

Sim, disse-lhe que era uma questão de vida ou de
morte.

Okay, Della. Ligue-me para o Comando Geral da
Polícia. Veja se consegue... Vejamos...

O tenente Tragg ? perguntou ela.

Sim, acabam de colocá-lo nos Serviços de Homicídio
e ele é um tipo esperto.

O senhor não teria sido responsável pela transfe-
37

rência de Holcomb? inquiriu ela, enquanto fazia a
ligação.

Desenhou-se um sorriso nos cantos da boca do
advogado.

Holcomb foi por si próprio responsável respondeu.

Um diabo de casmurro, obstinado...

O tenente Tragg está a responder.

Olá, tenente! Fala Perry Mason.

Bem, bem, isso é uma surpresa! Não me diga que
descobriu outro cadáver.

É muito possível que sim.

A voz do tenente Tragg tornou-se profissional.

De que se trata?

Mason respondeu:

Tinha uma audiência marcada para a uma hora da
manhã com uma certa Esther Dilmeyer. É testemunha
de um caso. Não sei exactamente do que "se trata. Nunca
a vi. Telefonou-me há cerca de dez minutos e mal podia
falar. Disse-me que tinha sido envenenada. Alguém lhe
enviara bombons envenenados. Dava exactamente a
impressão de que ia desmaiar. É evidente que o telefone
ou lhe escapou das mãos e caiu ou então ela desmaiou,
enquanto estava a falar comigo. Em seguida, colocaram
o auscultador no descanso, antes de eu poder localizar
a chamada.

Não sabe onde ela se encontra ?

Parece que estou em boa pista. Della Street,
a minha secretária, pôs o cérebro a trabalhar rapidamente
e desempenhou um bom trabalho detectivesco. Não
vou perder tempo a contar-lho, mas o resultado é que

foi dar ao «Corno Dourado». É um clube nocturno. Esther Dilmeyer é aí conhecida e esteve lá, esta noite, mas, aparentemente, os empregados subalternos ignoram a sua morada. Lynk, que dirige a casa, sabe onde ela mora, mas está fora. Isto é a história em comprimidos. Que acha?

Parece uma coisa muito vaga! comentou o tenente Tragg.

Deve haver algum ponto por onde se lhe pegue.

Bem, depois não diga que não lho participei frisou Mason. Se alguém descobrir o cadáver, amanhã de manhã, e...

Um momento, interrompeu Tragg. Refreie os seus cavalos. Onde está você agora?

No meu escritório.

Quer dar uma saltada ao «Corno Dourado» você quer?

Sim.

Okay.

Irei buscá-lo dentro de cinco minutos anunciou Tragg. Se você pudesse estar à minha espera, em baixo, no passeio, isso pouparia imenso tempo.

Acha que podemos conseguir alguma coisa pelo telefone?

Duvido respondeu Tragg. Não levaremos mais do que alguns minutos a lá chegar. Esteja pronto para saltar para o carro, quando ouvir a sereia.

Estarei lá em baixo prometeu Mason.

Desligou o telefone, dirigiu-se ao vestiário e agarrou no casaco e no chapéu.

Okay, Della disse ele. Fique aqui. É possível que eu volte um pouco mais tarde.

O elevador levou um minuto ou dois a subir até ao andar de Mason. O guarda de noite despejou-o ao nível da rua e Mason não teve que esperar um minuto, à esquerda, para ouvir o apito de uma sereia, ver o fulgor vermelho-sanguíneo de um farol e a seguir o tenente Tragg, travando um carro da polícia junto à curva. Mason abriu a porta e saltou para dentro. Tragg acelerou o carro a uma tal velocidade que a cabeça de Mason foi impelida para trás quando a máquina saltou para diante.

Tragg manteve-se calado, concentrando-se na condução do carro. Devia ter a idade de Mason. As suas feições

39

estavam delineadas por traços vivamente gravados.

A testa era alta, os olhos vivos e pensativos. Era um tipo completamente diferente do sargento Holcomb. Mason, estudando-lhe o perfil, enquanto o carro gemia através das ruas, compreendeu que aquele homem podia, na verdade, constituir um antagonista muito perigoso.

Segure-se aconselhou Tragg quando o carro rosnou numa curva.

Parecia gozar a excitação de deslizar através do trânsito com a sereia ligada e o motor a roncar, mas, apesar de tudo, aquele homem estava tão calmo e isolado como um cirurgião procedendo a uma operação delicada. O seu rosto mostrava uma absoluta concentração e uma inteira ausência de nervosismo.

Tragg deslizou para uma paragem em frente do «Corno Dourado». Os dois homens saltaram do carro e atravessaram a correr o passeio. Um porteiro enorme, com um uniforme esplendoroso, barrou-lhes o caminho.

Que se passa ? perguntou com uma lentidão que parecia um desafio insolente à pressa com que iam.

Tragg empurrou-o prontamente para o lado com violência.
O porteiro hesitou um momento como se se perguntasse se devia deter o oficial e, depois, atirou-se a um tubo de comunicação construído na parede. Assobiou vivamente três vezes.

Tragg seguia à frente.

A rapariga do vestiário sabe qualquer coisa avisou Mason.

Tragg dirigiu-se ao balcão e mostrou a estrela à rapariga.

Esther Dilmeyer? perguntou. Onde podemos encontrá-la ?

Meu Deus, Mister, não faço a menor ideia! Já, há pouco, alguém fez essa pergunta pelo telefone.

Conhece-a ?

Sim.

Ela trabalha aqui?

40

Bem, de certo modo...

Recebe uma comissão pelo seu trabalho?

Não sei.

Quem sabe ?

Mr. Magard ou Mr. Lynk.

Onde estão?

Esta noite, Mr. Lynk está fora e não sei onde pára agora Mr. Magard. Tentei falar com ele, depois da jovem ter telefonado, mas não consegui encontrá-lo.

Esta casa funciona sem ter quem a vigie ?

Ordinariamente, está cá *um* ou outro. Mas, esta noite, por acaso, não está nenhum.

Quem mais pode saber ? A caixa ? Algum dos criados ?

Ela abanou a cabeça negativamente.

Penso que não. Andei a investigar. vou dizer-lhe quem penso que o saiba.

Quem ?

Sindler Coll.

Quem é ele ?

O rapaz dela.

Vivem juntos?

A empregada do vestiário desviou o olhar.

Vamos, pequena. Não sejas envergonhada. Bem ouviste o que perguntei.

Não, penso que não.

Onde podemos encontrar Coll ?

Julgo que a caixa tem a morada dele. De vez em quando, ele desconta um cheque.

O tenente Tragg agradeceu:

Obrigado. A cabeça que trazes sobre os ombros, minha pequena, é tão boa como bonita! Vamos, Mason.

Atravessaram a pista de dança, deixando para trás a multidão de pares que se moviam lentamente ao ritmo da música. Tragg pediu indicações a um criado, avançou um pouco mais e encontrou a caixa dentro de uma gaiola, situada entre o restaurante e o cabaret.

41

Tragg mostrou-lhe o distintivo.

Conheces um tal Sindler Coll ?

Ela olhou-o, hesitante, debatendo-se, aparentemente, na dúvida do que havia de dizer.

Vamos disse Tragg. Dá sinal de vida. Conhece-lo?

S-s-s-sim.

Onde podemos encontrá-lo?

Não sei Que fez ele?

Que eu saiba, nada.

Porque anda à procura dele?

Ouve, pequena, não tenho tempo para contar-te a história. Preciso de Coll e preciso dele com urgência. Qual é a sua morada?

Vive nos Apartamentos Everglade.

Em que apartamento?

É só um momento.

Abriu uma gaveta e tirou um livro de moradas. Tremiam-lhe os dedos nervosamente, enquanto virava as páginas.

Por acaso, não terão aí, a morada de Esther Dilmeyer ?

Não. A rapariga do vestiário veio perguntar-ma, há alguns minutos. Que se passa?

Nada respondeu Tragg. Dá-me só a morada de Coll e despacha-te.

Fica no segundo andar, dos Apartamentos Everglade.

É no n.º 209.

Tem telefone ? ?

Não sei. Não tenho aqui o número.

Conhece-lo de vista, não é verdade ?

Oh, sim.

Não esteve aqui esta noite?

Não.

Se tivesse aqui estado tê-lo-ias conhecido ?

Sim.

VÊS, geralmente, os clientes que cá vêm?

43

Bem... Nem todos, mas...

Compreendo. Coll é uma pessoa especial, hem ?

Bem, aparece de vez em quando disse ela, corando por baixo das camadas de *rouge*.

Tragg disse a Mason:

Bem, vamos tentar encontrar Coll nos Apartamentos Everglade... Ouve, pequena, quem dirige este lugar ?

Dois homens, sócios, Clint Magard e Harvey J. Lynk.

Sabes onde está algum deles ?

Não. Lynk tem uma cabanazita em qualquer parte.

Vai para lá descansar.

Para descansar, hem ? comentou o tenente Tragg, olhando de relance para Mason. Onde fica isso ?

Não sei bem. Fica lá para cima, no Lilac Canyon...

E Mr. Magard, nesta altura, não está cá.

Não sabes onde está Mr. Magard?

Não. Pode entrar de um momento para o outro.

Quando ele voltar, diz-lhe que ligue para o Comando Geral da Polícia e pergunte pelo sargento Mahoney. Que diga a este tudo o que souber acerca de Esther Dilmeyer, não te esqueças. Telefonarei para cá daqui a pouco. Que número é este?

Exchange 3-40.

Escreve-o indicou Tragg.

Ela garatujou o número num bocado de papel.

Okay. Que Magard não deixe de ligar **para o** Comando Geral.

Quando se vinham embora, Mason observou:

Nunca antes tivera ocasião de apreciar devidamente a vantagem de se ser um cidadão calado.

Está a tornar-se sarcástico ? perguntou Tragg.

Não, simplesmente a fazer uma observação.

Temos de tratá-los assim, caso contrário começam a tagarelar connosco e nunca conseguimos nada. As pessoas parecem esquecer-se de que recebemos continua-

43

mente chamadas de emergência e não temos tempo para

palrar ou para deixarmos os outros dirigir a conversa.
Temos de mantê-los na defensiva para chegarmos a qualquer resultado.

Passaram, entre apertões, pela pista de dança e, já nas escadas que conduziam ao passeio exterior, Tragg perguntou:

Sabe alguma coisa acerca desta casa, Mason ?

Não. Porquê ?

Cheira-me a esturro. Qualquer dia faço-lhe uma rusga.

Porquê ?

Esse porteiro... Em primeiro lugar, é um pugilista profissional.

Como sabe ?

Pela maneira como reagiu. Repare no modo como atirou o ombro esquerdo para a frente, quando julgou que ia haver sarilho. Deu um mergulho, direito a um telefone, quando entrámos, como se prevenisse alguém de uma rusga da polícia. Repare na orelha que parecia uma couve-flor... a esquerda.

Quando saíram, o porteiro matulão olhou-os com fria hostilidade. Tragg, quando passava por ele em direcção ao carro, virou-se subitamente e espetou o indicador no peito do homem.

És grande, comentou és rijo e estás gordo !

Já não és tão rápido como eras e ainda por cima és burro.

Nunca desconfiei que houvesse qualquer coisa de censurável

nesta casa, antes de mo dares a entender. Devias

contar isto ao teu patrão. Quando cá voltar a bater

à porta, hei-de agradecer-to. Se não lho contares, conto-o

eu. Para a próxima vez, cumprimenta. Boa noite !

Dirigiu-se para o carro, deixando o matulão no seu esplendoroso uniforme, a mirá-lo com olhos espantados e abrindo a boca lentamente.

Tragg ria-se, enquanto ligava a ignição.

Foi só para que ficasse entretido a pensar em qual-

44

quer coisa gracejou e virou o carro a meio do quarteirão, adquirindo velocidade, enquanto premia o botão da sereia.

O projecto original dos Apartamentos Everglade incluía um empregado de recepção, um operador de P. B. X. e rapazes para os elevadores. Porém, a corrida para uma maior economia convertera-os a ascensores automáticos e a um átrio usado simplesmente para fins ornamentais.

O tenente Tragg comprimiu o polegar contra o botão oposto ao nome de Sindler Coll, do lado exterior da grande porta de vidro através da qual se podia avistar uma parte do átrio.

Sem sorte ? perguntou Mason, passado alguns momentos.

É verdade ! respondeu Tragg e carregou no botão que indicava GERENTE.

Ao terceiro toque, uma mulher indignada, em roupão e chinelas, abriu a porta de um dos apartamentos inferiores e atravessou o átrio em direcção à porta, arrastando os pés. Durante um longo momento, ficou-se a contemplá-los através da placa de vidro e, em seguida, abrindo um pouco a porta, perguntou:

Que querem ?

Queremos Sindler Coll respondeu Tragg.

O rosto ensombrou-se-lhe de indignação.

Ora, que descaramento!... Aqui está a campainha dele. Toquem-na!...

Não responde.

Não sou ama-seca dele !

Começou a encostar a porta. Tragg abriu o casaco
[e mostrou-lhe a insígnia.

Não se preocupe, senhora ! Precisamos de encontrá-lo. É importante.

Bem, não faço a mínima ideia do sítio onde pára.

Isto aqui é um lugar respeitável e...

Certamente que sim, senhora facilitou Tragg com

45

doçura e não quer colocar-se mal por recusar-se a cooperar com a polícia quando esta precisa de uma ajuda. Pelo modo como as coisas estão agora, este lugar tem uma bela reputação, e temo-la a si registada como uma cidadã obediente à lei e respeitadora da ordem. A sua expressão suavizou-se.

Bem, sou-o sim, senhor !

Certamente que o é. Oh, temos o bairro muito bem vigiado e sabemos tudo quanto se passa. Sabemos com quem podemos contar e com quem não podemos e é por isso que os bancos e as companhias hipotecárias que andam à procura de gerentes para casas de apartamentos nos telefonam frequentemente a perguntar-nos que espécie de folha de serviços o indivíduo teve no último emprego. Ficaria surpreendida se soubesse como as pessoas mais importantes são cuidadosas ao arranjar, gerentes que estejam em boas relações com a polícia.

Bem, calculo! disse ela.

A hostilidade desaparecera-lhe da voz. Parecia ansiosa por fazer-lhes ver que nada tinha de tola.

Pelo modo como as coisas andam agora, não se pode ser muito exigente. Mas, se há alguma coisa em que eu possa ser-lhes útil... alguma coisa.

Gostaríamos que nos informasse do que sabe a respeito de Coll... não acerca dos seus hábitos, mas do sítio onde poderíamos encontrá-lo. Sabe alguma coisa a seu respeito ou quem são os seus amigos ?

Não, não sei. Nesse aspecto, não posso ajudá-los. É um sujeito sossegado, mas muito popular. Há muitas pessoas que vêm visitá-lo.

Homens ou mulheres ?

Principalmente... bem, algumas mulheres. Não nos importamos com os nossos locatários, desde que sejam sossegados.

Conhece uma certa Esther Dilmeyer ?

Não, não conheço.

Tragg disse:

46

Precisamos de apanhar Coll, logo que ele volte. Importava-se de se vestir e de esperar aqui no átrio até que o visse entrar ? Depois, ligue para o Comando Geral da Polícia e pergunte pelo tenente Tragg. Sou eu. Se eu não estiver, fale com o sargento Mahoney, e ele dir-lhe-á o que tem a fazer.

Terei muito gosto disse ela. Levo apenas um minuto.

Ajustando o roupão ao corpo, atravessou o átrio, arrastando os pés, e desapareceu pela porta do seu apartamento.

Tragg virou-se para Mason e arreganhou os dentes num sorriso.

Não lhe parece muito estranho estar a cooperar com a polícia ?

A resposta de Mason não se fez esperar.

Não. O que é estranho é sentir a polícia a cooperar comigo.

Tragg deitou a cabeça para trás e riu. Depois de passados uns momentos, pediu:
Ora, conte-me este caso, Mason.

Que caso ?

Não me disse que Esther Dilmeyer era uma testemunha ?

Ah, sim. É um caso civil de que lhe não posso fornecer pormenores sem consentimento da minha constituinte. Dir-lhe-ei apenas isto. Uma certa Mildreth Faulkner, que possui as Casas de Flores Faulkner, telefonou-me e combinou uma consulta para a uma hora.

Da tarde ? perguntou Tragg.

Não, da manhã. Primeiramente, solicitou uma entrevista para as dez e meia da manhã. Depois, voltou a telefonar, muitíssimo excitada, e disse-me simplesmente que tinha de ver-me a qualquer hora desta noite.

Eu estava a trabalhar num relatório. A minha secretária informou-a de que eu não estaria despachado antes da meia-noite e pico e oferecemos-lhe uma audiência para

47

a uma hora pensando que isso a faria desistir. Agarrou-se a essa oferta e pediu-me que estivesse alerta para uma certa Esther Dilmeyer que era uma testemunha importante.

Concluí que o testemunho de Dilmeyer seria imprescindível para a boa solução do seu caso.

Nesse caso, a dedução lógica é que alguém estava a par disso e envenenou Dilmeyer para a impedir de falar. Mason concordou com um gesto de cabeça.

Tragg continuou:

Comecemos então o trabalho pela outra ponta. Descubramos, por intermédio de Mildreth Faulkner, quem são as partes adversas. Vamos começar por apertá-las.

Não pudemos encontrar Miss Faulkner. Della Street, a minha secretária, tem estado a tentar encontrá-la. Está ainda no escritório a tentá-lo.

Tragg arremessou-se em direcção a uma cabina telefónica e disse:

Telefone-lhe.

Mason entrou na cabina e telefonou para o seu escritório.

Tragg permanecia de pé com o braço estendido e a mão apoiada na borda da porta de dois batentes da cabina, apoiando todo o seu peso naquele braço.

Está, Della ? perguntou Mason. Alguma novidade ?

Não fui capaz de conseguir nada respondeu ela.

Descobri que há três ramos das Casas de Flores Faulkner, cada um deles com um telefone próprio. Tenho estado a ligar para os três, consecutivamente.

Nenhuma resposta ?

Nenhuma.

Bem, conseguimos uma pista: um homem chamado Coll, mas não sabemos onde pára. Deixei recado para que Magard, o sócio de Lynk, telefone logo que chegue.

Vou deixar uma das linhas livre para as chamadas que façam para cá e vou utilizar a outra para as minhas.

Mason disse:

48

Se conseguir alguma morada, telefone directamente para o Comando Geral da Polícia.

Diga-lhe que pergunte pelo sargento Mahoney.

Pergunte pelo sargento Mahoney continuou Mason. Diga-lhe que mande alguns agentes das rádio-patrulhas ao apartamento dela e que arrombam a porta, se for necessário.

Mason desligou e perguntou:

Acha que há qualquer vantagem em ligar para o «Corno Dourado» ? No fim de contas, Magard pode não ter telefonado.

É melhor ser eu a fazê-lo disse Tragg.

Esperou que Mason emergisse da cabina; depois, entrou e marcou o número do clube. Mason, de pé do lado de fora

da cabina, baixou a vista e viu uma coisa branca debaixo do assento do telefone. Baixou-se e apanhou-a.

Que encontrou aí ? perguntou Tragg.

Um lenço respondeu Mason. Um lenço de
; mulher. vou dá-lo à gerente. Tem uma inicial... A letra
«D»...

O braço do tenente Tragg emergiu da cabina acenando freneticamente a Mason. O advogado apressou-se. Tragg, com a mão apoiada ao bocal, disse:

Magard acabou de entrar... de acordo com o que diz a rapariga Devia já lá estar há algum tempo, mas resolveu não se incomodar com o telefonema. vou chamá-lo...

Está, Magard ? Daqui fala o tenente Tragg, do Comando Geral. Deixei-lhe recado para que telefonasse. Porque não o fez ?... Bem, é estranho que você tivesse entrado *precisamente* quando eu estava a telefonar.

Seguiu-se um intervalo, durante o qual o auscultador , > transmitia ruídos e o tenente Tragg piscava o olho . a Mason.

; Bem interrompeu o oficial, abruptamente todas essas explicações não me interessam. Quero saber onde vive Esther Dilmeyer. Ela tem um apartamento em
4 - VAMP G.5

49

qualquer parte e quero lá ir imediatamente... O quê ?...

Bem, deixe-se de conversas e responda-me a isto.

Tragg voltou a tapar o bocal com a mão e disse:

Sei que ele agora está a encobrir qualquer coisa.

Jorrou pelo telefone uma quantidade de explicações e de desculpas. É um indício seguro. Creio que estamos em boa pista... retirou a mão e continuou. Sim. Está ?

Ela não trabalha para si ?... Bem, onde *pode* você saber isso ?... Está certo disso ?... Agora, oiça, é importante e não quero qualquer subterfúgio... muito bem, muito bem, você não faz a mínima ideia... Então, espere um momento. Ela tem um cartão de seguro social ?... compreendo.

.. Agora, oiça, posso precisar de voltar a contactar consigo. Não saia daí, sem deixar um número de telefone para onde lhe possamos falar.

Desligou, virou-se para Mason e disse:

Isto é diabolicamente estranho.

Ele ignora onde ela vive ?

Ignora. Alega que ela teima em que uma rapariga pode ser empregada num *cabaret* e manter a sua respeitabilidade enquanto ninguém lhe conhecer a morada.

Cheira-me a falso.

A mim também apoiou Mason.

Seja como for, é uma versão. Ele declara que ela nunca lhe deu a morada, que trabalha à base de percentagem e que, portanto, não a considera uma empregada.

Abriu-se a porta do apartamento da gerente. Esta, envergando uma bata, encaminhou-se ao encontro deles.

O rosto a que concedera, um tanto desigualmente, uma generosa aplicação de carmim, estava enfeitado com o sorriso inalterável de quem tem prática em insinuar-se no espírito de estranhos. Soltou um «Olhem» e virou-se para a porta. Os dois homens seguiram-lhe o olhar.

Através da placa de vidro, avistaram a silhueta magra de um rapaz a subir os degraus da entrada e introduzir uma chave na fechadura da porta.

A gerente teve tempo de anunciar «É Coll» antes de

50

a porta se abrir. Tragg esperou que o homem estivesse bem no caminho do elevador, notando-lhe o andar apressado e a excitação que parecia dominá-lo.

Vai apagar algum fogo ? perguntou.

Só então o homem pareceu aperceber-se deles, estacou e fitou-os.

A gerente disse, insinuantemente:

Mr. Coll, estes senhores...

Deixe-me explicar interrompeu Tragg, avançando e abrindo o casaco para que Coll pudesse ver-lhe a estrela.

A reacção de Coll foi instantânea. Deu meia-volta para a porta de vidro, como se fosse correr. com um esforço, dominou-se e virou para Tragg um rosto lívido. Tragg guardou um silêncio de mau agoiro, quando viu que a expressão de Coll começava a crispar-se. Este inspirou fundo. Mason viu que as mãos se lhe fechavam agressivamente.

Então, que é isto ? perguntou.

Tragg levou algum tempo a responder. Ambos estudavam

Coll. Era um individuo de ossos pequenos, de quadris estreitos cujo casaco estava fortemente almofadado nos ombros. A própria tez do rosto indicava que habitualmente andava sem chapéu e ao ar livre, O cabelo, preto e lustroso, estava puxado para trás, com uma ondulação regular que sugeria a mão de um cabeleireiro profissional.

Apesar dos seus cento e cinquenta e cinco centímetros de altura, não pesaria muito mais do que cinquenta e nove quilos.

A voz de Tragg denotava a beligerância agressiva de um oficial de polícia tratando com um violador da lei.

Que pressa é essa ?perguntou.

Queria ir deitar-me.

Naturalmente, é como tem estado até agora !

Eu...os lábios fecharam-se numa linha delgada. de silêncio.

Tragg declarou:

51

Queremos uma informação.

Qual é ?

Conhece Esther Dilmeyer ?

Que há com ela ?

Andamos a tentar localizá-la. O senhor constitui uma pista.

Isso é... tudo quanto querem ?

Por ora esclareceu Tragg.

O ar de alívio do rosto de Coll foi quase cómico.

Disse:

Dilmeyer... Esther Dilmeyer... empregada num clube nocturno, não é verdade?

Isso mesmo.

Coll tirou da algibeira um bloco de notas, começou a manusear desajeitadamente as páginas, mas, aparentemente compreendendo o interesse de Tragg na mão trémula que segurava a agenda, fechou-a abruptamente, guardou-a na algibeira e disse:

Lembro-me agora. Mora nos Apartamentos Molay

Arms.

Qual é o número do apartamento ?

Coll franziu a testa como que a concentrar-se e respondeu:

Três vinte oito.

Quando a viu pela última vez ?

Ora... ora, não sei, de repente.

Há uma semana, há uma hora ?

Oh, provavelmente ontem, a qualquer hora. Ela trabalha no «Corno Dourado». vou lá, de vez em quando.

Okay disse Tragg vá para a cama e voltando-se para a gerente. Já não precisamos de si.

Obrigado pela cooperação... Os Apartamentos Molay Arms ficam na Jefferson Street, não é verdade, Coll ?

Creio que sim.

Tragg fez um sinal a Mason e disse:

Venha daí !

Os Apartamentos Molay Arms ficavam num pequeno

52

edifício. Aqui, de novo encontraram uma porta fechada à chave, uma série de caixas de correio e de campainhas.

Como não respondessem dos aposentos de Esther Dilmeyer,

Tragg voltou a despertar a gerente e ordenou-lhe que lhes abrisse. Subiram dois lanços de escadas e percorreram um corredor estreito, coberto por uma passadeira fina, perfumado com odores rançosos e com as emanções húmidas que provinham de um lugar deficientemente ventilado onde estavam pessoas a dormir.

O três vinte oito ficava no ângulo sudeste. Escoava-se uma luz por cima da bandeira da porta. Tragg bateu, não recebeu resposta e ordenou à gerente:

Okay, abra-a.

Ela hesitou por um momento e, depois, introduziu a chave. A fechadura cedeu.

No chão, próximo da porta, jazia o corpo de uma mulher loira, envergando um fato de saia e casaco de lã, com meias claras e sapatos de *golf*, com sola de borracha.

O telefone caíra de uma mesinha, de pernas incrivelmente delgadas, para o chão. Sobre a mesa, encontrava-se aberta uma caixa de bombons e um papel de embrulho no qual a caixa fora evidentemente envolvida rodeava-lhe os cantos. A tampa estava levemente desviada para um lado. Sobre ela, havia um cartão manchado de "chocolate", dizendo «Isto fá-la-á sentir-se melhor» e assinado com as iniciais «M. F.». Os chocolates estavam embalados em forminhas de papel. Um espaço vazio na camada superior fornecia a única indicação do número que fora comido. Mason, com um rápido exame, calculou que faltavam oito ou dez na camada superior da caixa. A inferior parecia intacta.

Tragg inclinou-se sobre a mulher, apalpou-lhe o pulso e disse à gerente:

Vá lá abaixo. Ligue para o sargento Mahoney do Comando Geral. Diga-lhe que o tenente Tragg encontrou a rapariga Dilmeyer e os bombons com que é evidente

53

ter sido envenenada. Diga-lhe que mande depressa os peritos de impressões digitais e uma ambulância.

Mason dobrou um joelho para examinar o corpo inanimado.

Não a poderíamos reanimar ? perguntou.

Tragg voltou a tomar-lhe o pulso.

O rosto estava ligeiramente congestionado. A respiração era vagarosa e parecia difícil. A pele estava morna, ao contacto da mão.

Mason observou:

Mais parece o efeito de uma droga do que um veneno activo. Talvez a possamos reanimar.

Podemos tentá-lo disse Tragg. Ponha-a de costas. Okay. Veja se arranja umas toalhas quentes e frias. Começaremos pelas frias.

Mason despejou água no lavatório, ensopou uma toalha de banho, torceu-a e atirou-a a Tragg. Este molhou o rosto e a cara da rapariga e suavemente começou a bater-lhe no rosto com a toalha. Passados uns momentos, levantou-lhe a blusa, baixou-lhe a parte de cima da saia e aplicou directamente as toalhas frias sobre a pele nua, acima do estômago.

Não dava o mais leve sinal de recuperar os sentidos.

Quer uma quente, agora ? perguntou Mason.

Sim, tentemos essa.

Mason abriu a torneira da água quente, encontrou uma toalha limpa na gaveta inferior do toucador e pô-la a fumar. Atirou-a a Tragg, recebeu, em troca, a fria e segurou esta sob a torneira da tina.

Durante cinco minutos, Tragg trabalhou alternadamente com toalhas quentes e frias.

Não serve de nada declarou. Essa ambulância já cá devia estar olhou para o telefone e disse: Não quero tocar-lhe. Tenha cuidado no que toca, Mason, especialmente nos bombons ou no papel de embrulho.

Mason fez um gesto de cabeça afirmativo e fechou a água da banheira. Tragg levantou-se. Mason foi exami-

54

nar o cesto dos papéis. Depois, abriu a porta do armário da parede para fatos e olhou para dentro.

Havia meia dúzia de vestidos de noite, caros e sapatos a condizer. Em compensação, os vestidos para uso diário pareciam bastante usados e pouco numerosos.

Tragg disse, impacientemente.

Não sei se ela conseguiu ligar para Mahoney ou não. Acho que seria melhor descermos e...interrompeu-se ao ouvir o toque de uma sereia.

Deve ser agora anunciou. Deixemo-los tomar a responsabilidade.

Mason disse:

Há uma coisa que eu quero, Tragg: que seja o meu próprio médico a encarregar-se deste caso. Quero que esta mulher seja levada para o Hastings Memorial Hospital, que seja instalada num quarto particular e quero que o dr. Willmont coopere com qualquer médico que seja consultado.

Willmont, hem ?

Sim.

Quem paga ?

Eu.

Porquê ?

Porque estou interessado.

O tenente Tragg apontou para a nota no cartão:

Reparei nas iniciais «M. F.» desse cartão declarou.

E então ?

Mildreth Faulkner.

Mason disse:

Bolas! Uma pessoa não manda a outra uma caixa de bombons envenenados com um cartão destes para que a polícia a descubra.

Nunca se sabe opôs Tragg. As regras nada significam a não ser de um modo geral. E, mesmo assim, nada significam quando se trata de crimes praticados por mulheres.

55

E, portanto, pensa que não quero que ela morra só porque protejo a envenenadora. Uma pessoa que nem sequer é minha cliente, que não conheço e nunca vi; mas com quem tenho unicamente uma consulta marcada para... consultou o relógio de pulso. Exactamente daqui a quinze minutos.

Tragg riu-se e disse:

Bem, quando você fala dessa maneira, soa-me realmente falso. Acho que não há qualquer inconveniente em levá-la para o Hastings Memorial Hospital... se conseguir que o dr. Willmont a trate.

Posso tentar respondeu Mason. Creio que há um telefone no apartamento da gerente.

Encaminhou-se rapidamente para as escadas e encontrou,

no corredor, dois homens vestidos de branco que transportavam uma maca.

Lá em baixo, ao fundo do corredor, rapazes indicou Mason. Esperem por mim à porta da rua. Dir-lhes-ei para onde devem levá-la.

CAPITULO IV

Perry Mason abriu o fecho da porta do seu gabinete particular. Della Street estava sentada a um canto da secretária com a mesinha do telefone puxada para junto de si.

Olá ! saudou Mason. Estou quase dez minutos atrasado. Há alguma coisa acerca da nossa cliente ?

Não.

Creio que foi um falso-alarme, no fim de contas. Isto curar-me-á de dar consultas à noite, no escritório.

Como está Esther Dilmeyer ?

Está no Hastings Memorial Hospital. Falei com o dr. Willmont pelo telefone. Foi para lá a correr para ver retirarem-na da ambulância. Parece tratar-se de qualquer droga, mas é cedo demais para dizê-lo. Algumas vezes, uma droga que provoca o sono é ingerida para

encobrir os efeitos de qualquer outro veneno. Contudo, pressinto que a encontrámos a tempo e que vai livrar-se do aperto.

Pregou algum susto a Magard ?

Parece-me que sim, isto é, o tenente Tragg foi quem lho pregou ! Parecia completamente sucumbido.

Magard telefonou ?

Sim. Telefonou a dizer que soubera que tinha estado no «Corno Dourado», com um oficial, à procura de informações; acrescentou que dera ao oficial a informação que queria e perguntava se havia mais qualquer coisa que pudesse fazer por si.

Mason riu-se por entre dentes.

Que lhe respondeu ?

Agradei-lhe e disse-lhe que estava bem.

Mason consultou o relógio de pulso.

Bem, acho que podemos pôr-nos a andar e considerar isto uma boa lição... Espere um momento. Vem aí

alguém.

Podiam ouvir o rápido clique-claque... clique-claque de saltos no corredor.

Mason abriu a porta.

Mildreth Faulkner agradeceu:

Muito obrigada, Mr. Mason, por ter __ esperado. Lamento chegar atrasada, mas foi-me impossível vir mais cedo.

Mason observou-a cuidadosamente e convidou:

Entre, Miss Faulkner. A minha secretária, Miss Street apresentou. Sente-se nesta cadeira, por favor. Está ofegante e excitada. Que diz a um cigarro?

Não, obrigada. Tenho de ser rápida, Mr. Mason.

Que é que corre mal ?

É uma longa história. Mal sei por onde começar.

Bem, comece mesmo pelo meio alvitrou Mason. e ande para diante.

Ela riu-se.

É assim: minha irmã Carlotta e eu fundámos

57

as Casas de Flores Faulkner. Isto foi antes de Carla casar. Cada uma de nós possuía metade das acções excepto um pequeno lote de cinco acções que demos a uma das nossas empregadas para a habilitarmos de forma a haver três no quadro da direcção.

«Harry Peavis é um grande concorrente. Dirige quase

todo o negócio de revenda de flores na cidade. Sempre gostei dele. Sob alguns aspectos, é bastante simples, mas é um bom negociante, astuto, mal-educado, ocasionalmente com uma certa falta de tacto e com bastante talento natural.

Onde aparece ele em cena ? perguntou Mason.
Conseguiu adquirir as cinco acções que tinham sido dadas à nossa empregada.

Mason franziu o sobrolho.

Porquê ? Pretende intrrometer-se no vosso negócio ?
Pensei nisso, na altura. Quando apresentou o lote das acções para transferência, gracejou, manifestando a intenção de ser um sócio não interveniente, mas creio agora que, atrás disso, se esconde um intento muito mais sinistro.

Continue.

Minha irmã casou-se há pouco mais de um ano...
há cerca de dezoito meses.

com quem ?

com Robert C. Lawley.

Que faz ele ? perguntou Mason.

Ela esboçou um pequeno gesto que foi mais significativo do que palavras e disse:

Administra o dinheiro de minha irmã.

Isso é suficiente para mantê-lo ocupado ?

Era quando havia maior quantidade.

Mason sorriu.

Depreendo que as coisas não têm caminhado muito bem sob a direcção de seu cunhado.

Não tem, não.

Que diz sua irmã a isso ?

Carla adoeceu do coração há cerca de um ano.
Não consultou logo um médico quando devia. Manteve-se numa actividade terrível e, quando se viu obrigada a recorrer a ele, estava muitíssimo mal. O médico diz que levará muito tempo a restabelecer-se. Entretanto, não deve excitar-se nem preocupar-se.

Ela conhece o verdadeiro estado das finanças ?

Mildreth Faulkner respondeu com ternura:

Espero em Deus que sim !

Mas nunca lho perguntou ?

Não falamos acerca do marido respondeu.

Nunca gostei dele. Carla pensava que eu nutria contra ele ideias preconcebidas.

Ela ama-o ?

É louca por ele. Ele é bastante esperto para conservá-la assim. Um pouco de adulação e essas pequenas atenções por que as mulheres suspiram é quanto basta. Bem sabe o que acontece a um homem quando a mulher é que tem o dinheiro. É uma pena que mais homens não possam aprender essa lição !

- Deduzo que, em primeiro lugar, não aprovou o casamento.

Certamente que não. Sempre considerei Bob um indolente, um caçador de fortunas e um pretensioso.

Ele sabe isso ?

- Sabe. Oh, temos tentado mostrarmo-nos civilizados a esse respeito. Temo-lo conseguido. Ocasionalmente, antes de Carla adoecer do coração, íamos fazer fins-de-semana juntos e Bob era tão amável para comigo que até incomodava ! Depois, Carla olhava para mim como que a dizer: «Não vês como é tão janota, Millie?»

E o que fazia ? perguntou Mason.

Eu tentava ser tão obsequiadora como ele mas, por dentro, fervia. Não me importo com um homem que francamente não presta, mas odeio as gentilezas hipócritas.
Mason comentou:

Bem, isso é cenário. Que se segue ?

Bob desfrutava da inteira confiança de Carla. Quando adoeceu do coração, Bob começou a administrar todos os seus negócios. Quando ela lhe fazia perguntas, ele respondia que não era altura de se preocupar com pormenores do negócio e que as coisas iam excelentemente.

você não acreditava nisso ?

Sabia que não era verdade.

Como ?

Bem, foi há cerca de uma semana. Bob teve um acidente de automóvel. Ninguém teria desconfiado se não fosse a maneira como começou a fornecer uma torrente de explicações. Quando chegamos a conhecer Bob, é como um livro aberto. Se tencionava mentir, ensaia-se com tanto cuidado e tudo se apresta tão perfeitamente que... bem, bem, é simplesmente bem demais para ser verdadeiro. É como uma açucena dourada ou uma rosa pintada.

Então ele mentiu acerca do acidente do automóvel ?

Sim... quando o interroguei a esse respeito.

você começou a pô-lo em cheque ?

Corou levemente e respondeu:

Quando Peavis apareceu e pediu que anotasse a transferência desse lote de acções nos livros da sociedade, comecei a pensar uma quantidade de coisas. Compreendi imediatamente que, se alguém controlasse aquelas cinco acções e depois pudesse conseguir o lote de Carla, ficaria com a gerência da sociedade. Suponho que foi muito insensato da nossa parte, mas nunca pensámos em nada desse género porque era um negócio inteiramente familiar. Tinha-me até esquecido desse lote de cinco acções, porque nos tínhamos lançado no negócio e obtínhamos quanto pretendíamos. Nunca tivemos uma reunião de directores e durante três anos não houve uma única reunião de accionistas. Mas, seja como for, essas cinco acções representam o direito de direcção.

Presumo que vai declarar-me que seu cunhado procurou obter o controle do lote de acções de sua irmã ?

60

É isso exactamente, ou melhor, é pior do que isso. Evidentemente que Bob tem estado a afundar-se muito nefastamente. Carla deposita nele uma confiança ilimitada.

Conferiu-lhe plenos poderes de procurador e, quando adoeceu, endossou em branco todos os seus capitais. O médico disse que ela não podia ser incomodada com negócios. Na verdade, sempre pensei que Bob metera o dedo nesse assunto e que levara o médico a declarar aquilo. Deve ter sido bastante fácil consegui-lo, dizendo-lhe que Carla se ralava imenso com os negócios.

Mason fez um gesto de cabeça afirmativo e perguntou:

- Tem qualquer ideia sobre o lugar onde se acha esse lote de acções ?

Aparentemente, está nas mãos de um homem chamado

Lynk que é um dos donos do «Corno Dourado».

A rapariga que ia com o meu cunhado no automóvel, na altura do acidente, é uma moça encantadora que trabalha como «chamariz» para... Deve cá vir. Foi aquela de quem falei ao telefone. Deve estar a chegar.

Não vem declarou Mason.

Que quer dizer ?

Alguém lhe enviou uma caixa de bombons envenenados.

Telefonou-me, cerca das onze e meia, e mal podia falar. Aparentemente, desmaiou enquanto estava a falar pelo telefone.

Enviaram-lhe bombons envenenados ! exclamou Mildreth Faulkner.

Mason confirmou com um gesto de cabeça.

Mas quem diabo podia ter feito isso ?

Havia um cartão nessa caixa de bombons. Dizia: «Isto fá-la-á sentir-se melhor» e estava assinado simplesmente com as iniciais «M. F.». Sabe alguma coisa a este respeito ?

Ela mirou-o com os olhos arregalados.

Mas, Mr. Mason... Esse cartão... Mas, fui eu que o enviei !

com os bombons ? inquiriu Mason.

61

Não, por amor de Deus ! Compreenda, Mr. Mason eu começara a fazer umas investigações detectivescas. Esse acidente de automóvel foi a minha pista. Depois de Peavis me ter visitado, compreendi em que terrível apuro me veria, se Bob tivesse feito alguma coisa com o lote de Carla. Sabia que ela o endossara e fizera Bob seu procurador. Julguei que fosse Lynk quem possuísse o lote ...

Calculei que Peavis incitara Bob a ceder-lho ou servira-se de Lynk como intermediário.

Compreendo. Fale-me desse cartão.

Bem, quando Bob começou a falar do acidente com todas aquelas explicações fluentes, compreendi imediatamente que, se alguma coisa corresse mal, esse acidente de automóvel teria qualquer relação com ela. Sabia que havia algo nesse acidente que ele não queria que eu descobrisse.

Por conseguinte, investiguei. Podia fazê-lo muito facilmente porque a outra parte transmitira-a ao Departamento de Trânsito. Parece que, na altura do acidente, Bob acabara de sair do «Corno Dourado» e levava com ele, no carro, além de Esther Dilmeyer um homem chamado

Sindler Coll, que julgo tratar-se de um batoteiro.

«Não creio que Bob tivesse cedido deliberadamente o lote a fim de conseguir dinheiro para jogar, mas creio que o tinham persuadido de que o seu crédito era ainda bom, embora um pouco de azar o tivesse afundado terrivelmente. Devem ter-lhe mostrado qualquer coisa como sendo certa e ele tentou reunir uma quantidade de lucros antes que tivesse de prestar contas pelas perdas sofridas.

-Está bem, e acerca do cartão ?

Ela riu-se.

Pareço estar toda enleada em explicações, não é verdade ? Bem, seja como for, dirigi-me ao «Corno Dourado» e procurei conhecer Esther Dilmeyer. Esta noite, parecia muito desanimada. Deduzi que ela e Sindler Coll

62

tinham sido... bem, muito ternos um para o outro, e, aparentemente, ele...

Mason interrompeu-a:

Pois sim... e acerca desse cartão ?

Enviei-lhe algumas orquídeas respondeu ela.

Quando ?

Quando saí. Ela sentia-se desanimada e eu contei-lhe que tinha um negócio de flores.

-Ela falou-lhe do lote de acções ? inquiriu Mason.

Não do lote, mas, de um modo geral, acerca do que se passava.

Peavis renunciaria a esse lote, se ameaçasse processá-lo ?

Peavis, não, respondeu. Uma vez que deite as mãos a uma coisa, luta até à última. Podíamos recuperar o lote, mas levaríamos cinco anos de litígio a consegui-lo... e podíamos igualmente ter de vender-lhe o controle da sociedade para pagar o litígio. Mas, diga-me, Mr. Mason, como lhe passou pela cabeça que o meu cartão estivesse nos bombons ? Esse cartão acompanhava as orquídeas.

Mason disse:

Alguém o tirou das orquídeas e o colocou na caixa de bombons. Como mandou as orquídeas ?

Por um portador da Western Union.

Iam embrulhadas ?

Sim, estavam numa caixa.

-Do tamanho de uma caixa de bombons?

Sim.

Para onde a mandou ?

Para o «Corno Dourado».

Iam endereçadas para ela ?

Sim.

Como ?

Que quer dizer ?

A lápis, a tinta ou à máquina ?

Ah, a tinta ! Escrevi o nome no lado exterior da caixa... isto é, no papel de embrulho, compreenda.

63

A caixa era do tamanho de uma caixa de bombons de um quilo ?

Creio que sim.

Alguém admitiu Mason pode ter levado muito prontamente essa caixa ao «Corno Dourado», pode ter prometido levá-la a Esther Dilmeyer e, em seguida, tirado as orquídeas e metido os bombons envenenados.

Acho que sim.

Mason continuou:

Isso deve ter sido feito o mais rapidamente possível no caso da pessoa que a recebeu ter uma ocupação de alguma responsabilidade.

Mildreth Faulkner estudava as pontas dos dedos enluvados e disse:

Lembro-me de ter dito ao rapaz que não necessitava de fazer uma entrega pessoal, mas certificar-se de que lhe fariam chegar às mãos. Não posso imaginar...

Provavelmente, entregou-a ao porteiro alvitrou Mason. O porteiro é bastante obsequioso.

Pode ter sido isso.

- Quanto vale o seu lote de acções ? perguntou Mason.

Bastante... mais do que o verdadeiro valor intrínseco.

Bem sabe como é. Tenho três lojas. Todas elas produzem dinheiro. Sou o meu próprio patrão e estou a tirar muitos lucros de um negócio que está a render cada vez mais. Vale muito mais do que o valor registado do lote. Por outras palavras, calculo que cada mil dólares de lucro representam o rendimento de um capital de vinte e cinco mil dólares. Mas evidentemente que nunca poderia vendê-lo nesta base.

Mason lembrou:

Devo ter de gastar algum dinheiro. Até que ponto me posso alargar ?

Ela respondeu sem hesitação:

Se precisar, vá até dez mil dólares.

Mas não além disso ?

64

N-n-não. Bem, seja como for, não vá mais longe sem me consultar.

Mason respondeu:

Farei por não pagar um cêntimo. Mas se tiver de fazê-lo, não será muito. Bem, irei até onde puder. Della, ligue para o «Corno Dourado». Veja se Magard nos dá a morada do esconderijo de Lynk.

Mildreth Faulkner abriu a mala, tirou uma folha de papel dobrada, hesitou, começou a guardá-la, compreendeu que os olhos do advogado estavam pousados nela e disse:

Tenho-a aqui... morada da cabana, no Lilac Canyon.

Como a conseguiu ?

Deu-ma Esther Dilmeyer... mas não a denuncie.

Está bem ! Della, meta-se num táxi, vá para casa e durma um pouco. Irei vê-la dentro de uma hora ou hora e meia, Miss Faulkner.

Mason foi buscar o chapéu, pô-lo na cabeça, vestiu o casaco e sorriu animosamente para a sua cliente.

Agora, não se canse e não se preocupe recomendou.

Tudo vai correr bem. Esses homens têm um salão de jogo ligado ao «Corno Dourado» e há meia dúzia de pontos fracos na sua armadura. Um deles, é Mr. Magard, o sócio de Mr. Lynk. Estive no clube com o tenente Tragg da Secção de Homicídios. O porteiro tentou intrometer-se e Tragg pô-lo no seu lugar. Entretanto, Magard voltou e soube que a polícia tinha lá estado. Ficou assustadíssimo, receando que se tratasse de coisas suas !

Mildreth Faulkner disse, levantando-se :

Sinto-me agora mais aliviada ! Este caso abalou-me terrivelmente,

Bem, faremos o que pudermos prometeu Mason.

O senhor é... o senhor é tão eficiente ! exclamou com um risinho. Sinto que agora está tudo bem encarreirado. Vai pessoalmente ao «Corno Dourado» ?

Não. vou ao Lilac Canyon, a menos que Lynk tenha voltado ao clube.

5-VAMP. G. 5

65

Bem, aconteça o que acontecer... bom ou mau... avise-me... telefone-me por volta das três horas. Fico à espera.

Mason respondeu encorajadoramente :

Esteja descansada. Telefonar-lhe-ei. Feche a «loja», Della, e apague as luzes. vou meter-me a caminho.

CAPÍTULO V

A estrada que subia o Lilac Canyon serpenteava como uma cobra sinuosa, torcendo-se e recurvando-se. Estradas laterais corriam ao lado da estrada principal, seguindo os contornos das encostas alcantiladas, dando acesso a pequenas cabanas apartadas, lugares situados quase a uma pedrada de distância da cidade e, contudo, distintamente rústicos.

Em tempos, antes da cidade ter iniciado o seu fenomenal desenvolvimento, Lilac Canyon fora o sertão. Era dedicado às cabanas para fins-de-semana, pequenos refúgios, lugares em que os moradores citadinos podiam passar calmas tardes de sábado e domingo.

Depois, a cidade expandira-se. Lilac Canyon continuava escarpado, coberto de matagal e demasiado rural para se considerar um verdadeiro bairro citadino, mas os lotes de terreno eram agarrados por quantos desejavam uma propriedade na encosta do monte, relativamente barata e dentro da distância constante de um distrito metropolitano.

Mason teve certa dificuldade quando iniciou o seu caminho ao longo do pavimento sinuoso da estrada principal, localizando os nomes das estradas que se desviavam.

Eventualmente, contudo, encontrou Acorn Drive e virou, seguindo a estrada até contornar o cotovelo de um monte de onde podia olhar para o vale e ver as longas linhas iluminadas indicando a situação das avenidas ; mais além, viam-se manchas luminosas dos agrupamentos suburbanos.

66

Mason afrouxou o andamento, procurando os números das casas, mas estas estavam desviadas da estrada, situadas ora para cima ora para baixo da encosta, quase

sempre abrigadas pelo carvalho bravo e enfezado que ali constituía a flora natural.

Abruptamente, Mason avistou o farolim vermelho de um carro, estacionado à sua frente. Mesmo a seguir, estava outro carro e, depois deste, ainda um terceiro. Acima da estrada, para a direita, havia uma pequena cabana com luzes acesas. Um grupo de homens ocupava um alpendre que se estendia desde a frente até ao lado da casa. Estavam a fumar, e os pequenos pontos de luz vermelha das extremidades dos cigarros resplandeciam em cintilações alternadas como pirilampos estacionários. A porta da entrada da casa estava aberta. Através desse rectângulo iluminado, moviam-se homens de um lado para o outro ; homens que conservavam os chapéus na cabeça. Podia tratar-se de uma reunião de Hollywood, mas não havia qualquer hilaridade, nem sons alegres que emanassem do edifício.

Mason virou o carro de modo que os faróis iluminassem a placa de matrícula de um dos carros estacionados. Verificou que tinha um «E» dentro de um círculo : o distintivo de um carro da polícia.

Abruptamente, Mason mudou de rumo e ultrapassou o grupo de automóveis estacionados. Trezentos metros além, a estrada terminava num círculo empedrado que mal deu a Mason espaço para virar. De novo virado em direcção à cidade, dirigiu o carro para junto da curva, onde havia um intervalo livre de carros estacionados. Apagou os faróis, fechou a ignição e subiu os dois lanços de degraus que conduziam ao alpendre pelo declive alcantilado.

Um dos homens reconheceu-o, adiantou-se, pegou-lhe no braço e puxou-o levemente para um lado.

Que se passa, Mr. Mason ? Tem uma história para nos contar ?

67

Sobre quê ? perguntou Mason.

Sobre o assassinio. Como teve conhecimento dele ?

É defensor de alguém e, caso afirmativo, de quem ?

De que se trata ?

Creio que sabem mais do que eu.

Sobre quê ?

Sobre o assassinio.

Não o sabia ?

Não.

Então que veio aqui fazer ?

Precisava de encontrar o tenente Tragg respondeu Mason. Tentei encontrá-lo no Comando Geral.

Disseram-me que o encontraria aqui. Não me disseram que azar houvera. Dizem que mataram um homem ?

Sim. Um tiro nas costas disparado por um revólver de calibre 32.

Sabem quem o disparou?

Não.

Quem morreu ?

Harvey J. Lynk.

Lynk disse Mason não me diz nada. Que fez ele ?

Tem uma longa crónica. E; um dos donos do «Corno Dourado», um clube nocturno. Tem um andar por cima desse clube.

Quartos ? perguntou Mason.

Roleta, dados, *poker*...

O que era isto aqui ? Um ninho de amor ?

Ninguém o sabe... por ora.

Disse que era um dos donos. Quem é o outro ?

Clint Magard.

Avisaram-no ?

O jornalista riu-se e disse:

A polícia tinha-o avisado e todos os jornais da cidade mandaram um homem escrever o que declarasse.

Porque é toda essa excitação ? inquiriu Mason.

Parece tratar-se de uma história amorosa. Há uma
68

mulher no caso. Uma malinha de mão para *soirée*; pó de arroz derramado no toucador, uma ponta de cigarro com *baton*. Tragg está a trabalhar em duas pistas. Tenho uma ideia de que podemos fazer uma bela e sumarenta morte escandalosa, antes de nos irmos daqui. Uma pobre e meiga rapariga, lutando para salvar a sua honra e, finalmente, apontando uma arma ! Lynk agarrou-a. Houve luta. Ela não se lembra de ter puxado o gatilho. Ouve uma explosão. Lynk caiu para trás. Confusa, deixou cair a arma e fugiu receosa de contar o que se passara porque... Co'os diabos, eu continuarei e delinearei uma perfeita defesa em seu proveito. Provavelmente, é o seu defensor e recebeu dez mil dólares para elaborar o material que eu lhe estou a fornecer de graça.

Mason riu-se, por entre dentes, e disse :

Bem, se Tragg está assim tão ocupado, não o incomodarei. Caçá-lo-ei noutra qualquer ocasião.

Quer que lhe diga que esteve cá ?

Não. Não lhe diga nada acerca da minha estadia aqui. Tenho uma certa coisa a pedir-lhe e não quero forçar a mão. Prefiro ir ao seu encontro sem que ele saiba que ando à sua procura.

A preparar uma pequena surpresa ? perguntou o repórter.

Não, exactamente, mas não há qualquer razão para que ele perca uma quantidade de tempo a querer saber por que motivo quero vê-lo e acerca de que quero vê-lo.

E não nos pode dar uma história ?

Não.

Algo acerca do motivo por que deseja ver Tragg ?

Nada que tivessem interesse em publicar.

Não sabe se vai entrar neste caso ?

Mason riu-se.

Nem sequer sabia que havia um caso. Nunca na minha vida vi Lynk e não tinha qualquer ideia que o matassem.

Virou-se para os degraus.

69

Bem, adeus. Eu...

A silhueta de um homem assomou à entrada da casa e lançou uma sombra ao longo do alpendre. O tenente Tragg disse:

Encha com pó tudo isso por causa das impressões digitais e... Onde está esse fotógrafo ? Quero uma fotografia de. .

Parou a meio da frase, quando viu Perry Mason a meio dos degraus.

Eh! *você!* gritou.

Mason parou e olhou para trás.

-Que diabo veio *você* fazer aqui ?

Venha até ao carro convidou Mason.

Não. Estou muito ocupado. Fale aqui mesmo...

Mason lançou o polegar para o grupo de cigarros acesos que indicavam a concentração de repórteres.

Tragg concordou.

Tem *razão* !

Seguiu Mason pelas escadas abaixo em direcção ao local em que o advogado arrumara o carro.

Okay disse Tragg que foi que o levou a procurar

Lynk ?
Mason sorriu, tristemente.
Para dizer-lhe a verdade, pensei passar-lhe à frente,
mas você chegou primeiro.
Que quer dizer com passar-lhe à frente ?
Bem, queria saber algo mais acerca de Esther
Dilmeyer, quem são os seus amigos, queria ter uma ideia
de qualquer pessoa com quem ela tivesse andado, queria
descobrir se a família estava viva, se tinha muito correio.
Pensou que Lynk o podia dizer ?
Sim, tinha uma ideia de que ele era capaz...
Que foi que o induziu nessa ideia ?
Mason respondeu evasivamente:
Não sei.
Porque não falou com Magard ? Estava no escritório
onde a informação seria mais prontamente eficaz.
70
Mason respondeu :
Eu pretendia falar com os dois.
Tragg contemplou-o pensativamente e, por fim, anunciou :
Holcomb sempre pleiteou que você fazia jogo escondido,
Mason. Nunca pude considerá-lo assim. Achava que
você estava num lado e Holcomb noutro. Era um jogo
leal. você movia-se um pouco mais do que Holcomb era
capaz. Às vezes, as suas mãos eram mais rápidas que
a vista... a vista de Holcomb, em todo o caso.
E então ? perguntou Mason.
Precisamente agora, posso apreciar o que o sargento
Holcomb sentia. você não é lá muito forte em fornecer
informações, pois não ?
Não posso permitir-me sê-lo.
Porquê ?
Protejo os meus clientes.
Sim. Preciso de conversar consigo acerca dessa
cliente. O que sabe a respeito dela e que disse ela quando
apareceu ?
Apareceu aonde ? perguntou Mason.
- No seu escritório. Não me disse que tinha uma
entrevista marcada para a uma hora ?
Ah, essa disse Mason, como se só então compreendesse
do que Tragg estava a falar. Foi um assunto de
mínima importância. Bem, creio que ela não se oporia
a que eu lho contasse, tenente, mas... Bem, como advogado,
não lho posso expor,
Tragg inquiriu :
A sua consulta foi à uma hora ?
Isso mesmo.
Digamos que levou vinte minutos...
Olhou para o relógio, pensativamente.
você veio a correr para aqui e não gastou muito
tempo a fazê-lo. Como sabia esta morada ?
Como soube perguntou Mason que Lynk tinha
sido assassinado ?
71
Como o soube você ? contrapôs Tragg.
Disse-mo um jornalista.
Disse-mo o Comando Geral. Mandaram-me vir cá.
Mas não sabe como descobriram o assassinio ?
Não. Alguém telefonou para a polícia e pediu que
mandassem um carro imediatamente.
Homem ou mulher ?
Mulher.
E eles mandaram o carro ?
Sim. Ela pretendia estar a telefonar desta cabana,
e declarou que havia um ladrão a rondar a casa.
Como encara essa versão ? indagou Mason.

Isso foi provavelmente uma farsa de Lynk. *Havia*, um ladrão !

Lynk já estava morto bastante tempo antes dessa chamada informou Tragg, secamente.

Porque está tão certo disso ?

É a opinião do médico, não a minha. Coagulação do sangue, *rigor mortis* e uma quantidade de razões técnicas. Fixam a hora da morte por volta da meia-noite e não devem estar muito longe disso. Foi uma boa coisa termos cá chegado quando chegámos. Amanhã de manhã, teriam tido de fixar a hora da morte entre as dez horas e a uma. Da maneira como agora estão as coisas, podem estabelecê-la apenas com uma diferença de alguns minutos mais cedo ou mais tarde. Suponha-a à meia-noite e não se enganará muito.

Mason disse :

Não sabe nada de novo acerca do caso Dilmeyer, pois não ?

Não. Tive de largá-lo para tratar disto. Sei que ela está melhor. Está certo de não ter tido a ideia de que talvez Lynk não tivesse melhor futuro ?

E de aparecer aqui para descobrir o cadáver ? perguntou a Mason.

Não, obrigado. Já tenho a minha conta, por essas descobertas!

72

Tragg estudou o advogado, durante um momento, depois coçou a cabeça por cima da orelha esquerda. você recebe a sua cliente e dá uma saltada até aqui. Qualquer pessoa concluiria que Esther Dilmeyer seria uma das testemunhas, Lynk outra... e aqui encaixa a sua constituinte ! Parece que há alguém empenhado em que você não ganhe este caso !

Mason respondeu :

Se encontra nisto alguma relação com o caso Dilmeyer, pode esclarecer-me ?

Suponho que você *me* esclarecerá acerca do que *descobriu*.

Bem, não se lhe pode levar a mal por tentar respondeu

Mason. Até depois.

você é quem provoca... começou Tragg, horrivelmente.

Mason teve o cuidado de pôr o carro em andamento vagarosamente, sem parar antes de achar-se a uma boa meia milha da cabana da montanha.

Um restaurante, aberto toda a noite, tinha telefone e Mason ligou para o Hastings Memorial Hospital para falar ao dr. Willmont.

Esperou mais de um minuto antes de ouvir a voz do médico.

Fala Mason, doutor. Como vai Esther Dilmeyer ?

Está praticamente salva.

Os bombons estavam envenenados ?

Sim. Todos eles tinham sido envenenados.

De que veneno se trata ?

A julgar pelos sintomas da doente explicou o clínico e segundo os testes que experimentámos, é um dos derivados barbitúricos, provavelmente, veronal.

A droga tem um sabor levemente acre que quase se não nota nos chocolates de creme doce-amargo. É um hipnótico,

mas há uma grande distância entre a dose medicinal e a mortal. A dose normal é de cinco a dez grãos. É geralmente suficiente para provocar o sono. A morte ocorre

73

depois de uma dose de sessenta grãos, mas, por outro lado, já houve um restabelecimento depois de uma dose de trezentos e sessenta grãos. Tem havido muitos restabelecimentos

após cerca de duzentos grãos. Não conseguimos analisar definitivamente os bombons, mas, a julgar pelo gosto e por outros factores, há provavelmente cinco a sete grãos no meio de cada chocolate. Evidentemente, ela comeu-os suficientemente devagar para que houvesse um intervalo entre os primeiros dez ou vinte grãos e o resto da ingestão, o que deu à droga oportunidade de actuar antes de ela ter comido o suficiente para provocar um resultado fatal.

Está certo de que foi assim ? inquiriu Mason.

Certíssimo, quer pela análise dos chocolates quer pelo estado da paciente. Tem o rosto congestionado e a respiração é lenta e estertorosa. Não há reflexos. As pupilas estão um tanto dilatadas. Há uma elevação de temperatura de um pouco mais de um grau. Pessoalmente, inclino-me para o veronal e calculo cerca de cinco grãos em cada recheio. Isso perfaz cerca de cinquenta grãos ingeridos o que representa um restabelecimento quase certo.

Está bem, continue a postos. Faça que lhe dispensem a maior assistência. Mantenha uma enfermeira especial a postos durante todo o tempo. Vigie-lhe a dieta. Quero estar absolutamente certo de que ninguém a faz ingerir mais nenhum veneno. Quando estará ela consciente ?

Por enquanto, não. Fizemos-lhe uma lavagem ao estômago), uma punção lombar e tirámos-lhe algum líquido. Isso apressará muito as coisas, mas tem bastante droga no sistema e, portanto, continuará sonolenta. Não creio que seja aconselhável tentar apressar a cura.

Previna-me quando ela acordar pediu Mason e certifique-se de que nada mais pode acontecer.

Desconfia que venha a acontecer alguma coisa ? perguntou o dr. Willmont.

74

Não sei. Ela devia aparecer no meu escritório para dar-me uma informação. É uma testemunha. Não sei o que ela sabe. É evidente que alguém se deu ao trabalho de procurar evitar que eu o descobrisse.

dê-lhe mais vinte e quatro horas e ela falará disse o dr. Willmont.

Mason considerou, pensativamente :

Pode ser que quem lhe mandou esses bombons não quisesse matá-la, mas sim impedi-la, durante vinte e quatro horas, de contar-me o que sabia. Por outras palavras, podia já ser demasiado tarde, nessa altura, para servir de alguma coisa.

Bem, nada mais lhe acontecerá prometeu o dr. Willmont. Não serão admitidas quaisquer visitas sem minha licença. Tenho três enfermeiras a velar por isso alternadamente... e todas elas têm cabelo ruivo.

Okay, doutor. Entrego o caso ao seu cuidado.

Mason desligou e dirigiu-se à casa de Mildreth Faulkner na Whiteley Pines Drive.

Também] aqui se encontrou numa vertente escarpada sobranceira à cidade. A casa ficava na encosta, abaixo da estrada, com um andar para esta e três para às traseiras. Mason tocou suavemente à campainha e Mildreth Faulkner quase imediatamente abriu a porta.

Que descobriu ? perguntou ela.

Mason respondeu :

Esther poderá restabelecer-se. Uma droga qualquer, aparentemente veronal. A si, pelo menos, aqui, não lhe falta o ar.

Ela riu-se nervosamente, enquanto o conduzia, para a sala de estar.

Sim, comprei esta casa há uns seis meses, depois

da Carla adoecer. Queria estar perto dela.

E está ?

Sim. Ela vive na Chervis Road. Fica depois da volta do monte.

75

A que distância ?

Oh, a menos de cinco minutos a pé. Diria cerca de... Oh, não sei. Talvez uns quatrocentos metros.

Precisamente um salto... um salto para dentro de um carro ?

Isso mesmo. Diga-me: porque a envenenaram? Ou teria sido um excesso de dose de um soporífero ?

Não. Foi envenenada. Isto é, os bombons estavam envenenados. O químico da Secção de Homicídios diz que cada bombom fora envenenado. Contudo, ainda não fizeram uma análise completa.

Mildreth Faulkner encaminhou-se para a grelha de um aquecedor e convidou:

Sente-se. Estou com frio.

Mason afundou-se na cadeira e observou-a enquanto estava inclinada sobre a grelha e a corrente de ar ascendente lhe agitava a saia.

Que se passa? perguntou. Gelou?

Penso que sim. Tenho estado numa tensão nervosa!

Bem, continue e conte-me o que se passa. De que vale calar-se? Suponho que sejam más notícias.

Ele fez um gesto afirmativo.

Receava isso. Lynk não é do género que se assusta facilmente.

O que a fez pensar que fossem más notícias ?

Se fossem boas, ter-mas-ia contado logo que aqui entrou. Que diz a uma bebida? Toma uma?

Ligeira precisou Mason.

Ela abriu um pequeno bar, tirou um Scotch, cubos de gelo e soda.

É uma engenhoca bastante elegante, essa comentou Mason.

Sim, é realmente um pequeno refrigerador eléctrico, que produz gelo, e mantém a água fria. Bem... que disse Lynk? Ainda não transferiu o lote das acções para Peavis, pois não?

Não sei.

76

Ele não lho disse ?

Não estava em condições de falar respondeu Mason.

Não estava em condições ? Quer dizer que estava bêbedo?

Ao servir o *whisky*, a mão tremia-lhe tanto que o gargalo da garrafa chocava contra a borda do copo. Mason esperou que ela pegasse no sifão de soda.

Lynk anunciou foi assassinado, por volta da meia-noite.

Durante um momento, as palavras pareceram nada significar para ela. Continuou a deitar no copo a água gasosa do sifão; depois, subitamente, teve um sobressalto convulsivo, comprimiu a alavanca e entornou o líquido por cima do rebordo do copo.

Quer dizer... que foi... ?

Assassinado.

À meia-noite?

Sim.

Quem... quem o matou?

Ainda não sabem! Recebeu um tiro nas costas, disparado por um revólver de calibre 32.

Ela pousou o sifão, levou-lhe a bebida e inquiriu

Em que situação me coloca isso ?
Fora de perigo, talvez respondeu Mason.
A meia-noite ?
Exactamente.
Bem, em todo o caso, tenho um álibi ela riu-se,
nervosamente.
Qual é ? perguntou Mason.
Está a falar a sério?
você não estava ?
Não.
Bem, então falemos a sério. Onde estava você
à meia-noite?
Ora, disse ela eu estava... mas, como é terrivelmente
absurdo! Nada me seria menos proveitoso do que
77
acontecer-lhe alguma coisa antes de... conseguirmos esse
lote de acções.
Parou diante do pequeno bar e tirou uma garrafa
de *cognac*.
O *Scotch* está muito bem, como uma bebida sociável,
mas estou gelada e isto foi um choque para mim. Vou
tomar um trago de *brandy*. Quer acompanhar-me?
Não recusou Mason e não creio que vá tomar
qualquer *brandy*.
Ela estivera quase a verter o licor. Virou-se para
olhá-lo.
Acha que não o devo tomar ?
Acho.
Porque não?
Porque respondeu Mason se tomar um trago
de *brandy* e depois esse *Scotch*, dentro de vinte minutos
ou de meia hora, considerar-se-á uma advogada genial.
Pensará que poderá arrostar com coisas que não pode.
De que diabo está a falar?
Onde está o casaco de peles que tinha vestido
quando foi ao meu escritório?
Ora, no armário.
Ali, no átrio?
Sim.
Mason pousou o copo, levantou-se e dirigiu-se para
a porta que ela indicara. Abriu o armário do átrio e retirou
o cabide que sustinha o casaco de raposa prateada
que ela levava ao escritório.
Subitamente, ela correu ao seu encontro.
Não, não! Ponha-o no seu lugar. Não pode...
Mason introduziu a mão no bolso do lado direito do
casaco e retirou um revólver de calibre 32.
Pareceu-me elucidou que trazia qualquer coisa
pesada na algibeira, quando foi ao meu escritório.
Como se a descoberta a tivesse privado da faculdade
de mover-se, permaneceu estática e em silêncio.
Mason abriu a arma e viu que fora disparado um car-
78
tucho. Cheirou o tambor, fechou a arma, pendurou
o casaco no armário, fechou a porta cuidadosamente,
dirigiu-se para a sua cadeira e afundou-se nela. Colocou
a arma sobre um tamborete ao lado da cadeira, agarrou
na bebida e disse a Mildreth Faulkner:
Eis como não poderia arrostar com as *circuns-*
tâncias!
Ela voltou para o sítio onde deixara o seu *Scotch* com
soda, sem desviar os olhos dele. Depois, inclinou-se sobre
o aquecedor.
Posso. . posso beber isto?
Certamente respondeu Mason. Vá. Isso far-lhe-á
bem. Simplesmente, não abuse.

Ela engoliu uma boa metade do copo e continuou a fitá-lo de olhos arregalados e receosos.

Está bastante fresco para esta altura do ano disse Mason. Tenho reparado que, quando os dias são quentes e secos, corre geralmente um vento do deserto e este faz as noites arrefecer, rapidamente. O seu casaco de peles deve tê-la mantido aquecida.

Ela respondeu:

Fiquei terrivelmente g-g-gelada. Estou agora mesmo com um resfriamento nervoso.

O *whisky* aquecê-la-á disse Mason, naturalmente.

Há quanto tempo tem consigo a arma ?

Há *dois* anos.

Tirou licença?

Sim.

Comprou-a aqui, na cidade?

Sim.

Sabe o que os peritos de balística são capazes de descobrir pelas balas?

Não. O quê?

Cada bala desfechada por uma arma apresenta características inconfundíveis que unicamente podem atribui-la a essa mesma arma.

79

- Está a procurar dizer-me que como... como meu advogado, pode aconselhar-me...

Não sou seu advogado.

Não? Mas eu pensava...

Ele meneou negativamente a cabeça.

Não, neste caso.

Porque não ?

-Não sei o suficiente a respeito dele. Não me quero enterrar. O meu cérebro não é uma comodidade, como um carro de luxo que qualquer pessoa possa comprar desde que tenha dinheiro. Pode comprar-se um carro à prova de bala e usá-lo para ajudar a assaltar um banco, mas o meu conhecimento de leis não se pode comprar para camuflar o cometimento de um crime.

-Mr. Mason, não está a falar a sério? Não pensa que o matei, pois não ?

Não sei. Mesmo que o tivesse matado, podia tratar-se de homicídio justificável. Tudo quanto lhe digo é que não a representarei enquanto não conhecer os factos.

Pensa que... .

Mason consultou impacientemente o relógio de pulso e disse:

Penso que a polícia está a aparecer de um momento para outro. Se vou representá-la, tenho de conhecê-los antes disso. Se há alguns pontos fracos na sua história, uma pequena preparação não faria qualquer mal. Vamos.

Não quero que me represente.

Não quer?

Não. Quero que represente minha irmã Carlotta,

Que tem ela a ver com isso?

Mildreth ficou calada, durante vários segundos, e, depois, disse apressadamente:

Oiça, Mr. Mason, se for o advogado de Carlotta e eu lhe contar toda a história, eles nunca poderão obrigá-lo a contá-la, pois não?

80

O que me contar, comigo fica assegurou-lhe Mason.

Mas é legal? Se eu lhe contar qualquer coisa e o senhor for o defensor de Carlotta...

Para o inferno com a legalidade disse Mason.

Não fique aí com sofismas. Se tenho de fazer alguma coisa, tenho de saber tudo o que se passa.

Bem, cedeu ela a história é simples. Esta noite, fui ver Carla e Bob. Conversei com Bob e disse-lhe que queria esse lote de acções, amanhã de manhã, e contei-lhe que Peavis se apossara de cinco acções. Bob não manifestou o menor alarme, mas apresentou tantas razões pelas quais não podia entregar-me esse lote que comecei a suspeitar e... bem, não tenho a certeza. Penso que talvez Carla estivesse a escutar do cimo das escadas.

Continue animou Mason e avie-se.

Bem., o senhor calcula o que deve ter acontecido. Bob hipotecara esse lote. Tinha de recuperá-lo fosse como fosse para apresentar-mo. Deve ter-se apressado a ir visitar Lynk.

O que a leva a pensar isso ?

Eu... esta arma.

O que tem ?

Bem, comecei a reconsiderar as coisas e decidi tornar a conversar com Bob, depois do que tinha sabido por intermédio de Esther Dilmeyer. Pensei que simplificaria imenso as coisas se eu pudesse ir ao seu escritório, contar-lhe precisamente a situação, e...

Não interessa o que pensou. O que fez ?

Fui ver Bob.

Que disse ele?

Nada. Não estava lá.

E onde estava Carla ?

Também não estava.

Talvez tivessem saído os dois.

Não, não. O senhor não compreende. Carla ficou metida em casa, durante meses. Ficou de cama, durante

6 - VAMP. G 5

81

mais de dois meses. *Agora*, anda um pouco pela casa e, ocasionalmente, dá uma volta de carro.

Talvez Bob a tivesse levado a passear de carro.

Não. O carro dela não estava na garagem.

Pensa que ela mesma o teria levado?

Estou certa disso. Ninguém mais o guia.

Mason disse:

Bob foi a qualquer lado. você acha que foi ter com

Lynk. Mas onde pensa que sua irmã tenha ido?

Penso que o seguiu.

Julga que Bob matou Lynk ?

Julgo que Carla. . Não sei, realmente, o que aconteceu.

Muito bem, onde encontrou essa arma?

Bem, quando lá fui pela segunda vez e vi que tinham saído, fiz uma pequena busca. Encontrei esta arma, no toucador de Carla.

Pensava que me tinha dito que a arma era sua.

É, mas emprestei-a a Carla, há dois meses. Ficava em casa sozinha, durante muito tempo, e queria que ela tivesse alguma protecção.

Bob saía?

Sim. Não se podia esperar que ele abandonasse tudo e se tornasse simplesmente um menino caseiro só porque Carla era uma inválida. Ninguém esperava isso, e... bem, bem sabe como é. Suponho que ele... bem, ele...

Andava muito por fora ? perguntou Mason.

Sim.

A arma encontrava-se no toucador, quando você lá esteve da primeira vez, à noite ?

Não. Bem, algumas coisas de Carla tinham desaparecido.

Não reparei nelas imediatamente, mas olhei em volta e alguns dos seus remédios e alguns dos seus vestidos

não estavam lá.

Que julga que aconteceu ? perguntou Mason.
As palavras jorraram com uma rapidez histérica.

Creio que ela seguiu Bob até à cabana de Lynk.

82

Penso que Bob tinha a minha arma e o matou. Penso que Carla o sabe. Meu Deus, gostava de saber onde ela está! Estou terrivelmente apouquentada a seu respeito. Já foi mau para ela sair da cama e guiar o carro, mas o choque de descobrir coisas acerca de Bob, de saber do crime... é terrível.

Então, pensa que ela voltou para casa ? inquiriu Mason.

Sim.

Quando, aproximadamente ?

Não sei. Parti de lá à uma menos um quarto. Foi por isso que cheguei um pouco atrasada ao meu escritório. Cheguei por volta da uma hora menos vinte e perdi bem uns cinco minutos revistando o local e tentando descobrir o que acontecera. Depois, decidi correr ao seu escritório. Então, soube do envenenamento de Esther Dilmeyer. você disse que ia ver Lynk e eu pensei... bem, tentei persuadir-me de que tudo ia bem.

Portanto, imaginava que Lynk estava morto antes de eu ter ido para lá?

Bem, eu não sabia. Sabia que a arma tinha sido utilizada.

Como sabia isso ?

- Porque a examinei e encontrei. nela um cartucho vazio.

Então, - inquiriu Mason espalhou as suas impressões digitais por toda a arma?

Sim, acho que sim.

E meteu-a na algibeira do casaco ?

Sim.

E diz que julga que Bob o matou ?

É exacto.

E que Carla o sabia ?

Sim.

E que Carla foi para casa. embrulhou algumas coisas e fugiu?

-Sim,

83

Pensa que Bob voltou com ela ?

Não. Penso que Bob deve ter continuado a andar. Compreenda, não creio que Bob tivesse a calma suficiente para encarar qualquer coisa desse género. Penso que, se ele matasse um homem, largaria a fugir.

Então, disse Mason, secamente se seguirmos o seu curso de pensamentos, concluiremos que, depois de Bob o ter assassinado, Carlotta pegou na arma do crime. Mordeu o lábio e virou-se para que ele não pudesse ver-lhe o rosto.

É assim ? inquiriu Mason.

P-p-penso que sim respondeu ela.

Isso não é lógico opôs ele. Bem o sabe.

Mas, o que há de lógico nisto tudo?

Não sei, mas quero saber em que águas navego.

Quer que eu defenda sua irmã?

Isso mesmo.

Mas a si não?

Não. Eu posso cuidar de mim.

Não esteja muito segura. Essa é a arma do crime, está na sua posse e tem gravadas as suas impressões digitais.

Digo-lhe que posso cuidar de mim. Não podem

pegar-me por coisa alguma. Sou forte e saudável. Podem interrogar-me e isso não me fará doer. Não podem provar nada contra mim.

Onde estava à meia-noite ?

Estava... estava na minha loja, no escritório, tentando simplesmente calcular quanto dinheiro poderia levantar, no caso de termos de comprar esse lote de acções.

E quer que eu represente sua irmã?

Sim, por favor. Quero que a proteja.

Mason respondeu

Ninguém necessita de saber que ela saiu de casa.

Se o marido o matou, isso não a implicará!

O senhor não compreende. Se soubesse o seu estado,

84

se a pudesse ver. Deve ter feito um esforço terrível.

Se começarem a interrogá-la ou os jornalistas andarem

atrás dela para lhe fazerem perguntas acerca de Bob

e acerca do sítio onde ela estava e como obteve a arma

e coisas desse género, isso invalidará todo o tratamento

a que se sujeitou. Ela ou morreria ou o seu coração ficaria tão doente que nunca poderia melhorar.

Mason respondeu:

Quem me pagará os honorários por representá-la ?

Eu.

Se eu a defender, não representarei mais ninguém.

Certamente.

Os seus interesses estarão em primeiro lugar.

É o que eu quero.

- Se os seus aparecerem de permeio, ficará na posição de um partido adverso. Esmagá-la-ei tão rapidamente como o faria a um desconhecido.

É assim que eu quero que proceda.

Já ouviu falar do teste da parafina ? perguntou

Mason, abruptamente.

O teste da parafina ? De que está a falar ?

Para verificar se uma pessoa disparou uma arma recentemente.

Que tem a parafina a ver com isso ?

Quando se dispara uma arma de fogo, há um jacto de pólvora, constituído pelas partículas de pólvora que contra-explodem e se entranham na pele da mão de quem dispara. São partículas microscópicas, invisíveis à vista desarmada, mas contra-explodem *sempre* e entranham-se na pele.

O Departamento de Investigação Científica Criminal

descobriu uma nova técnica para averiguar se uma

pessoa disparou uma arma de fogo. Lançam parafina

derretida sobre as mãos suspeitas, reforçam-na com uma

fina camada de algodão e, em seguida, cobrem-na com

cera. Depois da parafina ter solidificado, retira-se esse

molde da mão. As pequenas partículas de pólvora que se

85

sepultaram na pele aderem à parafina. Sobre esta, vertem

um reagente químico que, em contacto com os nitratos

de pó, produz uma reacção química que torna os sinais

visíveis à vista desarmada.

Compreendo disse ela, com um leve tremor na voz.

Mason continuou:

Se Carlotta *não disparou* essa arma, teria sido muito melhor para ela ir agora mesmo à polícia e contar-lhes

a história seja ela qual for. Depois, antes que seja

demasiado tarde, a polícia poderia sujeitar as suas mãos

ao teste da parafina e provar que ela não disparou a arma. Isso pô-la-ia fora de suspeitas.

Mas... mas... suponha que ela disparou?

Nesse caso, analisou Mason sendo o tiro disparado por essa arma, estando a polícia apta a provar que a arma estivera na sua posse, havendo um teste de parafina indicativo de que essa arma fora por ela recentemente disparada e demonstrando os peritos de balística que a arma que matou Harvey Lynk foi a mesma, sua irmã seria, inevitavelmente, executada na câmara de gás, em San Quentin.

«E continuou Mason, secamente o facto de Harvey J. Lynk ter sido atingido, nas costas não vai constituir qualquer argumento de legítima defesa. Mildreth Faulkner dirigiu-se lentamente para o sítio onde repousava a arma, sobre o tamborete colocado ao lado da cadeira de Mason.

Suponho que eu não devia também ter deixado nela as *minhas* impressões digitais.

É certo disse Mason.

Não as poderíamos fazer desaparecer?

Eu, não.

Ela pegou na arma, foi à mala, tirou um lenço »; começou a esfregar vigorosamente o metal. Mason permaneceu sentado, calmamente, à vontade, sorvendo o seu Scotch com soda, e estudando-lhe os movimentos frenéticos.

86

Cuidado com essa arma avisou ele. Tem o seu dedo metido no gatilho.

Neste momento, soou uma sireia, elevando-se para um som estridente e esmorecendo depois para um som mais grave. Ouviu-se um carro gemer e travar no lado exterior da curva.

Mason disse:

Se não me engano, é o tenente Arthur Tragg da Secção de Homicídios e, quando encontrar essa arma absolutamente isenta de impressões digitais...

Mason saltou da cadeira, lançou-se sobre Mildreth agarrou-a pelo pulso... mas foi demasiado tarde. O revólver roncou. A bala, atravessando uma vidraça da janela, enviou fragmentos de vidro que caíram na entrada de cimento.

No intervalo de silêncio assustador que se seguiu, a campainha da rua tocou insistentemente. Soavam pancadas nas almofadas da porta. O tenente Tragg gritou:

É a polícia. Abram ou arrombo a porta.

Aí tem a paga! disse Mason, calmamente Voltou para a cadeira, instalou-se nas almofadas, pegou na bebida e acendeu outro cigarro.

Agora, é a sua vez!

Mildreth Faulkner permanecia de pé, fitando a arma.

-Meu Deus! Não calculava que se disparasse. O meu lenço prendeu-se no percutor e puxou-o para trás. O meu dedo estava no gatilho e...

É melhor deixar o tenente Tragg entrar interrompeu

Mason. Acho que se está preparando para arrombar uma janela.

Ela abaixou-se e fez deslizar a arma pelo chão, para debaixo de um divã, situado ao canto do quarto.

Mason abanou tolerantemente a cabeça para ela,

Mau, mau! O tenente Tragg não vai gostar disso.

Transpôs, rapidamente, a porta que dava para o corredor, subiu a correr os últimos degraus e abriu a porta.

O que é ? perguntou ela.

87

Quem disparou agora mesmo ? perguntou Tragg, entrando para o corredor. É o carro de Perry Mason que está lá *fora*.? *Ele* está aqui?

Sim, está cá.
Quem disparou ?
Bem... houve algum tiro ?
Não ouviu um tiro ?
Não, Não posso afirmar que fosse um tiro. Ouvi alguma coisa que soou como uma explosão de um escape.
O tenente Tragg soltou um som classificável entre uma fungadela e um ronco e passou à sala de estar.
Bem, Mason - disse ele você certamente tem andado por aí!
Viajar respondeu Mason é expandir! Como sem dúvida sabe, esta é Miss Faulkner. Tenente Tragg, Miss Faulkner. Verificará que Miss Faulkner tem um excelente Scotch e, para sua adicional informação, *não sou* seu defensor.
Tragg continuava de pé, fitando Mason.
Não está a representá-la?
Não.
Então que diabo está aqui a fazer?
Fazendo uma visita e sorvendo um dele ciosíssimo whisky com soda.
Disparou esse tiro?
Não.
Os olhos do tenente Tragg moviam-se rapidamente perscrutando o quarto. Viu o buraco na vidraça da janela e deu alguns passos para examiná-lo.
Meu Deus! exclamou Mildreth. Um buraco de bala no vidro! Então, foi mesmo um tiro. Alguém deve ter disparado contra mim, Mr. Mason.
Através da janela ? perguntou Tragg.
Sim.
Não o ouviu?
Não. Ouvi chegar o seu carro. Isto é, pensei que
88
fosse o seu carro e pensei que fosse uma explosão do escape. Não me ocorreu que fosse um tiro.
Compreendo observou Tragg, calmamente. Por conseguinte, alguém deve ter disparado contra si do lado de fora.
Sim.
Bem, vejamos. Aqui está um buraco no reposteiro e aqui está um outro no vidro. Isto indica-nos a linha seguida pela bala. Agora, visando ao longo desta linha, podemos ver que... Aqui. Puxe esse reposteiro para o lado. Agora, podemos avistar o meu carro estacionado na curva. A linha passa precisamente por diante do carro.
E; certo, passa.
Então, alguém deve ter-se encontrado directamente em frente do meu carro e disparado esse tiro. Deve ter utilizado andas de uns quatro metros e meio de altura.
O senhor não disparou, pois não ? perguntou ela.
Tragg ignorou a pergunta.
Além disso, quando tiver tanta experiência de balas como eu tenho, será capaz de indicar (a direcção que elas seguem quando atravessam vidro. E há o odor a pólvora sem fumo, neste aposento. Receio, Miss Faulkner, ser forçado a fazer uma busca.
Não pode fazer uma coisa dessas. Proíbo-lhe que o faça.
Bem, fá-la-ei da mesma maneira.
Ele não pode fazer isso sem uma ordem, pois não, Mr. Mason.
Tragg disse
Mason não está a representá-la.

Bem sei, mas ele pode prestar-me essa informação. Mason sorveu o seu Scotch com soda, tirou, placidamente, umas baforadas do cigarro e não disse nada.

O tenente Tragg continuou:

Bem sabe, Miss Faulkner, que é melhor deixarmo-

89

-nos de andar a brincar às escondidas e portarmo-nos com juízo. Se me disser quem disparou esse tiro e o que foi feito da arma, não a levarei ao Comando Geral da Polícia, não a revistarei e não terá detectives a passearem de um lado para o outro dentro de casa. Ora, deixe-me ver...

A senhora devia encontrar-se pouco mais ou menos aqui.

Ouviu-me chegar no carro. Deve ter disparado esse tiro precisamente quando eu ia a travar. Mas, calculando o ângulo desse tiro... eu estava a tocar à campainha.

Bem, o lugar natural em que deve ter escondido a arma

deve ter sido debaixo das almofadas desse divã.

Dirigiu-se calmamente ao divã e começou a levantar

as almofadas.

Não pode fazer isso opôs-se ela, agarrando-lhe o braço.

Tragg desviou-a para o lado.

Não resista, pequena aconselhou ou este sítio ficará cheio de polícias dentro de vinte minutos.

Mas o senhor não pode. O senhor... Oh...

Tragg ajoelhou-se, baixou a cabeça até ao chão, espreitou para debaixo do divã e exclamou:

Olá! Olá!

Mason ouviu o barulho de um automóvel subindo

a rampa íngreme de uma rua transversal. Tirou cuidadosamente

o cigarro da boca, lançou-o no cinzeiro, espreguiçou-se,

bocejou e disse:

Bem, se o tenente me der licença...

- O tenente não dá licença nenhuma contrariou

Tragg, metendo o braço esquerdo debaixo do divã.

Quer dizer que vai tentar prender-me? perguntou

Mason.

Quero dizer que vou descobrir o que tem a contar

acerca disto antes de ir para onde quer que seja esclareceu

Tragg.

O carro estava agora mais próximo.

Mason disse:

O sargento Holcomb nunca gostava que eu estivesse

90

presente quando tentava obter uma declaração de um

suspeito. Sempre achou que eu constituía uma influência

incomodativa. Tem piada o que se passa comigo, mas,

quando estou presente, não posso deixar de avisar uma

pessoa acerca dos direitos constitucionais, prevenindo-a

das armadilhas, etc.

Tragg disse:

Ganhou. Vá daqui direitinho para o diabo que o carregue!

Mason sorriu para Mildreth Faulkner, animadoramente:

Até à vista. Não se incomode comigo. Sei o caminho.

Quando Mason passava da sala de estar para o corredor,

Tragg" insistia:

Muito bem, Miss Faulkner. Fale-me da arma.

Porque a disparou?

Foi um acidente.

Mason abriu a porta da rua.

Estava talvez a apontar contra Mason ou ele tentou

tirar-lhe a arma...?

Mason fechou suavemente a porta atrás de si e saiu

para o alpendre.

Um carro fechado parara precisamente atrás do de

Tragg. Uma mulher ia a sair dele quando Mason, levantando a mão, fez-lhe sinal para que parasse e dirigiu-se-lhe rapidamente.

A mulher perguntou, numa voz um tanto fraca:

Que se passa? Que...

É Mrs. Lawley ? perguntou Mason, em voz baixa.

Sim. Sou a irmã de Mildreth Faulkner. O que...

Mason ordenou-lhe:

Meta-se no carro, vire, volte para trás e siga pela estrada até eu a alcançar. Apresse-se. Não faça barulho.

A polícia está aqui e...

Ela susteve a respiração.

É Perry Mason, o advogado?

Sou. Sua irmã quer que eu a represente.

91

Que me represente ? Para quê, meu Deus ?

Não sei respondeu Mason mas, a menos que prefira ser arrastada até ao Comando Geral da Polícia, enquanto tentam descobrir o que se passa, faria melhor obedecer-me.

Mason encaminhou-se para o seu carro, pôs o motor a funcionar, fez um barulho excessivo, engatando a marcha atrás, virando, arranhando as mudanças e esforçando o motor. Depois de Carlotta Lawley ter virado o carro com segurança e descido o declive, Mason acelerou, seguiu rapidamente atrás dela e, a uns duzentos metros da casa, pôs o carro ao lado do de Carlotta e fez a esta sinal para que parasse.

Ia para casa? perguntou.

Mas, eu... compreende, eu...

Mason interrompeu-a:

Não vá para casa. Vá para o Hotel Clearmont, inscreva-se como Mrs. Charles X. Dunkurk de San Diego. Veja como se soletra D-u-n-k-u-r-k. Vá para o seu quarto, meta-se na cama e deixe-se aí estar. Não saia, não leia os jornais e não oiça rádio. Fique aí, até que eu vá visitá-la, o que não será antes de amanhã ou, talvez, ainda hoje.

Quer dizer que tenho de esperar ali...

Sim confirmou Mason. Não quero atrair as atenções pelo facto de ir visitá-la, às três ou quatro horas da manhã. Tenho algumas coisas a fazer entre este momento e aquele em que a visitar.

E não quer conversar comigo, agora... fazer-me algumas perguntas...

Não quero interrompeu Mason. Tenho coisas mais importantes a fazer e quero mantê-la a salvo.

Eu... o meu marido...

Esqueça-o, disse Mason, e vá para o Hotel Clearmont.

Sabe onde fica?

Sei.

Bem, vá andando. O tenente Tragg não é tolo

92

nenhum. Está agora excitadíssimo a procurar uma arma que está na posse de Mildreth, mas não tardará a aperceber-se de que fiz um barulho exagerado com o meu carro a fim de afastá-la a si.

Sem outra palavra, Carlotta Lawley pôs o carro a andar e partiu.

CAPÍTULO VI

Deixado a sós com Mildreth Faulkner, Tragg esperou que o som do carro de Mason morresse na distância, observou os olhos da rapariga que abandonavam a expressão de pânico e tornou-se desconfiado. Nada havia de esquivo na rapariga. Estava de pé, de cabeça levantada, esforçando-se por dominar-se. A excitação aumentava-lhe

o brilho do olhar e coloria-lhe as faces. Era, Tragg admitia-o, uma linda mulher, acostumada muito evidentemente à deferência masculina... e fora apanhada no laço. A ele restava-lhe simplesmente fechar as portas dessa ratoeira.

Porque a tinha tão completamente à sua mercê e porque a sabia tão ingenuamente ignorante do perigo que corria, ao tratar com um detective experimentado, Tragg hesitou, durante um momento, e, em seguida pondo do lado a admiração pela coragem da rapariga, disse abruptamente:

Miss Faulkner, vou fazer-lhe duas perguntas. As respostas a essas duas perguntas determinarão todas as nossas futuras relações. Se me disser a verdade, poderei ajudá-la.

Quais são ? perguntou ela, com uma voz que era tão áspera e forçada como o estalido de um rádio.

Primeira: enviou os bombons envenenados a Esther Dilmeyer ?

Não.

Segunda: matou Harvey Lynk ?

Não.

93

Tragg sentou-se numa cadeira e pôs-se à vontade.

Muito bem. vou guiar-me pelas suas próprias palavras.

Se você tivesse assassinado Lynk ou enviado os bombons envenenados a Esther Dilmeyer, eu teria sido o primeiro a aconselhá-la a firmar-se nos seus: direitos constitucionais e a não responder às minhas perguntas. Uma nota de desprezo manifestou-se na voz dela. Por outras palavras: se me tivesse perguntado se mandei os bombons envenenados a Esther Dilmeyer e eu tivesse dito «Sim» o senhor teria sido muito magnânimo e teria dito «Então, Miss Faulkner, visto que me contou a verdade, aconselho-a a não responder a quaisquer perguntas, porque poderia incriminar-se.

Ele arreganhou os dentes num sorriso e disse:

Apenas, eu não esperava que você o admitisse se estivesse culpada. Mas podia tê-lo depreendido pelo seu comportamento.

Quer dizer que pode fazer a uma pessoa uma pergunta dessas e dizer pela maneira como é dada a resposta se esta é verdadeira?

Nem sempre, mas posso fazer uma ideia muito aproximada da verdade.

Então, disse ela, ainda com aquela nota de desprezo na voz tendo averiguado que eu não> cometi nenhum desses crimes, já cumpriu o seu dever, e, portanto, não há necessidade de perder aqui o seu precioso tempo.

Não vamos tão depressa. Em primeiro lugar, eu não declarei que a considerava inocente. Em segundo lugar, se não é culpada, pode ter alguma informação que me seja valiosa.

Ah, por conseguinte, ainda não me absolveu?

Não.

Julguei que tinha dito que sim.

Não. Eu disse que, se tivesse sido culpada, teria sido o primeiro a aconselhá-la a não responder às perguntas.

Mas vou explicar-lho melhor, Miss Faulkner.

94

Se está culpada, não responda às minhas perguntas, quando não, *caço-a!*

Bem, não sou culpada. Mas, mesmo que o fosse, não creio que o senhor conseguisse levar-me a admiti-lo.

Penso que o conseguiria retorquiu Tragg. Admitamos, nove vezes em dez.

O silêncio dela era significativo.

Agora, lembre-se, Miss Faulkner, se é culpada, por favor, não responda a estas perguntas. Diga, simplesmente, que não quer responder.

Não sou culpada.

Muito bem. Nessas condições, pode responder às perguntas, mas lembre-se de que a preveni.

Ela disse com calor:

Desde as sete horas desta noite, que tenho estado a defrontar uma situação de negócios muito difícil e penosa. Ando a esforçar-me por libertar-me de uma dificuldade... e não vou dizer-lhe de que dificuldade se trata ou como passei o tempo. Não sou obrigada a fazê-lo. Eu não...

Pois sim, pois sim interrompeu Tragg. Deixemos isso. Não me pode dizer nada acerca da natureza dessa dificuldade nos negócios ?

Não.

Seria talvez porque seu cunhado entregou a Coll um lote de acções da sua sociedade como penhor de uma dívida de jogo e Coll, por sua vez, entregou-o a Lynk, e Harry Peavis, seu competidor...

Interrompeu-se, ao notar-lhe a expressão do rosto.

Como soube isso ? inquiriu ela.

Soube-o por acaso, por intermédio de Mr. Magard, o sócio de Mr. Lynk.

Então, ele estava a par disso ?

Não. Contou-me que o soubera apenas esta tarde.

Ele e Lynk tinham trocado umas palavras a esse respeito.

Magard disse a Lynk que lhe compraria a sua parte ou

95

Lynk teria de comprar-lhe a dele, mas que a sociedade estava acabada.

Como é que Magard descobriu isso ?

Começou por juntar dois e dois e, finalmente, combinou um encontro com Lynk e forçou este a contar-lho

Não vejo qualquer razão para lhe dizer seja o que for.

Porquê ?

Como posso saber que não está a tentar apanhar-me numa armadilha? Foi suficientemente bom em avisar-me de que tentaria fazê-lo.

Já chegámos aonde queríamos disse ele. Agora peço-lhe que me ajude a descobrir alguns dos factos

Como?

Conhecia Sindler Coll?

Não.

Ouviu seu cunhado falar dele ?

Sim.

Que dizia Lawley a respeito dele ?

Dizia que gostaria de levar, uma noite destas, Coll lá a casa, quando minha irmã estivesse melhor.

Sua irmã é uma inválida ?

Sim... temporariamente.

Mr. Lawley fez qualquer referência a apostas de corridas de cavalos em ligação com Mr. Coll?

Não. Disse apenas que pensava que nós gostaríamos de Coll.

Que respondeu você?

Nada.

Devo depreender que você e seu cunhado não se dão muito bem?

Oh, ele é boa pessoa, mas... bem, pergunta-me o que eu respondi e aqui tem o que foi... nada!

E sua irmã?

Já me esqueci. Creio que Carla disse que seria

muito agradável.

Agora, disse Tragg vou dizer-lhe algumas pa-
96

lavras, Miss Faulkner, e quero que se sinta inteiramente calma, e à vontade e me diga o que cada palavra lhe traz à ideia.

Outra armadilha? perguntou ela.

Ele levantou ligeiramente as sobrancelhas.

Minha querida senhorinha, já lhe disse que, se fosse culpada, apanhá-la-ia no laço. O modo como tem repisado o mesmo assunto leva-me a crer que é... bem, deixe isso por agora!

Simplesmente, lá porque o senhor é um oficial da polícia que entra aqui tagarelando, às duas e meia da manhã, tenho de velar, mesmo não sendo culpada, durante toda a noite, a brincar às charadas consigo.

Nada disso. Tomar-lhe-ei apenas mais cinco minutos.

Lembre-se, por favor, Miss Faulkner, de que apenas vou tentar descobrir factos. Se receia que eu conheça a verdade, não coopere. Se não existe qualquer razão que a leve a desejar que eu ignore a verdade, apreciarei a sua cooperação.

Já me tinha dito isso antes!

Pois já.

Vamos a isso! Que palavras são? Creio que se trata de um desses testes de associação de ideias.

Não é bem isso, exactamente respondeu Tragg

O teste por associação exige uma quantidade de factores psicológicos e um controle contra-relógio para ver quanto tempo demoram as respostas. Serei franco consigo,

Miss Faulkner. Trata-se de um estratagema que é utilizado, algumas vezes, por psicologistas. Apresenta-se uma quantidade de palavras inocentes até se estabelecer o tempo médio de reacção da testemunha. Depois, são dadas palavras que podem criar um curso culpado de pensamentos. A pessoa, evidentemente, quer pôr-se na defensiva, receia trair-se e, portanto, o seu tempo de reacção torna-se um pouco mais longo em relação às palavras anteriores.

Compreendo disse ela mas estou, sofrivelmente,

7 - VAMP G 5

97

a par disso. Não necessita de explicar-me psicologia elementar.

Torna-se-me, portanto, mais fácil explicar-lhe exactamente o que realmente pretendo. Quero que tente dizer-me uma palavra que lhe seja suscitada no espírito pelas palavras que eu lhe disser.

Muito bem.

E quero que me diga essa palavra sem qualquer demora. Por outras palavras, no próprio instante em que eu lhe disser uma palavra, tem que responder rapidamente com a palavra que lhe ocorrer.

Muito bem. Comece lá!

Lar.

Correr respondeu-lhe ela com um leve fulgor de triunfo malicioso nos olhos.

Flor.

Freguês retorquiu, ainda mal a palavra acabara de sair da boca dele.

Orquídea.

Corpete.

Mais depressa incitou ele. Responda-me tão depressa quanto puder.

Não estou a fazê-lo ?

Só um pouco mais depressa, se puder.

Continue.

Carro.

Irmã respondeu, com a voz levemente estridente.

Arma,

Acidente gritou, quase triunfantemente.

A expressão de Tragg não se alterou.

lote .

Transferência.

Concorrente.

Peavis.

Polícia.

você.

Parafina.

98

Teste.

O tenente Tragg recostou-se na cadeira e sorriu-lhe.

Disse-lhe que a apanharia no laço, Miss Faulkner

disse ele, calmamente. Não seria melhor sentar-se e contar-me o que sabe?

Eu... Não sei o que quer dizer.

Ah, sabe, sim. Sabe da existência do teste de parafina para determinar se uma pessoa disparou uma arma de fogo. Mr. Mason contou-lho. Está fresco no seu espírito. Estava tão ansiosa por dar a resposta devida que, quando cheguei à parte da arma, esperando já que lhe falasse nela, defendeu-se espertamente e então, sentindo-se mais confiante, abrandou a vigilância e acabou por cair na ratoeira do teste de parafina.

Uma pessoa tem de ser considerada culpada de assassinio por conhecê-lo?

Não disse ele mas, quando verifico que uma mulher tem uma arma de fogo em seu poder e que provavelmente foi utilizada para cometer um assassinio; quando encontro" um delegado criminal fechado com ela às duas e meia da manhã; quando, mal um carro da polícia aparece, ela descarrega o revólver e quando a primeira palavra que lhe vem à ideia em relação com parafina é «teste», então tenho muito boas razões para crer que o advogado lhe falou do teste de parafina, que ela é uma mulher inteligente e que compreende que o único modo de se proteger não é tentar *tirar* a pólvora da mão, mas ter uma justificação perfeitamente legítima para a sua presença na pele!

Compreenda, Miss Faulkner: se se perguntasse a um polícia que palavra associaria a parafina, era muito natural que respondesse «teste», mas, para uma mulher cuja ocupação é a venda de flores ao público, associar parafina com o teste de nitrato... bem é, simplesmente, demasiado técnico.

Por conseguinte, pensa que o matei ?

Não sei. O que sei é que essa arma que você tentou.

99

esconder debaixo do divã foi disparada recentemente duas vezes. Sei que o segundo tiro foi disparado deliberadamente. Sei que Perry Mason se encontrava aqui a conversar consigo, pouco tempo antes desse tiro ser disparado. É fácil deduzir que ele a avisou de que, no caso de você ter disparado essa arma recentemente, o teste de parafina prová-lo-ia. E você foi suficientemente inteligente para compreender o que tinha a fazer.

«Pensei, durante um momento, que tivesse sido ideia de Mason, mas o modo hábil pelo qual se antecipou às simples armadilhas que lhe preparei e a rapidez das suas reacções mentais convenceram-me de que é uma mulher muito inteligente, Miss Faulkner, e que se lembrou disso sozinha.

Ela respondeu:

Não farei qualquer declaração. O senhor está a ser desleal. Suponho que agora me vai prender.

Não. Não vou detê-la ainda! Primeiro, vou mandar analisar esta arma quanto a impressões digitais. Vou comparar uma bala-teste disparada através do cano desta arma com a bala fatal que matou Lynk.

O senhor já disse que era a arma do crime.

Penso que o seja. Compreende, um perito de balística encontrou a bala que atravessou completamente o corpo de Lynk. Foi capaz de me dizer o calibre, o fabrico, a forma da cápsula e de determinar outras características do projectil. Encontrei esta arma em seu poder, carregada exactamente com munição do mesmo tipo. Agora, talvez me diga onde arranjou essa arma.

Num estabelecimento de artigos de desporto.

Não. Eu refiro-me a esta noite.

Ora... ora, não a podia ter tido sempre em meu poder?

Tragg respondeu:

Miss Faulkner, está a tentar proteger alguém.. alguém que ama ou alguém a quem deve favores.

Porque não a mim própria ?

Ou admitiu ele talvez a si própria.

100

E então ? perguntou ela.

O tenente Tragg levantou-se abruptamente.

uma mulher muito inteligente e muito esperta.

Acabo de obter, através de si, quase todas as informações que queria, pelo menos, nesta altura. Levo esta arma comigo. Quando voltar a falar consigo, saberei muito mais do que agora sei.

Suponho disse ela, sarcasticamente que além dos aborrecimentos do meu ofício, posso prever as visitas regulares da polícia.

Miss Faulkner, vê-la-ei só uma vez mais. No fim da nossa próxima entrevista, ou considerá-la-ei inocente ou detê-la-ei por assassinio de primeiro grau.

Por um momento, os olhos dela hesitaram.

Ele disse, calmamente:

Sabe Deus como detesto fazer isto. Preveni-a... não uma vez, mas várias vezes.

Ela ficou calada.

Não creio disse Tragg que haja qualquer possibilidade de conseguir que olhe para mim como para um ser humano. No fim de contas, procuro simplesmente descobrir um assassino. Se você não o matou, não tem que recear-me. Não creio que haja qualquer probabilidade de que possamos ser... bem, amigos?

Ela respondeu, altivamente:

Prefiro reservar-me a escolha dos meus amigos.

Ele virou-se para a porta da rua sem mais palavras.

Os olhos dela mostraram-se assustados quando o viram abrir calmamente a porta da rua, levando a arma suspensa por um fio à guarda do gatilho.

Boa noite, tenente disse ela quando Tragg transpôs o limiar.

Ele fechou a porta atrás de si sem responder.

Ela permaneceu ali alguns momentos, até ouvir o carro afastar-se; depois, precipitou-se para o telefone e, freneticamente, marcou o número da residência de Carlotta.

Ninguém respondeu.

101

CAPÍTULO VII

Mason utilizou impudentemente o prestígio que lhe advinha da sua associação com o tenente Tragg. A gerente da casa dos apartamentos, chamada uma vez mais

à porta, às poucas horas da manhã, procurou esconder a sua natural irritação.

Oh, sim disse ela. Outra vez, a polícia. Mason sorriu.

Bem, eu não o sou. Isto é, não venho em visita oficial, se bem que procure resolver o caso. Agia como não pudesse haver a mínima dúvida em ser bem recebido e, ao entrar no átrio da casa de apartamentos, disse:

Quero ir lá acima ver Coll só por um minuto, mas não quero que ele saiba que vou lá. Tem de dar-me uma chave. Depois, não precisarei mais de incomodá-la. O rosto da mulher estava inchado pelo sono, tinha o cabelo despenteado, a pele ainda gordurosa da maquilhagem, mas sorriu recatadamente.

Uma chave... do apartamento de Coll? Receio...

Só da porta exterior disse Mason, apressadamente.

Ah, isso é fácil. Tenho muitas extras. É só um momento e arranjo-lhe uma.

Quando entrou no próprio apartamento, arrastando os pés nas chinelas sem salto, Mason fechou a porta exterior e consultou o relógio. Estava absolutamente consciente da rapidez com que os preciosos minutos faziam tiquetaque no mostrador.

Ela voltou com a chave.

Obrigado disse Mason, recebendo-a. Vou até lá acima ver se já voltou. Qual é o número do apartamento ? Duzentos e nove.

Ah, sim! E muito obrigado. Estou absolutamente certo de que não teremos de incomodá-la senão mais uma vez.

102

Mais uma vez ? perguntou ela.

Sim confirmou Mason, com um sorriso. Penso que o meu sócio, o tenente Tragg, chegará cá, dentro de momentos. Receio que tenhamos destruído completamente o seu belo sono.

Oh, não faz mal respondeu ela, com uma doçura fictícia. Não me importo nada. É um prazer cooperar com a polícia... especialmente quando são tão simpáticos. Era evidente que apreciava o seu papel de assistente particular da polícia. Os minutos eram demasiado preciosos para serem desperdiçados, satisfazendo-lhe esse gosto e, por conseguinte, Mason apresentou-lhe simplesmente os seus agradecimentos, tomando com um sorriso o elevador para o segundo andar.

Encontrou o n.º 209 sem dificuldade. Pela bandeira da porta escoava-se luz.

Mason bateu suavemente e, quase instantaneamente, ouviu o som de uma cadeira ao ser arredada para trás e de passos sobre a carpete. Coll abriu a porta. Era bem evidente que esperava outra pessoa. A presença de Mason desconcertou-o.

Que quer você? inquiriu. Já lhe dei a morada dela. É a única que tenho.

Quero fazer-lhe algumas perguntas.

Ora, é uma ocasião dos diabos para fazê-las. Quem, o deixou passar a porta da rua? Quem é o senhor? É também da polícia?

Chamo-me Mason. Sou advogado.

Instantaneamente, o rosto do homem tornou-se absolutamente falto de expressão. Foi como se tivesse sido capaz de deslocar uma alavanca que baixasse um tampão sobre a sua actividade mental e lhe apagasse nas feições a menor reacção. O seu ar de aborrecimento desvaneceu-se, deixando-o como uma imagem esculpida.

Sim ? perguntou ele, inexpressivamente.
O advogado era suficientemente alto para deitar por cima dos ombros de Coll uma vista de olhos à parte do
103
apartamento, através da porta meio-aberta. Pelo que lhe era dado ver, não havia ali mais ninguém.
Acho muito importuno fazer-lhe perguntas, aqui no corredor disse Mason.
E eu acho muito importuno recebê-lo no meu apartamento, a estas horas da manhã. Deixemos isso para o meio-dia pouco mais ou menos.
Estas perguntas não podem esperar respondeu Mason. Sabe quem matou Lynk ?
Os seus olhos semicerraram-se durante um momento, e, depois, dilataram-se lentamente. Eram tão escuros que, à luz do corredor, era impossível notar qualquer linha de demarcação entre a pupila e a íris.
Que é isso ? Uma armadilha ?
Não sabia que Lynk foi assassinado?
E ainda o não sei.
Foi assassinado por volta da meia-noite
Coll, com os olhos ainda dilatados, inquiriu:
Qual é o seu interesse nisso, Mr. Mason ?
Mason continuou, suavemente:
Primeiramente, estou interessado em descobrir quem envenenou Miss Dilmeyer.
Envenenaram-na ?
Exactamente.
Está doido ou pretende gracejar ? perguntou Coll.
Nem uma nem outra coisa. Miss Dilmeyer está, neste mesmo momento, no Hastings Memorial Hospital... e Mason, estudando a expressão de gelada surpresa que se patenteava no rosto de Coll, acrescentou um embelezamento melodramático ...lutando entre a vida e a morte.
Como... aconteceu isso?
Alguém o alvejou com um revólver de calibre 32... nas costas.
Não, não! Esther?
Oh, Miss Dilmeyer? Ora, alguém lhe enviou uma caixa com bombons envenenados. Mas o que eu quero
104
descobrir é; quando foi que recebeu esses bombons. Foi depois de ter saído daqui ou se já os tinha com ela enquanto aqui esteve?
Os olhos de Coll deixaram de denotar surpresa.
Que quer dizer com isso de: enquanto aqui esteve?
Mason respondeu:
Sabemos que ela tinha cá estado, esta noite.
A que horas?
Não posso dizer-lhe a hora exacta. Foi antes das onze e meia e depois das dez horas. Esperávamos que nos pudesse ajudar neste ponto.
E Mason, com o ar de um homem a apresentar credenciais, tirou da algibeira o lenço que encontrara na cabina telefónica.
Coll estendeu mecanicamente a mão, pegou no lenço e mirou-o.
É o lenço dela, não é?
Como o hei-de saber ?
Mas sabe, não é verdade ?
Não.
Mason levantou o sobrolho, cepticamente.
Isto é disse Coll não o identifico. Parece que ela costuma bordar as iniciais nalgumas das suas coisas.
Não lhe mexo no guarda-roupa, compreende. .

Compreendo respondeu Mason.

Ouviu o estalido metálico do botão de funcionamento do elevador automático. A caixa iluminada fazia barulho enquanto descia pelo túnel. Coll olhou por cima do ombro de Mason e disse, apressadamente:

Bem, lamento não poder ser-lhe mais útil do que isto. Se me der licença, Mr. Mason, creio que vou deitar-me. Não me sinto bem, e...

Oh, certamente observou Mason. Lamento tê-lo incomodado. Posso garantir-lhe que o fiz simplesmente porque era imperioso...

Está bem interrompeu Coll, precipitadamente Compreendo. Boa noite, Mr Mason.

105

Só mais uma coisa. Devo depreender que não sabe se Miss Dilmeyer esteve aqui esta noite ?

Isso mesmo.

Nesse caso, o *senhor* não se encontrava aqui, no *seu* apartamento ?

Durante todo o tempo, não. Ouça, não estou disposto a que me interroguem sobre os meus assuntos particulares.

Quando viu Miss Dilmeyer pela última vez ?

Não sei. . não posso ser incomodado agora com toda essa história, Mr. Mason. Digo-lhe que não o posso ajudar. Não faço a mínima ideia de quem lhe enviou esses bombons envenenados. Agora, se mo permite, Mr. Mason...
Pez uma tentativa para fechar a porta, mas o ombro de Mason impediu-o.

Coll disse com raiva fria:

Mason, não quero ser rude consigo por causa disto, mas vou *para a cama!*

Empurrou a porta com força.

Ora, certamente disse Mason, retirando abruptamente o ombro e deixando a porta fechar-se com estrondo.

Mason percorreu rapidamente o corredor. Agora, o elevador subia.

Em vez de parar diante da porta do ascensor, Mason andou uns seis metros mais para diante, colando-se junto à parede na zona do corredor mal iluminado.

O elevador parou. As portas abriram-se suavemente.

Um homem baixo e atarracado, com fato completo, um sobretudo escuro e um chapéu alto, saltou para o corredor com a rapidez de alguém que tem urgência em chegar ao destino. Virou à direita, percorreu rapidamente o corredor, consultando os números das portas. Parou no extremo do corredor, olhou para trás e, depois, bateu à porta de Coll.

Quando a porta se abriu, a luz que se escoou permitiu

106

a Mason examinar o rosto do visitante. Tinha um pescoço forte e as feições pesadas que condizem com ombros largos e uma compleição musculosa.

Mason ouviu Coll dizer:

Entre.

CAPITULO VIII

Mason bateu à porta do quarto de Mrs. Dunkurk, no Hotel Clearmont e entrou. O sol matutino, atravessando as cortinas de renda, espargia-se na cor de laranja pálida da coberta da cama. Pelas janelas abertas, chegavam os sons abafados do tráfico distante. Dentro do quarto, a respiração difícil da mulher deitada dominava todos os outros sons.

bom dia, Mrs. Lawley saudou Mason.
Ela procurou sorrir.

Como se sente?

Pouco... pouco bem.

Tem algum remédio?

Tenho.

Algum dos que levou de casa ?

Ela respondeu com um gesto de cabeça afirmativo.

E vestidos ?

Alguns.

Conversar era evidentemente um esforço. Aguentara-se bem sob o estado de excitação, da noite anterior, mas, agora, dera-se a reacção. Notavam-se-lhe círculos negros em volta dos olhos. As pálpebras tinham uma tonalidade cinzento-azulada e os lábios estavam distintamente roxos.

Dormiu ? perguntou Mason.

Ela sacudiu negativamente a cabeça.

vou mandar-lhe um médico disse Mason.

Não, não. Eu estou... estarei bem.

- - Conheço um em que posso confiar.

Acabará por saber quem eu sou.

107

Certamente que sim. A senhora é Mrs. Charles Dunkurk de San Diego. Está aqui para me consultar sobre um assunto muito importante. A excitação abalou-lhe a saúde.

Mason dirigiu-se ao telefone e ligou para o consultório do dr. Willmont. Soube que o médico estava no hospital e deixou-lhe como recado que telefonasse para o quarto de Mrs. Dunkurk, no hotel. Depois, voltou a conversar com Mrs. Lawley.

Sente-se capaz de me contar o que aconteceu ?

Ela respondeu:

Sofri uma comoção.

O aceno de cabeça de Mason era compassivo.

Não fale mais do que o necessário. Posso dizer-lhe a maior parte dos factos. Há apenas uma ou duas lacunas que necessito que preencha.

Quais são?

Sua irmã foi a sua casa, a noite passada. Disse o suficiente para dar a entender que seu marido estivera metido em certas dificuldades bastante sérias. Ele levantou a voz numa negativa zangada, a senhora ouviu-o, saltou da cama e começou a descer as escadas.

Não, esclareceu eu estava a escutar à porta. Millie e Bob nunca se deram bem. Sempre percebi que ela...

Eu sei interrompeu Mason. Seja como for a senhora ouviu o suficiente para se decidir a ouvir mais. Quando seu marido saiu, a senhora seguiu-o.

Ela começou a dizer qualquer coisa e, depois, calou-se.

Mason continuou:

Lynk foi assassinado, no Lilac Canyon. Sua irmã sabe algo que a leva a pensar que foi a senhora quem o assassinou.

Que eu matei Lynk ?

Sim.

Ela não devia pensar isso.

108

Pelo menos, há uma certa prova que a leva a supor que a polícia quererá detê-la, a si.

A mulher, deitada na cama, nada respondeu, mas olhou pasmada para Mason com uma abstracção quase sonhadora.

Pode dizer-me o que se passa ? perguntou Mason.

-Não.

Matou Lynk ?

Não.
Lynk possuía certo lote de acções que guardava como penhor... um lote de acções das Casas de Flores Faulkner.
Não, isso é engano. Ele não tinha esse.
Não tinha ?
Não.
Quem o tem ?
Eu.
Onde ? perguntou Mason.
Por acaso, disse ela. Tenho-o comigo»'.
Mason franziu os lábios num assobio silencioso.
Então, as coisas estão nesse pé! comentou, passado um momento.
O quê?
você apanhou esse lote a Lynk.
Não seja tolo. Sempre o tive.
Lembre-se continuou Mason de que Lynk tinha um sócio. Clint Magard apertou ontem à tarde com Lynk e descobriu o que se passara.
Não percebo o que isso tenha a ver comigo.
Imenso. Magard sabe que Lynk tinha esse lote com ele, a noite passada, quando foi ao Lilac Canyon.
Ele está enganado, Mr. Mason.
Receio não poder ajudá-la, Mrs. Lawley. Não defendo assassinos. Se me encarrego de um caso, quero alguma garantia de que o meu cliente está inocente.
Ela agitou-se, inquietamente, no leito.
Mason disse:
109
Lamento. Não vou obrigá-la a mais qualquer esforço. Gostaria de ajudá-la, mas, da forma como as coisas agora estão, não posso fazê-lo.
Ela suspirou, fechou os olhos, entrelaçou os dedos e disse, com fadiga:
vou contar-lhe... como foi.
Corte todos os floreados, dê-me simplesmente os factos nus e crus.
Depois de Millie ter saído, quis fazer algumas perguntas a Bob, mas não queria que ele soubesse que eu tinha estado à escuta. Voltei ao quarto e vesti-me. Ouvi Bob mover-se lá em baixo. Falou ao telefone. Falou com um amigo chamado Coll e esteve a ligar para um número de onde não responderam. Por volta das onze e meia, ouvi-o sair. Hesitei, durante um momento, perguntando-me se ousaria segui-lo. Depois, decidi correr o risco. Tinha o meu carro na garagem. Não acendi os faróis. Saí antes de ele ter percorrido dois quarteirões e procurei não o perder de vista.
Onde foi ? perguntou Mason.
Lilac Canyon.
Seguiu-o?
Sem qualquer dificuldade. Ele estava completamente absorvido. Simplesmente, no Lilac Canyon, a estrada, torcia-se e retorcia-se tanto que não pude ver que caminho ele tomara.
Então, perdeu-o ? perguntou Mason, conservando os olhos e a voz sem expressão.
Sabia pelo que tinha ouvido da sua conversa ao telefone que um homem chamado Lynk morava para os lados de Lilac Canyon.
Portanto, dirigiu-se à cabana de Lynk?
Sim.
Como a descobriu?
Indaguei.
Onde ?

Há uma pequena loja com estação de serviço, um
110

modesto fornecedor dos arredores, lá em baixo, na base do declive. Lembrei-me de ter passado por ali. Estavam as luzes acesas e havia uma quantidade de carros em frente. Celebravam o aniversário do homem que dirige aquilo. Certamente, eu não o podia adivinhar, nessa altura. Só sabia que as luzes estavam acesas... Contaram-mo quando entrei... Perguntei-lhes se sabiam onde ficava a casa de Lynk... Perguntei-o, indirectamente. Disseram-lho ?

Sim. Um dos convidados sabia-o.

,, E você foi até lá?

Sim.

Mas, aproximadamente, que intervalo decorreu desde que perdeu de vista seu marido até ter chegado à cabana de -Lynk ?

Dez minutos.

Muito bem, continue.

Fui até à cabana. Bati e não obtive resposta, A porta estava ligeiramente entreaberta... uma abertura talvez de dois centímetros e meio.

Entrou ? pergunto Mason.

Sim.

E que encontrou ?

Bem sabe o que encontrei... um homem... suponho que era Lynk... caído contra a mesa. Estava morto... com um tiro.

O que fez?

Ela indicou que queria descansar. Durante mais de um minuto, permaneceu deitada com os olhos fechados, respirando pesadamente. Por fim, disse:

O choque podia ter-me matado, mas, caso bastante estranho, naquela altura, não sofri qualquer comoção... Por qualquer razão, estava tão isolada como se tivesse estado a observar um filme de mistério, na tela,

Não estava assustada?

Não sentia a menor; emoção. Os meus sentidos

111

estavam completamente entorpecidos. O choque... isto é, o choque emocional... veio mais tarde.

Continue animou Mason.

Compreendi, evidentemente que Bob tinha ali estado, que tinham questionado e que disparara contra ele.

Como compreendeu isso ?

Por causa de uma coisa: esclareceu a minha arma... isto é, a arma de Millie, a que ela me deu... estava no> chão.

Como sabia que era essa mesma arma ?

Porque há um pequeno canto lascado, na coroa de madreperla.

Onde estava a arma ?

Caída no chão.

O que fez?

Apanhei-a.

Levava luvas ? perguntou Mason.

Não.

Então, deixou nela as suas impressões digitais?

Suponho que sim.

Não se lembrou disso, nessa altura ?

Não.

Então, porque apanhou a arma? Pensou que podia ter de defender-se a si própria?

Não, evidentemente que não. Pensei que era uma prova de que Bob tinha partido. Queria protegê-lo. Eu... amo-o. Sou sua mulher.

Muito bem, apanhou a arma. Que fez com ela?
 Pu-la... na algibeira do meu casaco.
 E, depois, que mais?
 Vi uns documentos sobre a mesa.
 Leu esses papéis ?
 Não, não li. Mas algo me atraiu a atenção. O lote
 de acções das Casas de Flores Faulkner.
 Como é que lhe chamou a atenção ?
 Nota-se, facilmente, a litografia do certificado.
 Peguei-lhe e vi do que se tratava.
 112
 Que fez com ele ?
 Meti-o na minha mala.
 E depois?
 Depois, saí.
 Deixou a porta entreaberta, ao sair ?
 - Não, não deixei. Tinha um fecho de mola e fechei-a.
 Pôs as mãos na maçaneta da porta ?
 Sim, certamente.
 Sem luvas ?
 Sim.
 E então?
 Entrei no meu carro e vim-me embora.
 Para onde?
 Fui directamente para casa. Compreendi, evidentemente,
 o que Bob fizera. Queria ouvir o que me diria
 a esse respeito.
 E depois?
 Esperei algum, tempo e, como Bob não voltasse,
 enchi-me de pânico. Comecei a compreender a gravidade
 daquela coisa horrível... o paralisante efeito do choque
 desaparecera e deixara-me a compreensão do que aquilo
 significava. Senti-me mal do coração. Tomei o remédio
 e pareceu-me melhorar um pouco.
 Depois, o que fez ?
 Percebi que precisava simplesmente de ver Bob.
 Era o sentimento mais terrível que tivera em toda
 a minha vida: compreender que o homem que amo...
 o homem com quem casei... e, depois, ver esse corpo...
 Penso que foi a primeira vez que realmente a sua força
 me feriu. Bob era um assassino.
 Voltou a fechar os olhos e ficou, durante um minuto
 ou dois, simplesmente a descansar.
 Foi "a algum lado à procura de seu marido ? perguntou
 Mason, passado um momento.
 Não. Compreendi que ele não seria capaz de encarar
 coisas como essa e que fugiria. Senti que nunca mais
 8 - VAMP G 5
 113
 voltaria a vê-lo. Sabia que não queria vê-lo e, contudo
 sentia que o amava.
 - Que fez então ?
 Precisei de alguém em quem confiar. Havia apenas
 uma pessoa.
 Sua irmã ?
 Sim.
 Viu-a?
 Não. Sabia que não podia ficar sozinha naquela
 casa. Meti algumas coisas numa mala, entrei para o carro
 e guiei para casa de Millie. Ela não estava e não tinha
 o carro na garagem. Sabia que ela trabalhava muito frequentemente
 no escritório da loja da Broadway... bem.
 sabe, a secção da Broadway das Casas de Flores Faulkner.
 Portanto, foi até lá?
 Sim.
 E ela não estava ?

Não.

E depois?

Foi então que a reacção se fez sentir.

O que fez?

Senti-me muito doente, durante um momento. Entrei no átrio de um hotel e sentei-me. Devo ter desmaiado. Um. «paquete» perguntou-me se eu queria água e se eu estava doente. Disse-lhe que sobrecarregara um pouco o coração e que, se me deixasse ali estar, durante alguns minutos, ficaria boa.

Finalmente, sentiu-se melhor?

Sim.

Portanto, resumindo o que aconteceu, a senhora pegou na arma com que o assassinio fora cometido, levou-a para casa e deixou-a, com as suas impressões digitais, no toucador do seu quarto?

Receio isso, sim.

Parece que seu marido desapareceu! observou Mason.

Sim.

114

Onde está esse lote ? perguntou Mason.

Refere-se ao certificado das Casas de Flores Faulkner.

Sim.

Na minha mala.

Mason estendeu-lha.

vou ficar com ele.

Ela abriu a mala e entregou-lhe o certificado dobrado.

O telefone tocou. Mason comentou:

Provavelmente, é o dr. Willmont.

Atendeu:

Está ?

Ouviu o dr. Willmont dizer:

- Desta vez, de que se trata ?

Outra doente, doutor respondeu Mason.

Violência ?

Não. Preciso que venha depressa ao Hotel Clearmont.

Estarei à sua espera, no átrio. Pode vir?

Um caso de emergência?

De certo modo.

vou já.

Como está Miss Dilmeyer ? .

Continua a dormir.

Não pode apressar isso um pouco ?

Posso, mas não o farei. Há demasiadas pessoas que lhe cairão em cima, mal ela recupere os sentidos. Procurarei que esteja sossegada, durante tanto tempo quanto

lhe seja possível. Onde disse que estava? Hotel Clearmont?

Sim. É um pequeno hotel, na...

Eu sei onde fica. Estarei lá, dentro de uns dez minutos.

Mason dirigiu-se à escrivaninha, tirou um sobrescrito, meteu-lhe dentro o certificado, endereçou o sobrescrito a si próprio, para o seu escritório, e tirou da carteira alguns selos.

Mrs. Lawley observava-o em silêncio.

115

O médico explicou Mason estará aqui, dentro de uns dez minutos. vou descer até ao átrio para o esperar.

Que fez ao seu carro?

Entreguei-o ao pessoal do hotel para que o pusessem na garagem.

Deram-lhe uma senha?

Está aqui.

Dê-ma. vou fazer uma certa coisa com o seu carro

e não quero que faça quaisquer perguntas.

Ela passou-lhe a senha.

Sabe, Mr. Mason, começo a sentir-me melhor. Desabafar consigo aliviou-me. O senhor é muito competente e encorajador. Há uma coisa com que não deve preocupar-se.

Qual é?

com a *minha* ligação com isso.

Porquê ?

Bob não deve ter tido coragem, para enfrentar a música, mas não me deixará arcar com as responsabilidades.

Escreverá à polícia uma carta ou alguma coisa a contar-lhes e então...

Então? perguntou Mason quando a voz dela se calou.

Então, será um fugitivo.

Que fará ele para arranjar dinheiro ? Têm conta a meias ?

Ele tem poderes como meu procurador. Agora que penso nisso, a maior parte do meu rendimento tem passado para a *sua* conta. Não sei. Não me tenho preocupado com negócios. O médico disse-me que nem sequer devia pensar neles. Pus tudo isso nas mãos de Bob.

Qual é o estado das suas finanças ?

Não sei, Mr. Mason... Depois do que Millie insinuou a respeito de Bob e dos cavalos... não sei, exactamente.

Tem dinheiro suficiente para pagar a sua conta aqui?

116

Oh, sim. Tenho, pouco mais ou menos, cem dólares em dinheiro e um livro de cheques de viagem.

Tem esses cheques consigo ?

Sim. Tenho-os sempre na mala.

Quanto tem ainda ?

Quase mil dólares... penso que são, exactamente, novecentos e vinte. Tenho alguns cheques de vinte dólares, alguns de cinquenta e alguns de cem.

vou tirar-lhos das mãos disse Mason.

Dirigiu-se à escritaninha, tirou uma folha dos escritórios do hotel, rasgou o topo da folha e escreveu: «Pelo valor recebido, endosso, por este meio, e transfiro para Della Street os cheques aqui discriminados e a sua implícita importância. Por este meio, dou poderes à mencionada Della Street, como minha representante, para assinar o meu nome nos referidos cheques, recebê-los, em data que aprouver conveniente, e entregar o dinheiro a Perry Mason».

Mason estendeu-lhe o papel e disse:

Leia, assine e, depois, ponha, em baixo, com a sua letra a discriminação dos cheques, os números e quantias. Mencione que o documento é feito por causa de uma avultada remuneração. Precisarás de ter algum dinheiro consigo para fazer frente às despesas, pelo menos, por algum tempo. Não pode passar os cheques como Carlotta Lawley, enquanto estiver aqui registada como Mrs. Dunkurk.

Deixo-lhe agora algum dinheiro e dar-lhe-ei mais quando precisar.

Mason abriu a carteira e tirou trezentos dólares, em notas de dez dólares.

Não estou a compreender. Não preciso de tanto dinheiro e, se vai ser o meu advogado, terei que pagar-lhe os honorários. Pode levar esses cheques como um sinal.

Sua irmã disse que se encarregaria dos meus honorários. Isso pode esperar. Nesta altura, tenho um plano definitivo. Preciso desses cheques para pôr o meu

117

plano em acção. Quero um recibo dos trezentos dólares

que lhe entreguei.

Dirigiu-se uma vez mais à escrivania e redigiu um recibo que passou a Mrs. Lawley.

Agora, disse Mason, tirando a caneta do bolso não procure compreender o que estou a fazer. Não faça perguntas porque não lhes responderei. Confio em si. Tem de retribuir-me da mesma forma.

Mas, Mr. Mason, porque não posso contar naturalmente a minha história? Porque não posso...

Mason interrompeu-a:

O testemunho circunstancial é, frequentemente, o perjuro mais convincente em que qualquer testemunha pode incorrer. A senhora meteu a cabeça num laço. Estava" a proteger Bob. Parece-lhe inteiramente natural. Não parecerá tão natural a outra pessoa qualquer. Está a passar por alto a prova mais evidente de todo o caso.

Qual é?

Parou, nessa estação de serviço dos arredores. Havia lá uma festa. Pediu informações sobre a cabana de Lynk. Alguém conhecia o caminho e indicou-lho. Nestas circunstâncias, todo um rebanho de testemunhas pode identificá-la. Estava excitada, agindo sob um grande esforço, o seu coração incomodava-a e a sua aparência deve ter-se tornado um tanto suspeita.

Acha que pensarão que fui eu?

Estarão tão certos disso afirmou Mason, com horrível convicção que, a menos que eu consiga fazer alguma coisa que os ponha no encalço do assassino, deixarão de preocupar-se com o caso mal descubram essa prova contra si.

Ela cerrou os olhos, pensou, durante um momento, e, depois, disse:

Bem, porque não? No fim de contas, Mr. Mason, não quero iludir-me. O estado do meu coração é grave. O que aconteceu a noite passada não lhe trouxe quaisquer melhoras. Bob e... Bem, ele quer viver e o que fez, fê-lo

118

por mim. Nunca poderei perdoar-lhe o que fez, mas posso compreender *porque* o fez. Porque não deixar-me simplesmente acarretar com a responsabilidade?

Saberemos mais coisas acerca desse coração, dentro de alguns minutos. Agora, recline-se e relaxe os nervos. Registe os números desses cheques, escreva-os na pró-curação e depois assine ambos os documentos. Enquanto estiver a fazer isso, descerei ao átrio, ao encontro do dr. Willmont. Quando voltar com ele, entregue-me os documentos e os cheques. Não deixe que o dr. Willmont saiba o que isso é. Limite-se a estender-me os documentos e cheques, dobrados conjuntamente.

Levantou-se e fitou-a com um sorriso encorajador.

As coisas não vão tão mal como parece animou.

Estão a compor-se. Vai achar o dr. Willmont muito competente.

Saiu para o corredor, fechou a porta e desceu ao átrio. Não -chegara a estar ali dois minutos quando chegou o dr. Willmont.

Desta vez, o que é ?

Uma mulher que precisa de um cuidadoso apoio.

Quem é ?

Chama-se Mrs. Charles X. Dunkurk. É de San Diego.

Que quer que eu faça?

Há várias coisas que quero que faça. Primeiro, quero que confie as suas perguntas ao essencial. Não a interrogue a seu respeito.

O dr. Willmont dirigiu-lhe um olhar penetrante.

Isso é uma ordem um tanto estranha! criticou.

Creio que a achará razoável quando a vir.
Quer dizer que não devo perguntar-lhe onde vive,
se é casada ou qualquer coisa do género?

Isso mesmo. Se lhe fizer perguntas particulares,
isso suscitará uma série de recordações que redundarão
num choque nervoso. Se acha que ela o poderá suportar,
vá para diante. Mas a responsabilidade é sua.
Muito bem. Que mais?

119

Faça um exame completo. Quando acabar, diga-me
exactamente o que descobriu. Não quero que mo encubra,
sob nenhum aspecto.

Que quer dizer ?

Se essa mulher puder suportar o choque de ser
levada ao escritório do procurador do distrito, interrogada
e talvez detida, quero fazer o jogo dessa maneira.
Se não puder, tenho de jogá-lo de uma maneira inteiramente
diferente.

Muito bem anuiu o dr. Willmont. Vamos vê-la.
De que se trata? Nervos?

Coração.

Isso disse o dr. Willmont com uma nota de alívio
na voz simplificará muito o caso. Receava que estivesse
a fazer de mim bode expiatório para um sacrifício!

Não. É jogo limpo e legal.

Muito bem, vejamo-la.

Subiram ao quarto do Mrs. Lawley. Mason apresentou
o dr. Willmont.

Agora anunciou o dr. Willmont vai prescrever-lhe
um tratamento. Far-lhe-á apenas as perguntas que
são absolutamente indispensáveis.

O dr. Willmont cumprimentou e sorriu.

Mrs. Lawley estendeu a Mason um sobrescrito fechado.

O senhor queria isto disse ela.

Mason confirmou com um gesto de cabeça e encaminhou-se
para a porta.

Esperarei por si, no átrio, doutor.

Decorridos vinte e cinco minutos, o dr. Willmont foi
sentar-se ao lado de Mason. Tirou um charuto do bolso;
cortou-lhe a ponta e acendeu-o.

Vou procurar descrever-lhe o quadro, tão claramente
quanto possível, sem usar termos técnicos. A maioria
das pessoas pensa que a doença do coração é uma
coisa muito séria e que poderá ser fatal de um momento
para o outro. Na realidade, o coração é um órgão. É composto
por músculos, nervos, válvulas, artérias e uma

120

membrana. Qualquer destas partes está sujeita a um
desarranjo e, quando isso acontece, temos um estado
conhecido por doença cardíaca.

«Agora, sem entrar em pormenores, posso dizer-lhe
isto: o coração desta mulher apresenta todos os sintomas
de ter sido muito danificado. Diria que teve uma eudocardite,
que se restabeleceu um pouco e, posteriormente,
esteve sujeita a um choque nervoso que lhe exigiu um
terrível esforço e, portanto, sofreu uma recaída temporária,
de que, com o cuidado e tratamento adequado,
se refará. Diria que está a melhorar.

Acha que poderemos submetê-la ao esforço de comparecer
perante o procurador de distrito ou, talvez...

O dr. Willmont sacudi a cabeça.

Conserve essa mulher, aqui mesmo, neste quarto
de hotel. Mantenha-a sossegada. Que lhe levem as refeições
lá acima. Anime-a. Evite-lhe preocupações. Dê-lhe
os remédios devidos e, dentro de alguns dias, estará
refeita. Na realidade, Perry, não perguntei o que tinha

acontecido. Posso afirmar que sofreu um choque, mas, no fim, o resultado deve ser benéfico.

Que quer dizer ?

Também entra em linha de conta o factor mental. Verifica-se isso, quase sempre, nos casos cardíacos. Essa mulher tentava recuperar a sua vida normal, mas fora tão insistentemente prevenida contra excitação e choque e convencida da necessidade de se manter calma que se resignara à invalidez. Procurava ser corajosa, mas subconscientemente sentia que nunca poderia melhorar. O facto de ter aguentado tudo por quanto passou recentemente constituiu uma surpresa. Será benéfico... se agora tomar o devido cuidado.

Isso é tudo quanto eu queria saber declarou Mason. Ela fica aqui.

Quem é ela ? inquiriu o dr. Willmont.

Não tenha dúvidas, doutor. É Mrs. Charles X. Dunkurk de San Diego.

121

CAPITULO IX

Perry Mason abriu a porta do seu gabinete particular. Atirou o sobretudo e o chapéu para cima de uma cadeira e saudou Della Street com um «olá», quando esta se acercou com a correspondência.

Sente-se um momento, Della. Deixe agora o correio. Estou metido num sarilho.

O que é?

Ainda não sei a gravidade que vai ter. você viu os jornais ?

Sim. Tratam do assassinio de Lynk.

O sarilho está relacionado com isso. »

E com Mildreth Faulkner ?

Não. com sua irmã, Carlotta Lawley.

O jornal nada diz acerca dela.

A polícia ainda não tem bases para envolvê-la no assunto pela simples razão de que julgam ter motivos para suspeitarem de Mildreth e ignorarem, por enquanto, a existência de Carlotta.

Acabarão por caçá-la ?

Sim.

Quando ?

Hoje, provavelmente.

Pensei que representasse Miss Faulkner.

Não. Não quis aceitar o seu caso e não creio que ela quisesse ser minha constituinte.

Por que razão não o quererá a si ?

Porque me pediu que defendesse a irmã e é suficientemente esperta para saber que, se me encarrego dessa defesa, não quero ter peias de qualidade nenhuma.

A irmã sabe disso ?

Não.

Como é que isso o envolve num sarilho ?

Mason ofereceu-lhe cigarros. Ela abanou a cabeça.

O advogado tirou um e acendeu o fósforo na sola do

122

sapato e ficou, por momentos, fitando a chama, *antes de* apagá-la.

Então, disse:

Ela pode estar culpada.

Quem ?

Qualquer delas, Carlotta ou Mildreth.

Quer dizer. . de homicídio ?

Sim.

E então? interessou-se ela.

Mason expôs:

Eu fiz sempre o possível por defender constituintes

que estivessem inocentes. Tenho tido sorte, mas tenho-me sempre arriscado. Tenho posto em prática artimanhas e tenho-me saído sempre bem. Por vezes, as provas testemunhais e materiais estão francamente negras para o meu cliente, mas, ou pela forma de ele falar ou por qualquer pormenor insignificante, pressinto que esteja inocente. Aceito a causa e luto por ela. Não sou infalível. As minhas percentagens não vão além de cinquenta por cento e, contudo, tenho estado, muitas vezes, do lado perigoso da lei. É uma questão de sorte. Agora, tenho um pressentimento de que as coisas vão mudar e que as perdas vão cair sobre mim.

Que diferença é que isso faz ?

Não sei! respondeu Mason francamente. Sei simplesmente que um advogado pode muito bem recusar tomar conta de qualquer caso, a menos que esteja convencido da inocência do seu cliente. Este, por sua vez, tem sempre direito a um defensor legal. Para se obter a culpabilidade de um acusado é necessário um veredicto unânime de doze jurados...

Ela fitou-o com olhos perscrutadores.

Parece-me que está a assobiar no escuro para se dar coragem.

Mason fez uma careta.

Sim aquiesceu e sorriu.

Era o que eu pensava.

123

Perry continuou:

O pior de tudo é que ela sofre do coração. Fez um esforço grande e a «bomba» funciona mal. Tem agora que fazer repouso e ingerir uma data de remédios para recuperar, antes de poder ser sujeita a qualquer espécie de choque. Se for acusada de crime de homicídio, levada perante o Grande Júri, interrogada pelo procurador do distrito e atormentada pela matilha dos repórteres, é muito capaz de não conseguir...

Conseguir o quê ?

Sobreviver.

Oh!

Um momento depois, Mason acrescentou:

É a mesma coisa que uma sentença de morte. Se você conhecesse alguém que morresse no caso de ser acusada, e quisesse matá-la... bem... Seria o melhor que teria a fazer!

E qual é a alternativa?

Mason cruzou os dedos sobre o ângulo do joelho e explicou:

Aí é que está o busílis. A lei não prevê situações como essa. Provavelmente, posso ir ao tribunal e requerer uma autorização para interná-la num sanatório, ao cuidado de um médico, sem poder receber visitas, a menos que aquele as permita. Mas o médico pode ser indigitado pelo tribunal. O inconveniente está no facto de, mal eu chegue ao tribunal, ter de provar que ela se acha nessas condições. Posso levar comigo um médico que declare qual a sua opinião, mas o procurador do distrito logo arranjará outro médico para contrapor ao meu. Naturalmente, o juiz quererá vê-la, pessoalmente. Isso forçá-la-á a tomar contacto com a natureza do processo. Terá que ser informada de que querem acusá-la de assassinio e isso poderá ser o bastante para... Não. Não posso seguir esse caminho. Não posso arriscá-la a isso.

Que espera poder fazer ? inquiriu Della,

124

Tenho que agarrar a lei com as minhas próprias

mãos respondeu Mason. Tenho que deter a justiça até descobrirem a minha constituinte.

Não acha isso deveras difícil, se eles, na verdade, a procuram?

É o que me aborrece. Só há uma maneira de impedi-los de o fazerem., e, ao mesmo tempo, conseguir uma coisa que desejo.

Que coisa é essa?

Quero que a polícia prenda Robert Lawley.

Andam à procura dele ?

Não estão muito interessados. Por enquanto, consideram-no uma testemunha que escapou para salvar os seus interesses e julgam que podem provar o que pretendem por intermédio de uma outra testemunha.

Nesse caso, o que conta fazer ?

Mason esboçou um sorriso contrariado.

Já o fiz! Estou agora a olhar para trás, para apreciar a perspectiva tal como se tivesse galgado uma montanha e me pusesse a ver a altura conseguida.

E de que altura conta cair? perguntou« Della.

...contamos ambos cair! confessou Mason.

Após alguns segundos de silêncio, Della Street disse, abruptamente:

O que está feito, feito está. Porque se apoquentas ?

Não é isso que me aborrece.

Então o que é ?

Tê-la envolvido no caso.

Como?

Detesto *fazê-lo*, mas não vejo nenhuma outra saída. você vai limitar-se a seguir as minhas instruções e não fará qualquer pergunta. Posso deixá-la a salvo...

Não quero ser deixada a salvo respondeu ela, impacientemente. Quantas vezes tenho de repetir-lhe que faço parte da organização? Se você arrisca, também quero arriscar.

125

Mason abanou a cabeça.

Isto não é um jogo de dados, Della.

Que quer, então, que eu faça?

Que siga as minhas instruções e não faça perguntas.

- Que instruções são essas ?

Tenho um livro de cheques. O nome impresso nesses cheques é de Carlotta Lawley. você vai fazer essa assinatura tantas vezes até fazê-la bem feita... mas não *demasiado* bem feita, porque preciso que alguém suspeite de falsificação; porém, não quero que isso aconteça, antes de você ter passado alguns cheques sem novidade. Della tinha os olhos atentos. Ansiosa por não perder o mínimo pormenor das instruções, não fez qualquer comentário, limitando-se a ouvir atentamente.

Mason explicou:

você tem que rodear-se de um certo cenário para os primeiros cheques. Vá a casa e vista uma coisa qualquer alegre. Em seguida, procure, numa casa de penhores, uma bolsa em segunda-mão com as iniciais «C. L.» e traga-a de forma visível. Dirija-se depois a um hotel, declarando pretender alugar um quarto ou falar com uns amigos, mas só podendo dar a certeza dentro de meia hora. Chegue-se ao postigo da Caixa e diga que precisa de trocar um cheque de cem dólares, mas que pode remediar-se com um cheque mais pequeno se assim o preferirem. Até aí, não encontrará grandes dificuldades. Explique que está à espera de ver se arranja um quarto. Então, sirva-se do telefone e, em seguida, informe o empregado da recepção de que vai lá ficar com uns amigos e, depois, saia. Faça isso numa série de hotéis.

Finalmente, entre numa loja, faça uma compra insignificante e pague com um cheque de pequena importância.

Tudo isso será fácil.

Qual é a parte difícil ?

Provavelmente, você fá-la-á melhor num armazém de vendas aconselhou Mason. Para um pagamento de cinco dólares, entregue um cheque de cem dólares.

126

A caixa tornar-se-á desconfiada e prudente. Pedir-lhe-á a sua carta de condução ou qualquer outro documento identificativo. Então, inspeccione a bolsa e mostre certo pânico; diga que deixou a carteira com a licença de condução no *toilette* de senhoras e acrescente que voltará, dentro de segundos. Agora, tome atenção. Quando se afastar, diga por cima do ombro: «Tenho cerca de trezentos dólares nessa carteira».

E depois ?

Depois, ponha-se a andar e não volte mais.

E o cheque ?

Deixe-o na Caixa.

E não tento reclamá-lo ?

--Não! É nisso que consiste a armadilha.

Como ?

A Caixa ficará intrigada por você não voltar. Estranhará também o facto de você tentar trocar um cheque de cem dólares para pagamento de uma despesa de cinco, dizendo você ter trezentos na sua carteira: acabará por examinar mais atentamente as assinaturas e chamará a polícia.

Fixe! disse Della. Quando começo?

Já!

Dirigiu-se ao vestiário, pôs um casaco e um chapéu, empoou o rosto e retocou os lábios, em frente ao espelho.

Okay, Chefe! Passe-me os cheques.

Mason sorriu.

você não me perguntou se iria parar à cadeia.

Não estou no meu dia de fazer perguntas.

Mason pôs-se em pé, passou-lhe o braço em volta da cintura e caminhou com ela até à porta.

Odeio fazer isto, Della! Se houvesse qualquer outro expediente que eu pudesse tentar...

Picaria eu a odiá-lo toda a minha vida respondeu Della Street.

Se as coisas não correrem bem, telefone-me imediatamente.

Eu...

127

Que faria ?

Safá-la-ia.

Nesse caso, deitaria por terra todo o seu plano de campanha.

Ele abanou a cabeça e disse:

Se você for caçada, todo o meu plano de campanha ruirá... e eu também!

Bem! Não me deixarei apanhar!

Telefone-me e diga como as coisas vão correndo.

Ficarei ansioso.

Não tenha receio.

Ele bateu-lhe num ombro e elogiou:

Bela pequena!

Os olhos dela mostraram-se eloquentes, disparou-lhe um sorriso e saiu. Mason ficou parado, ouvindo-lhe o som dos saltos ao longo do corredor. Ficara pensativo e apreensivo. Enquanto não ouviu bater a porta do elevador, não voltou para a secretária.

Às onze e trinta e cinco, Harry Peavis veio falar-lhe e Mason disse à empregada que o mandasse entrar.

Enquanto Peavis atravessava o gabinete, o advogado estudou a alta e sólida figura do florista cujo ar denunciava uma firme determinação.

Como está, Mr. Peavis ? interessou-se Mason, apertando-lhe a mão.

Peavis tratara as unhas e fizera-se barbear e massajar de fresco. O fato mostrava o esforço desesperado do alfaiate para disfarçar o volume arredondado dos ombros. A sua gravata de seis dólares, e a sua camisa comprada feita, de quinze dólares, pareciam incongruentes em contraste com a pele curtida do pescoço. com os dedos poderosos e garrados cingiu a mão de Mason e sacudiu-lha, rudemente.

Mason convidou-o:

Sente-se.

Havia qualquer coisa nas maneiras de Peavis que indicava um misto de diplomacia e de hipocrisia.

128

Creio que sabe quem sou começou ele, fazendo mais uma afirmação do que uma consulta,

Sim respondeu Mason.

Sabe o que quero.

Mason tornou a aquiescer: <

Sim!

Posso consegui-lo?

Os lábios do advogado esboçaram um sorriso.

Não.

Penso que sim.

Penso que não.

Peavis tirou um charuto da algibeira, extraiu um canivete do colete, cortou cuidadosamente o extremo do charuto, semicerrou os olhos sob as suas sobrancelhas de um cinzento-aço, e ofereceu:

Quer um ?

Obrigado recusou Mason. Continuo com os cigarros.

Peavis acendeu o charuto e prefaciou:

Não creia que cometo o erro de o não apreciar devidamente.

Muito obrigado.

E não cometa o erro de subestimar-me, a mim.

De forma alguma.

Faço o possível! Quando quero uma coisa, consigo-a.

Sou um teimoso paciente. Quando vejo qualquer coisa, não digo logo: quero aquilo. Estudo-a, durante muito tempo, decido se realmente a quero e, só então, a obtenho.

E, neste momento, quer a Casa de Flores Faulkner ?

Não quero pôr fora Mildreth Faulkner.

Quer que ela fique e trabalhe para si ?

Para mim, não. Para a sociedade.

Mas pretende controlar a sociedade ?

Sim.

Quando Mrs. Lawley caiu doente sugeriu Mason você trabalhou-lhe bem o marido. Sabia que podia jogar com a fraqueza dele, não é verdade ?

9 VAMP G 5

129

Não tenho que responder a essa pergunta.

Certamente. E; natural. Precisaria de muito tempo para o fazer.

Tenho tempo às carradas.

Suponho que conhecia Sindler Coll... ou era essa isca loira, Esther Dilmeyer, que lhe servia de ponto de contacto ?

Peavis resmungou:

Vá pró diabo!

Mason levantou o auscultador do telefone e disse

à empregada da antecâmara:

Ligue-me para a Agência de Detectives Drake.
Quero falar com Paul Drake.

No instante de espera, Mason fitou de relance o visitante.

Peavis mantinha o rosto inexpressivo.

Podia não ter ouvido ou, se ouvira, parecia não avaliar o significado da chamada. Aspirou o charuto, pensativamente, e piscou os olhos, de um profundo azul-glacial, sob as sobranceiras frondosas.

Depois de alguns momentos, a empregada anunciou:

Mr. Drake ao telefone.

E Mason ouviu a voz de Paul Drake, no outro lado da linha.

Olá, Paul! Aqui, Perry. Tenho um trabalho para ti.

Já esperava isso! disse Drake. Li, no jornal, a notícia do assassinio de Lynk e apostava em como te irias misturar nessa embrulhada.

Mason informou:

Um homem chamado Harry Peavis, que é florista, dirige uma grande parte da venda de flores a retalho na cidade. Está tentando controlar também os interesses das Casas de Flores Faulkner. Estas são três. É uma sociedade limitada. Uma das principais accionistas adoeceu e confiou as acções a seu marido. Peavis viu a possibilidade de adquiri-las. Não sei de que forma conheceu Lynk.

Devem ter figurado duas pessoas no contrato: um tal

130

Sindler Coll, que vive no duzentos e nove dos Apartamentos

Everglade, e uma Esther Dilmeyer, que habita nos Apartamentos Molay Arms. Alguém enviou a essa rapariga

Dilmeyer uma caixa com bombons envenenados, na noite passada... injectados com veronal. Ela comeu alguns desses chocolates e ia indo desta para melhor. Está agora, no hospital, sob os cuidados do dr. Willmont.

Provavelmente, não terá alta, antes de doze horas.

Acidentalmente, Harvey Lynk tem um sócio, um tal Clint Magard. Não faço ideia até onde Magard está metido nisto.

- Okay disse Drake.

Tomaste nota dos nomes ?

Sim.

Mason recomendou:

Agora, mexe-te. Descobre de que maneira Peavis conheceu Sindler Coll ou Esther Dilmeyer. Ele deve ter agido por intermédio de Lynk. De qualquer maneira, investiga em que é que Peavis está relacionado com tudo isso.

Peavis fumava num silêncio de pedra.

Mais alguma coisa ? perguntou Drake.

Sim! acrescentou Mason. Esmiúça-me o mais que puderes a actividade de Peavis. Vê se lhe descobres brechas na armadura. Preciso de conhecê-las. Aplica, nesse trabalho, os homens que puderes e tira-me resultados.

Começo já ? perguntou Drake.

Imediatamente! disse Mason e desligou.

Harry Peavis cruzou as pernas, sacudiu as cinzas da ponta do charuto e observou:

Muito dramático! Há pessoas que deviam impressionar-se com isso. A mim não me assusta! Não consegue nada com isso.

Não passa de rotina disse Mason. Nunca me perdoaria se me esquecesse de fazê-lo.

Peavis considerou sem aversão:

131

Deve pensar que sou parvo!

Dir-lhe-ei o que penso, quando tiver lido o relatório

de Drake retorquiu Mason.

Quando quiser deixar de brincar aos garotos e tratar comigo como pessoas crescidas, então falarei.

Muito bem. Nesse caso, aja como pessoa crescida.

Peavis comentou:

O dinheiro consegue muita coisa!

Isso é um facto.

você tem dinheiro e eu também o tenho. Ambos podemos gastá-lo.

Onde quer chegar ?

Seria melhor não o distendermos.

Porquê ?

você podia gastar muito melhor o seu dinheiro...

e eu também. Contratou detectives e eu posso, igualmente, contratar detectives. Posso assalariar tantos e tão bons como você!

E depois ?

Se prefere que eu ponha os pontos nos *ii*, dir-lhe-ei que posso demonstrar que Mildreth Faulkner saiu para falar com Lynk, encontrou a porta entreaberta, entrou e encontrou o corpo. Achou também um, certificado de um lote de acções. Imaginou que Lynk as obtivera irregularmente, pegou-lhe e saiu. Ora, desde momento que eu prove isto, aonde é que Mildreth irá parar?

-você é que sabe! retorquiu Mason. A festa é sua! Vá para diante e sirva refrescos.

Está bem. Fá-lo-ei. Irá para a cadeia. Tornar-se-á suspeita de homicídio e dará, a um espertalhão como eu e a um espertalhão como você, uma data de trabalhos para a pormos cá fora. Daí nada nos advirá de bom. A razão pela qual estou interessado nas Casas de Flores Faulkner é serem umas belas máquinas de fazer dinheiro e porque quero que Mildreth Faulkner trabalhe para mim

Porquê ? inquiriu Mason, curiosamente.

Peavis fechou os olhos e proferiu lentamente:

132

Porque é uma das coisas que quero.

Mason mostrou-se pensativo.

Está a ver o meu ponto de vista? inquiriu

Peavis.

Sim.

Que vai fazer acerca disso ? ,

Não sei.

Quando o saberá ?

Ainda não lho posso dizer.

Peavis pôs-se de pé.

Fixe! disse. Eu sou um homem de negócios e você também o é!...

Uma pergunta interrompeu Mason.

O que é ?

Mildreth Faulkner sabe o que você quer?

Os olhos verde-raiados de Peavis caíram sobre Mason com a força física de um choque.

Não! respondeu. E não o saberá até que eu esteja apto a dizer-lho. Dir-lho-ei quando entender e à minha maneira. O que lhe disse, a si, foi simplesmente para explicar a minha posição. O meu número de telefone está na lista.

Peavis dirigiu-se para a porta, parou e virou-se para o advogado:

Não tenho a certeza observou calma e impessoalmente que você e eu nos envolvamos num sarilho, mas, se isso acontecer, não será como qualquer outra luta que tenha até agora travado. bom dia.

bom dia respondeu Mason.

As doze e trinta e cinco, Della Street telefonou.

Olá, chefe. Estou numa cabina telefónica de um hotel. Acabo de passar um cheque de cem dólares.

Alguma dificuldade ?

Não.

Mason informou:

Vão mandar-me almoço aqui. Estarei junto do telefone.

Se tiver qualquer dificuldade, telefone-me. Nada

133

me fará deixar o escritório até que você acabe a sua missão. Procure estar livre disso por volta das três horas.

Quanto devo passar?

Quatro ou cinco e então faça com que suspeitem de si.

Okay. Pô-lo-ei ao corrente.

Mason telefonou para um restaurante a encomendar sanduíches e café. Às treze e trinta, Della tornou a telefonar:

Em duas lojas, vinte «paus» em cada. Okay. Estou pronta agora para uma das grandes.

Vamos a isso. Cá estarei.

Mason ligou para a empregada da antecâmara e disse:

Não receberei nenhum cliente esta tarde. Conserve a minha linha livre. Aguardo uma chamada de Della Street. Pode ser muito importante. Não quero que quando ela ligar encontre um sinal de impedido!

Desligou, acendeu um cigarro, deu algumas fumaças e atirou-o fora. Trinta segundos depois, acendia um outro. Levantou-se e começou a palmilhar o chão do escritório.

De quando em quando, olhava para o mostrador do relógio. Ouviu-se um tímido bater à porta da antecâmara.

A empregada abriu-a e introduziu-se no gabinete.

Mr. Clint Magard está ali fora anunciou. Diz que tem de recebê-lo, que é um assunto importante e que...

Não quero vê-lo. Volte para o seu lugar.

A empregada saiu do gabinete.

Um momento depois, voltou.

Ele mandou-me entregar-lhe esta nota.

Atravessou de corrida o escritório, enfiou a nota na palma da mão do advogado e tornou a sair.

Mason leu:

«você tem deveres para o seu cliente. Se não me receber imediatamente, isso será péssimo para o seu cliente. Pense nisso».

134

Mason amarrotou a nota numa bola, lançou-a no cesto dos papéis, pegou no telefone e ordenou:

Mande-o entrar.

Magard era um tipo pesado, de cabeça grande, com uma franja de cabelos ruivos em volta das orelhas e da nuca. Tinha um triplo queixo e Mason reconheceu-o imediatamente como sendo o homem que vira entrar, em traje de *soirée*, no apartamento de Sindler Coll.

Sente-se indicou Mason. Comece a falar. Tenho qualquer coisa em mente e não queria ser incomodado. Estou nervoso como o diabo e deveras susceptível de irritar-me. Se não vem disposto a dizer o que tem para dizer, guarde-o para si.

Não quero guardar.

Bem. Nesse caso, atire-o cá para fora.

Magard preludiou:

Presumo que pensa que sou um bandido.

Mason respondeu:

É uma tentativa responder a essa pergunta pormenorizadamente.

Não seria, o que se pode chamar, um começo auspicioso.

O rosto de Magard era gordo e flácido como uma lua-cheia numa noite de Verão.

Eu sei como se sente! contemporizou.

Que quer contar-me ?

Quero saber em que situação estou.

Não dou um centavo pela sua situação.

O interesse da sua cliente...

Diga lá! incitou Mason.

Lynk e eu somos sócios no «Corno Dourado.

Quer dizer que eram.

Está bem! Éramos. Não nos entendíamos lá muito bem. Eu não tinha o dinheiro suficiente para o pôr a andar pelo preço que ele pedia e, pelo meu lado, eu não queria vender. É um bom negócio. Não fazia a mais pequena ideia do jogo que Lynk andava a fazer cá fora.

Que jogo?

135

Sindler Coll, Esther Dilmeyer, apostas em corridas de cavalos, um brilhante serviço completo.

Mas você dava-se bem com Sindler Coll ?

Nunca o vira na minha vida até ontem à noite...

quero dizer... até esta manhã, quando lhe falei a seu pedido.

Porquê ?

É acerca disso que quero falar consigo.

Sou todo ouvidos!

Coll pensou que nos podíamos pôr do mesmo lado.

Disse que o senhor defende a assassina e que fará o possível por livrá-la e...

Porque diz *ela* e não *ele*?

Porque creio que foi uma mulher.

Que o leva a pensar assim ?

Cá tenho as minhas razões.

Muito bem! Coll foi ter consigo. Pensou que eu ia defender a assassina. E daí?

Que o senhor é esperto como o diabo e havia de tentar safar a sua cliente.

Isso é natural. »

Portanto, para consegui-lo, seria capaz de atribuir o crime a qualquer outra pessoa. Coll disse que se tem interessado, há muito tempo, pela maneira como o senhor conduz os casos. Notou que nunca procura provar simplesmente a inocência do seu cliente e que costuma envolver os outros no assunto. Disse que isso aconteceu frequentes vezes. Imagina que escolhe uma pessoa e que acaba por atirá-la para diante do Grande Júri.

E ele chamou-o a essa hora da manhã para dizer-lhe isso?

Não, mas para sugerir que déssemos os passos necessários para nos assegurarmos de que estamos protegidos.

Por outras palavras, de que eu não lhes passarei o crime, a ele e a si, para cima das costas?

É isso mesmo!

136

Mason meditou:

É uma ideia. Obrigado por ter-ma sugerido,

Ainda bem! arriscou Magard, sorrindo um pouco.

Portanto, depois dessa conferência, você veio ter comigo. Porquê?

Porque pensei que o senhor devia saber o que Coll estava a fazer. Ele pretende que eu lhe forneça um álibi e em compensação, dar-me-ia um. Juraríamos ter estado juntos.

E você decidiu não ir em grupos com ele?

Exactamente.

Porquê ?

Porque e desta vez o riso de Magard foi muito mais aberto...acontece que *eu* tenho um álibi.

E Coll não tem?

Nenhum que ele ache que se aguenta de pé!

E o seu aguenta-se?

Absolutamente.

Por que razão veio ter comigo?

Porque pretendo uma certa coisa.

O que é ?

Eu não sou parvo, Mr. Mason. Sei que o senhor, quando começa a lutar, põe as coisas todas cá para fora, Sei que Lynk está metido num sarilho dos piores: Da maneira como a coisa vai ser tratada, não Vai ficar em muito boas condições... mas o senhor... pode torná-la num inferno.

E você pretende que eu faça um jogo mais doce?

Não, mas, se pudesse safar o seu cliente sem virar do avesso os meus negócios, ficar-lhe-ia muito grato.

Não faço quaisquer promessas.

Não contava que as fizesse.

A polícia não o pode engavetar, por qualquer razão?

O triplo queixo de Magard estremeceu quando os lábios se distenderam num sorriso e as pregas de gordura das bochechas quase lhe fecharam os olhos:

137

Deixe isso ao meu cuidado!

Já era minha intenção declarou Mason. Qual é a sua proposta?

Estou interessado em, ajudá-lo de forma a que consiga livrar a sua cliente, *antes do julgamento*.

Portanto, não pode haver a menor publicidade ?

Tal e qual.

E que pretende em troca ?

Quero que o senhor me facilite a vida junto dos jornais. Se houver uma investigação preliminar, queria que mantivesse o «Corno Dourado», o mais possível, fora de menção.

Nada feito cortou Mason.

Espere um momento pediu Magard, espetando um indicador rotundo. Há uma proposta que eu ia acrescentar: pretendo que o senhor mantenha o «Corno Dourado» fora do caso, tanto quanto possa, na medida em que isso constitua uma vantagem para a sua cliente.

Assim já é diferente.

Pensei que o fosse.

Mason avisou:

Não quero comprometer-me consigo, Magard. Não

quero fazer qualquer promessa...

Magard interrompeu-o, erguendo a mão espalmada como fazendo menção de fazer retroceder as palavras à boca do advogado.

Agora, espere um minuto, Mason. Não gaste o seu latim. Se o facto de não me queimar for a melhor saída para a sua cliente, o senhor não me queima, não é verdade?

A minha cliente está em primeiro lugar!

Portanto, a resposta é assim ?

Sim.

Muito bem. vou pô-lo ao corrente de tudo quanto se passa. vou dar-lhe informações suficientes para que me considere valioso neste caso. Hei-de vir aqui contar-lhe as coisas logo que as descubra... *Enquanto o senhor não*

138

interferir no «Corno Dourado». Não houve qualquer compromisso de sua parte. Pode interferir quando entender, mas, mal o faça, deixará de ter a menor informação da

minha parte.

Comecemos desde já propôs Mason.

Que quer saber ?

O que há acerca de Peavis ? Agiu por Intermédio de Lynk ou de Coll?

Por intermédio de Sindler Coll e de Esther Dilmeyer.

Conhecia ambos. Pô-los a trabalhar o Lawley e dessa maneira, caçou o lote das acções. Queria que deixassem Lawley «nas lonas».

Conseguiram-no ?

Sim.

Que espécie de «lonas» ?

Não sei.

A rapariga estava metida nisso ?

Creio que sim.

E depois?

Bem!... Como era natural, Lawley não poderia contactar directamente com Peavis. Teria ido imediatamente ter com a mulher ou com Mildreth Faulkner, se pensasse que Peavis estava envolvido nisso. Julgou que estava a tratar com um empregado de Coll... o Lynk. Precisava de dinheiro. Pediu um sinal pelas acções e um prazo de cinco dias para devolver o sinal ou vendê-las.

Lawley esperava achar uma saída ?

Sim.

Onde ?

Nos cavalos!

Por fim, Lynk apanhou-lhe as acções e passou-as a Peavis por um preço muito mais alto, não é verdade? Por momentos, Magard fitou-o admirado.

Como soube isso ?

Limitei-me a perguntar!

Não posso responder a essa pergunta... por enquanto.

139

Porquê ?

Magard agitou ambas as mãos ao mesmo tempo. Por vezes, aparentava maneiras de boa pessoa.

Bem, Mr. Mason, queira ver a coisa sob o meu ponto de vista. Não tem a menor obrigação para comigo e sim, para a sua cliente. Enquanto puder servir os interesses da sua cliente, mantendo-me na sombra...

- Já mo explicou muito bem! cortou Mason.

Escusa de explicar-mo outra vez.

Bem! anuiu Magard. Queria, simplesmente, que visse o meu caso sob o meu ponto de vista. Tenho a impressão de que fui palerma em lhe ter dado tantas informações de uma só vez!

Devíamos ter feito um contrato lembrou Mason.

O senhor nunca o faria observou Magard.

Conheço-o muito bem! Não faria qualquer combinação sem que os interesses da sua cliente viessem em primeiro lugar. Se o fizesse, seria maluco e eu não quero ter negócios com malucos. Já tive a minha dose disso... e chegou!

De forma que está disposto a fornecer-me as informações

? inquiriu Mason.

Tal e qual!

vou avisá-lo de uma coisa, Magard declarou o advogado. vou servir-me das suas informações e tentar dar um pequeno golpe. Aguentarei o barco até onde puder, mas, se for necessário, revolverei até as entranhas do Inferno.

Tenho que correr esse risco aquiesceu Magard.

Não me parece muito alarmado!

Não o estou.

E se me contasse alguma coisa acerca do seu

álibi?

Magard chasqueou:

Já o disse à polícia pôs-se em pé. Já falei de mais para uma só visita, Mr. Mason. Boa tarde.

Quando é que o torno a ver ?

Talvez amanhã, talvez, não antes de uma semana.

140

Creio que é por ser jogador. Gosto de tentar a sorte.

Gosto de fazer jogos perigosos.

Está a jogar um, agora! comentou Mason.

O diafragma de Magard vibrou numa curta gargalhada.

Cá me arranjo! observou e baloiçou-se para fora da porta.

Mason ficara menos nervoso. Fumou pensativamente um cigarro e sentou-se molemente na cadeira giratória, detrás da secretária, estudando o padrão da carpete.

Alguns minutos depois, sorriu e o sorriso transformou-se-lhe em riso. O telefone tocou. Voltou à actividade, saltando, com o comprido braço esticado, em direcção ao auscultador.

Estou! gritou, quando este ia a meio caminho do ouvido.

Ouviu a voz de Della Street, aguda, pela excitação:

Chefe, já o consegui. Os polícias andam à minha procura.

Venha para o escritório, depressa.

vou já disse e desligou.

Mason esperou-a, andando de um lado para o outro do gabinete e fumando nervosamente. Quando ouviu os rápidos passos de Della, no corredor, correu a abrir a porta, e envolveu-a num estreito abraço, mantendo-a bem junto a si e batendo-lhe carinhosamente num ombro.

Eu não devia ter-te mandado! confessou.

Della inclinou o corpo um pouco para trás de forma a poder ver-lhe os olhos.

Meu Deus! Que se passa?

Está muito bem que eu arrisque, mas nunca imaginei o que para mim significaria saber-te, a ti, na linha de fogo. Nunca tornarei a criar uma situação destas. Nunca!

Pateta! sorriu Della, com os lábios já quase sem baton.

141

Beijou-a ternamente e, em seguida, largando-a, dirigiu-se com brusquidão para a cadeira e disse:

É o que, em mim, me aborrece! Quando começo a trabalhar um caso, subordino tudo a esse caso. Fico hipnotizado por um simples propósito e, com o fito de alcançar resultados, já nem olho a consequências.

>É um magnífico sistema! aplaudiu ela, tirando da mala de mão um estojo nacarado, em cujo espelho interior mirou o rosto calmo e retocou os lábios com um pouco de carmim.

Conta-me o que aconteceu pediu Mason.

Nada de especial! respondeu a secretária. Os hotéis estavam apinhados. Num armazém seria mais fácil. Tentei então fazer o jogo forte e... pareceu-me que qualquer coisa soava falso. A rapariga da Caixa olhou de relance para os cheques e, logo em seguida, para mim. Fez um gesto com a mão direita, aparentemente casual. Vi-lhe o ombro mover-se e notei que comprimia uma campainha. Disse-me: «Está muito bem, Mrs. Lawley. Basta assinar o seu nome».

Os olhos de Mason cintilaram.

E você o que fez?

Respondi-lhe: «Oh, esqueci-me da caneta». Agarrei

no livro de cheques e pus-me a andar. A rapariga ainda me gritou que tinha uma, mas fiz de conta que não ouvi. Desci no elevador. Pareceu-me uma eternidade. No piso inferior, sofri uma comoção. Dois homens corriam para o ascensor. Um deles ergueu a lapela do casaco mostrando uma estrela e declarou: «Sou oficial da polícia. Leve-me, depressa, lá acima, à secção da Caixa». Já alguma vez tentou queimar alguma erva e viu o fogo alastrar-se mais do que queria? perguntou Mason, abruptamente.

Não, porquê?

Dá-nos uma terrível sensação de impotência. Julgamos que vamos queimar um punhado de erva e, subitamente, vemos todo um punhado de um monte a arder.

142

Começamos a correr tentando fazê-lo deter-se e ele ri-se de nós.

Que relação tem isso com o que aconteceu no armazém ? Conhece por acaso o tenente Tragg?

Não.

É um pouco menos alto do que eu, esclareceu Mason da minha idade, cabelo preto e denso, levemente grisalho nas têmporas, nariz proeminente e sobrancelhas espessas e, quando está excitado, tem o costume de levantar o queixo e as sobrancelhas...

Era ele! interrompeu Della.

Mason levantou-se.

Foi mais rápido do que eu! Tentei atear uma fogueirazinha para obrigar alguém a correr para a saída e o fogo virou-se contra mim.

Que quer dizer?

Não vê o que eu estava a fazer, Della?

Tentando dar-lhes a entender que Carlotta Lawley fora roubada!

Roubada, não. Assassinada.

Os olhos dela cintilaram.

É lógico! disse Mason. O marido ligou-se a ela por uma razão... o dinheiro! Ela amou-o, mas, para ele, ela não foi mais do que uma mera conveniência, uma senha de abastecimento, uma fonte de receita. Mildreth sempre o odiou. Provavelmente, ele sempre considerou a doença da mulher como uma bênção de Deus. Primeiramente, deu-lhe uma oportunidade de provar a Mildreth que era um eficiente homem de negócios, um cuidadoso guarda dos interesses da mulher e um leal protector da sua propriedade e... as coisas começaram a não ir muito bem. Provavelmente, no início, perdeu algum dinheiro, o que não teria muita importância; uma coisa que poderia ter acontecido a qualquer outro. Mas, como receava que o facto chegasse ao conhecimento de Mildreth, a perda tomou tais proporções na sua imaginação que lhe pareceu

143

só ter uma coisa a fazer: recuperar esse dinheiro e transformá-lo num rápido benefício. Tinha que tornar o desastre

num lucro imediato e, impelido por uma desesperada impaciência, achou que não tinha tempo a perder com lentas especulações. Ia resolver o problema depressa. Resolveu-se a jogar.

Para ter perdido tudo tão rapidamente, presumo que a sua primeira tentativa lhe foi favorável. Jogou e ganhou. Era uma coisa, na verdade, fácil.

Mas... nem sequer o conhece, pois não, Chefe ? perguntou Della.

Sim, conheço. Não é preciso ver-se um homem, olhar-lhe para o rosto, apertar-lhe a mão e ouvi-lo falar, para conhecê-lo. Basta observar como se comporta.

Pode-se vê-lo através dos olhos dos outros.

Mas os olhos dos outros dão geralmente imagens distorcidas pelo preconceito.

Podemos dar certo desconto a esse preconceito quando conhecemos esses outros. Pode-se julgar o alcance dessa distorção. É a única maneira de resolver os casos, Della. Tem que aprender a conhecer os caracteres em causa. Tem que aprender a ver coisas através dos olhos alheios o que significa que *deverá ter compreensão e tolerância para com o crime.*

Ela abanou a cabeça, afirmativamente.

Ele venceu continuou Mason e ficou radiante. O que ele não podia adivinhar era que se achava agora nas condições do leão que comeu a carne. Já não podia retroceder. Jamais esqueceria o gosto do sangue. Fez outras transacções infelizes e tentou recompô-las por meio do jogo e, dessa vez, não foi afortunado.

Refere-se à roleta ?

Não, não foi isso, pelo menos, ao princípio disse Mason. Provavelmente, tratava-se de uma informação certa sobre corridas de cavalos. Um amigo cuja opinião se baseava na de alguém que sabia a fundo da matéria.

Sindler Coll?

144

Provavelmente.

E, depois, continuou no mesmo ritmo deduziu Della Street.

Foi fundo> demais respondeu Mason porque só havia uma maneira de sair daquilo: era atirar-se de cabeça de encontro à sorte. Mergulhou, perdeu e tornou a perder. Só então se apercebeu da situação em que se colocara e só então lhe mostraram o negócio que valia a pena. Mostraram-lhe qualquer coisa de triunfo tão certo que o hipnotizou. Mas, da mesma maneira que não se pode jogar sem dinheiro, aquele negócio exigia capital. Tinha, portanto, de arranjar capital e Lynk recusava-se a *emprestar-lhe* dinheiro sob qualquer forma de transacção. Respondia-lhe que estava certo de que gastaria essa importância ao jogo e não queria quaisquer complicações por causa disso.

Entretanto, ofereceu-se como comprador das acções Faulkner, concedendo um prazo de cinco dias que permitisse a Lawley readquiri-las. Nessa altura, Lawley estava de tal maneira inebriado com as possibilidades de, uma vez mais, transformar as suas perdas em ganhos que nem se apercebeu da gravidade do passo que ia dar. Essa é a diferença entre um bom homem de negócios e um mau comerciante. Se um bom negociante quer qualquer coisa, compara o custo do que seja com a utilidade desse artigo. Essa é a maneira como Peavis faz o seu jogo. O mau homem de negócios quer uma coisa e *tem*, que obtê-la, seja como for. O preço não é mais do que um obstáculo entre ele e a posse do objecto desejado.

Mas que tem isso que ver com o tenente Tragg?

Mason desviou a conversa com um gesto, sorriu e disse:

Tenho que reconstituir o que Lawley deve ter feito, quanto deve ter perdido e acho esse trabalho demasiado fascinante... Bem... De qualquer maneira, o próximo movimento de Lawley, uma vez que descobriu que perdeu

10 - VAMP G. 5

145

tudo completamente, será... Bem... "você pode concluir, por si mesma.

Que quer dizer ? perguntou Della.

Assassinio declarou Mason, naturalmente. Não

teria recorrido a isso, imediatamente. Não teria *sido* essa a primeira ideia que lhe ocorreu ao espírito, mas deve ter-se arrojado contra as peias da sua situação embaraçosa, como um animal enjaulado experimenta os varões de ferro, para encontrar um ponto fraco.

E dessa maneira matou Lynk ? perguntou Della.

Lynk, não - respondeu Mason, impaciente. Não só nada teria a ganhar com isso como não poderia recuperar as acções.

E não foi ele?

Se foi, deve ter voltado para casa e deve ter esperado a mulher com um ar natural de calma quotidiana.

Não. Se Lawley tivesse morto Lynk, tê-lo-ia feito por vingança e não para reaver as acções. Ora isto> deve ter constituído o móbil do crime.

Mas o lote de acções desapareceu ?

Se Lawley tivesse matado Lynk, o lote teria desaparecido.

Ora o lote desapareceu, o que não> quer dizer, necessariamente, que Lawley o tenha assassinado. Temos que manter-nos em guarda contra as escorregadelas mentais. Talvez Lawley o tenha morto e talvez não. Mas do que tenho a certeza é que, se não matou Lynk, as suas ideias andaram a rondar por qualquer lado.

Refere-se à mulher dele ? inquiriu Della Street.

Sim.

Mas... não vejo...

Era a sua única saída explicou Mason. A mulher tem ainda dinheiro. Havia outros rendimentos. Se ela morresse, Lawley não teria que dar-lhe contas nem teria que dar satisfações a Mildreth Faulkner. A sua morte não lhe restituiria a propriedade que perdera, mas dar-lhe-ia a matéria para novo jogo e, acima de tudo, salvar-lhe-ia a reputação. Para um homem do tipo de Lawley,

146

salvar a reputação é um imperativo da maior importância.

Mas, certamente, suspeitariam dele. Sendo o único a aproveitar...

Não interrompeu Mason aí está onde o homem poderia ser diabolicamente esperto. Note que a cena já estava preparada. Poderia cometer o crime perfeito. Ele está a jogar com um coração doente. Os médicos declararam que qualquer comoção poder-lhe-ia ser fatal. Bastaria a Lawley sujeitá-la a um choque terrível, qualquer coisa que lhe fizesse parar o coração e tornasse a morte devida a causas naturais.

Crê que ele o teria feito... que qualquer homem seria capaz de fazer isso à própria mulher?

Mason retorquiu:

Isso acontece todos os dias. Esposas que matam os maridos. Note, Della, que há, no casamento, poderosos motivos que convidam ao crime. É por isso que são raros os crimes entre as pessoas estranhas. Quanto mais íntimas são as relações, mais devastadores são os seus resultados. Podemos dizer, por alto, que há mais mulheres que matam os maridos do que assassinam pessoas estranhas e mais maridos que matam as mulheres do> que pessoas fora da família.

Não sabia que isso era verdadeiro!

Leia os jornais. Por que razão esses crimes tão comuns de marido e de mulher não vêm na primeira página? Porque o que é usual não constitui mistério! Só realçam os crimes sórdidos, de anormalidade emocional. Um marido mata a mulher e suicida-se. Uma mulher mata os filhos e suicida-se.

Della aquiesceu com a cabeça.

Por isso esclareceu Mason quis chamar a atenção

de Tragg para o que, provavelmente, iria acontecer. Queria que ele imaginasse que, fosse quem fosse que tivesse assassinado Lynk, o que interessava era o perigo que Carlotta corria e a melhor maneira de lho apontar era fazê-lo pensar que esse perigo já se materializara.

147

Porquê ? Ele não procuraria proteger uma mulher que já estivesse morta,

Eu não queria que ele a protegesse, esclareceu Mason. Isso já eu fiz. Queria que ele forçasse a polícia a prender Bob Lawley e a guardá-lo atrás das grades.

E foi por essa razão que me mandou trocar os cheques?

Sim.

Dessa maneira, a polícia pensaria que Lawley teria uma cúmplice qualquer, feminina; teria morto a mulher e mandado a cúmplice descontar aqueles cheques ?

Exactamente.

Bem! A coisa correu como devia, não é verdade ?

Correu bem, Della! Correu até bem demais. O tenente Tragg já estava à espera disso. Andava à procura

de Carlotta Lawley e consultara os armazéns de vendas. Deus seja louvado! exclamou Mason. Como fui tolo em não o ter previsto.

O quê, chefe?

Mason explicou:

Carlotta Lawley deve ter conta-corrente nesse armazém, onde você tentou descontar o cheque. Provavelmente, a Caixa não a conhecia pessoalmente, mas reconhecia a assinatura e o tenente Tragg, tendo conhecimento dessa conta, deve ter pedido à Caixa que o avisasse quando nela se registasse qualquer alteração.

Isso explica tudo disse a rapariga.

Mason ordenou:

Torne a enfiar o chapéu, Della. Vai dar uma volta por certos sítios...

Aonde ?

A certos sítios. Não quero que o tenente Tragg passe por aqui e pergunte: «Diga-me cá, Miss Street, se por acaso não teria sido a pessoa que tentou passar esta tarde, um cheque assinado com o nome de Carlotta Lawley?»

Acha que ele suspeita...? inquiriu Della.

Não, por enquanto, sossegou Mason mas, logo

148

que obtenha uma descrição pormenorizada da mulher que tentou descontar os cheques, há-de vir aqui ter comigo e se a vê a si, tendo ainda fresca, na memória aquela descrição... isso é mais do que suficiente para um detective que não seja demasiado bronco.

Nesse caso, tenho que me pôr ao largo ? perguntou

Della Street, pegando outra vez no chapéu e ajustando-o em frente ao espelho.

Não. Não demos fazer isso. Pareceria uma fuga e um voo dessa natureza sugere culpabilidade. Não, Della. Vamos sair e ouvir alguns depoimentos ou trabalhar num caso qualquer. você ficará a tratar desse assunto e eu volto aqui para o escritório. Dessa maneira, não poderá ser considerada suspeita, enquanto a sua ausência for justificada.

Os olhos dela fulgiram.

Isso não é difícil de conseguir. Posso pensar numa dúzia de sítios onde seria simplesmente magnífico gozar um feriado.

Ele anuiu e acrescentou:

A propósito, Della, se o carteiro deixar um sobrescrito

com a minha caligrafia e com o endereço remetente de Clearmont Hotel, *não o abra*. Será melhor que você nunca saiba o que contém.

Della Street esbugalhou os olhos.

Será, porventura, um certificado do lote de acções ? arriscou.

Você e o tenente Tragg considerou Mason com firmeza estão a tornar-se diabolicamente espertos.

CAPÍTULO X

Della Street, movendo-se com a ligeira rapidez que lhe era peculiar, dirigiu-se à antecâmara para dar instruções à empregada.

Perry Mason, em frente da mesa de trabalho, com

149

o chapéu na cabeça e o sobretudo enfiado, introduzia na pasta uns documentos, que tencionava levar consigo.

Subitamente, a porta da antecâmara foi empurrada

e Della entrou de roldão, despojou-se do chapéu, enfiou-o no cacifo, entrou nos lavabos, abriu a torneira, tirou um pente e uma escova e começou a mudar o penteado. com os ganchos de cabelo, espêtados, na boca, pelo que as palavras saíam, atabalhoadas, anunciou:

Ele está aí! Só me viu com o chapéu durante um minuto... Só olhou para mim quando perguntou por si... disse que tinha que falar-lhe imediatamente... e frisou que não podia esperar... Estou a mudar de aparência o mais que posso... Não daria nada por mim, se *agora* me pusesse a andar!

Mason viu-a separar duas madeixas de cabelos, fazer um risco ao meio e achatá-las uma para cada lado. com os dedos molhados em água moldou-lhes um caracol nas pontas

É o tenente Tragg?

Ela acenou, afirmativamente, com a cabeça eriçada de ganchos.

Lentamente, Mason tirou o sobretudo, pendurou-o cuidadosamente, pôs o chapéu num cabide, mesmo por cima de Della, e comentou:

Ele não esperará.

Bem sei murmurou ela. Disse-lhe que tinha uma cliente e que estaria disponível dentro de dois ou três minutos.

Mason abriu uma gaveta da secretária, tirou para fora da pasta os papéis, tornou a fechá-los na gaveta e lançou a pasta no espaço vazio, sob a secretária, destinado às pernas.

Della pegou no último gancho que segurava entre os lábios, e mirou-se satisfeita com a sua obra.

Vamos a isto incitou Mason.

Sem uma palavra ela esgueirou-se para a antecâmara e voltou com o tenente Tragg.

150

Olá, tenente! disse Mason, naturalmente.

Tragg não perdeu tempo com palavreado preliminar.

Estou danado consigo Mason começou.

Comigo ?

Sim.

Porquê ?

Por ter tentado enrolar-me. A coisa, de momento, impressionou-me. Qualquer coisa soava falso ao meu subconsciente, mas estava demasiadamente preocupado para perceber o que era. você riscou uma seta vermelha no caminho e eu segui essa direcção falsa.

Mason convidou:

Sente-se, tenente. Fume um cigarro. E indicando Della, apresentou: Miss Street, minha secretária.

Como está, Miss Street ? saudou Tragg, servindo-se de um cigarro e sentando-se numa poltrona. Aceitou o fósforo que Mason lhe estendia aceso e pareceu um tanto ou quanto embaraçado.

Não vejo aonde quer chegar disse Mason.

Na noite passada, quando estava excitado com aquela história da arma que Mildreth Faulkner tinha em seu poder e com o facto de ter mexido no gatilho de modo que a análise por parafina não me desse quaisquer resultados aproveitáveis, você foi-se embora no seu carro. você é um bom volante, Mason, e, todavia, ontem, quando deu a volta em frente de casa, os pneus guincharam e o motor roncou com excessiva aceleração.

Devia estar também excitado!

Está visto! Tolo como uma raposa. Sempre que Perry Mason fica tão excitado que nem sabe o que quer, é um dia perdido para a polícia! você sabe por que razão o chefe tirou Holcomb da Secção de Homicídios e me nomeou a mim?

Não. Porquê?

Cansou-se de vê-lo, a si, ir para o tribunal tirar coelhos de dentro de um chapéu. Cabe-me, agora, fazer um exibição melhor do que as de Holcomb.

151

Não vai ser excepcionalmente difícil.

Não, se eu não me deixar ludibriar pelos seus truques de mãos retorquiou Tragg rudemente.

Não sei de que está a falar.

Tragg não se deu ao trabalho de tirar os olhos do cigarro.

Carlotta Lawley respondeu.

Que há a respeito dela?

Ela foi até à casa da irmã. você ouviu o carro e percebeu quem era. Eu estava demasiadamente ocupado a tentar obter algumas declarações de Mildreth Faulkner. você saiu e roubou-me o saco das migas, mesmo debaixo do nariz.

Mas de que me acusa ? perguntou Mason.

De ter dito a Carlotta Lawley que eu estava lá dentro; que as coisas não estavam muito agradáveis para ela e que você levava Mildreth Faulkner a desviar-nos, por momentos, a atenção. Essa ideia da descarga «accidental» da arma, foi uma obra-prima.

Era" a arma do crime? inquiriu Mason.

Era a arma do crime.

Sabe onde ela a conseguiu ou como a conseguiu ?

Certamente. Obteve-a de Carlotta.

É Miss Faulkner quem o diz?

Certamente que não. Miss Faulkner faz-se mais culpada do que se o estivesse verdadeiramente. Está a desempenhar optimamente o seu papel. Mais do que bem. Procura ajudar a irmã implicando-se no caso.

Mason comentou:

Parece que você tem uma magnífica opinião da inteligência dela.

Tragg mirou-o nos olhos.

Uma inteligência dos diabos! Essa mulher consegue o que quer!

Mas não acredita que esteja culpada ?

Não. Agora, não.

Que mais há acerca deste caso ?

152

Sindler Coll.

Não permita que ele o engane avisou Mason, Ele procurou Magard, na noite passada. Propôs que, se Magard quisesse dar-lhe um alibi, ele também lho

daria. Sugeriu que ambos...

Já sei disso interrompeu Tragg. Magard não foi no bote porque já tinha álibi. Coll está bastante amedrontado.

Tem a impressão de que a polícia pode tomá-lo pelo assassino, se conseguirem, descobrir contra ele um bom motivo de suspeita. Estou agindo como se assim pensasse, brincando com a ideia e isso fá-lo desesperar-se. Está francamente fazendo o possível por descobrir quem cometeu o crime para poder salvar o pescoço.

Eu não acreditaria muito nele aconselhou Mason.

Tenho a impressão de que tudo quanto ele indicar será falso.

Descobrimos Mrs. Rockaway anunciou Tragg.

Quem é ela ?

Ela e o marido dirigem a estação de serviço e exploram uma loja, cá em baixo, mesma à boca do Lilac Canyon.

Que sabe ela?

Diz que, por volta da meia-noite, uma mulher foi até lá de carro. Parecia muito nervosa e tinha os lábios ligeiramente roxos. Fez várias perguntas acerca das ruas e dos locais onde essas ruas retrocediam, perguntou se sabiam onde morava um tal Mr. Smith que teria um terreno para vender, mesmo junto da casa de Mr. Lynk. Tragg calou-se e estudou o rosto de Mason.

Continue animou Mason.

Bem, Mrs. Rockaway caiu na esparrela. Disse que havia um Smith que vivia perto do cume do monte, mas que não havia nenhum perto de Mr. Lynk; que não conhecia ali nenhum Mr. Horlick e que nunca ouvira falar de que qualquer terreno de Mr. Smith estivesse à venda. Sabia de outras propriedades para vender, mas não a do tal Smith.

153

Suponho objectou Mason que, quando comparecer no tribunal, jurará que essa mulher era Carlotta Lawley.

O sorriso de Tragg era triunfante.

Não se assuste, Mason. Os Rockaway festejavam um aniversário. Tinham cerca de doze convidados, lá em casa. Todos eles tiveram ocasião de olhar para ela um bom pedaço. Era, efectivamente, Carlotta Lawley.

Está-se mesmo a ver ironizou Mason que uma mulher que sai de casa para cometer um crime vai meter-se numa festa de anos e faz perguntas sobre várias direcções de forma que todos se lembrem dela! O sorriso esmoreceu no rosto de Tragg.

Isso é o que me aborrece admitiu. Mas note que andou por ali e perguntou onde vivia Lynk. Deu várias voltas pelo bosque e pediu aquela informação tão disfarçadamente que se não fosse o lamiré de Coll, os convivas nunca viriam declarar. Certamente que reconheceriam

a fotografia de Mrs. Lawley nos jornais, mas, sem esse lamiré, a fotografia nunca seria publicada.

Como foi que Coll descobriu tudo isso ?

Só com trabalho de pernas.

Não acredito muito nisso declarou Mason. você não devia consentir que Coll se arme em ama-seca do seu caso de envenenamento, rejeitando-o como possível suspeito. Bem sabe que o jogo de Coll pode ser mesmo esse!

Esteja descansado. Não tenho mais confiança em Coll do que você tem. Está debaixo de olho no caso dos bombons. A caixa foi enviada por alguém, do «Corno Dourado».

Quem é que supõe ...

A embalagem da caixa era de papel de embrulho que usam no «Corno Dourado». O endereço foi dactilografado num pedaço de papel exactamente da mesma qualidade dos blocos de apontamentos da casa e, além disso, foi colado à embalagem com goma, também existente

154

nesse clube nocturno. Agora, surge um pequeno empeno.

A goma está demasiado rijá, completamente seca. O químico-analista do laboratório criminal calcula ter sido aplicada mais de quarenta e oito horas antes. Está a ver o que isso significa? Quem quer que enviou os bombons já planeara a coisa algum tempo antes e estivera à espera do momento propício.

Que foi que determinou esse momento ?

O facto de Mildreth Faulkner oferecer-lhe orquídeas. O cartão caiu para o chão quando a Dilmeyer tirou as flores da caixa. O envenenador deve ter apanhado o cartão, tê-lo junto à caixa e chamado um mensageiro. Mason pareceu pensar nessa hipótese.

Soa a falso! Conseguiu identificar o mensageiro ?

Oh, sim! Foi fácil. Uma mulher dirigiu-se ao balcão de um serviço de entregas, no bairro dos teatros, à hora da confusão, enfiou lá dentro a caixa e foi-se embora. Pregara ao papel de embrulho, com um alfinete, um papel dizendo É FAVOR ENTREGAR e uma nota de dois dólares. Evidentemente que fez a coisa de forma que a empregada não a pôde identificar; pôde, unicamente, ver tratar-se do uma mulher.

Ou um homem vestido de mulher ?

Nem pense nisso! Tudo indica tratar-se de um crime feminino. De qualquer forma, o veneno é uma arma de mulher. Um homem usaria uma pistola, uma faca ou uma moca.

Impressões digitais ?

Só as de Esther Dilmeyer. O envenenador teria luvas.

Está certo de que o papel era do «Corno Dourado» ?

Absolutamente. Mais ainda, o tipo da letra dactilografada no endereço é o mesmo da máquina de escrever do escritório de Lynk. Foi essa máquina que o dactilografou, fora de qualquer dúvida.

Mason entusiasmou-se.

155

Coisa estranha! observou. Esther Dimeyer podia vir a falar com Miss Faulkner e referir-se ao cartão.

Esquece-se de que supunham que adormeceria e não voltasse a acordar.

Tem razão. Concordo que deve ter sido qualquer coisa nesse género concedeu Mason, embora a sua voz denotasse certa desconfiança. É um crime muito esquisito e ainda não se provou... Lynk podia muito bem tê-lo praticado!

Bem confidenciou Tragg. Penso que o assassínio é mais importante. Esses bombons foram enviados por uma mulher que tem acesso a vários lugares no «Corno Dourado». Sabe muito pouco acerca de venenos, odeia Esther Dilmeyer, e estava lá quando chegaram as orquídeas da Faulkner. O cartão levou sumiço. Talvez a própria

Esther não o tenha visto. Essa mulher deve tê-lo recuperado. Quando Esther acordar, poderá esclarecer-me esse pormenor. Entretanto, quero pôr a limpo o crime de homicídio.

Bem, não quero detê-lo por mais tempo.

você não está a roubar-me o tempo observou Tragg, sorrindo. Estou somente a aquecer consigo. Tenho outras perguntas a fazer-lhe.

Diga lá, então convidou Mason. Tome-me o tempo que quiser. Não tenho nada que fazer quando você sair daqui, a não ser uma declaração de segurança social, um seguro de pensão para trabalhadores e algumas informações para o Governo sobre o meu imposto de rendimentos.

No fim disso, serão horas de ir para casa. Gostaria de persuadir o Governo a cortar-me um pouco no que ganho e a deixar-me mais algum tempo para poder trabalhar para mim.

Tragg riu:

Concluí pelas provas testemunhais que Mrs. Lawley se pusera a andar. Presumi que não teria tido muito tempo para embalar muitos objectos pessoais e estou convencido de que terá de comprar, finalmente, vários artigos

156

de vestuário visto que terá medo de voltar a casa. Pensei, também, que iria ao seu Banco descontar um cheque ou a qualquer loja onde tivesse crédito. Localizei o Banco e o Armazém, esta manhã, cedo, e pus um homem de serviço em cada um desses sítios. Ora, algum tempo depois, entrou, no armazém onde Mrs. Lawley tem conta aberta, uma mulher que comprou uma coisa qualquer e, tendo um cheque já preenchido e assinado, dirigiu-se à portinhola da Caixa para o descontar. A Caixa fez o sinal pré-combinado que chamou o meu homem lá acima.

Quando isto aconteceu eu estava no armazém. Em suma, a mulher escapou-se. E agora, Mason, eis uma coisa significativa: *Aquela mulher não era Carlotta Lawley.*

Está certo disso? perguntou Mason, mantendo os olhos afastados de Della Street.

Sim. A assinatura no cheque era uma falsificação e a descrição dessa mulher não se coaduna de maneira nenhuma com a de Mrs. Lawley. Esta é mais velha, sofre do coração, desloca-se lentamente e é um pouco débil, enquanto que aquela era uma rapariga nova, atraente, movendo-se com ligeireza, pensando rapidamente, esperta e bem constituída.

Efectivamente! murmurou Mason.

você não parece estar muito interessado comentou

Tragg.

Devia estar?

Sim disse Tragg. Bob Lawley assassinou a mulher.

Não estou a acompanhá-lo, tenente!

Certamente que a mulher dele tinha um livro de cheques que devia trazer na mala de mão. Se ela quisesse levantar dinheiro, em qualquer emergência, teria que descontar esses cheques em qualquer lado. O facto de se acharem nas mãos de uma outra mulher que assinou o nome de Mrs. Lawley é uma rica indicação de que qualquer coisa lhe aconteceu.

Mason considerou:

157

Isso é que se chama uma grande dedução a partir de uma prova muito pequenina.

Bem. Há ainda outra coisa.

O que é?

Esta manhã, um agente anotou o número de um carro por excesso de tempo estacionado e verificou ser o carro de Carlota Lawley.

Encontrou mais qualquer coisa no carro?

Sim. Procuraram-se, posteriormente, nele impressões digitais e descobriu-se que alguém se tinha dado ao trabalho de apagá-las cuidadosamente.

Mason franziu as sobrancelhas.

você pode deduzir o que isso significa prosseguiu

Tragg. *Ela nunca o teria feito.*

Por que não ?

Era o seu carro. Estava registado em seu nome.

Não havia razão para apagar as suas impressões digitais. O nome dela estava gravado na placa de identificação interior.

Estou a ver.

Mas se seu marido a matou, lhe levou o corpo para qualquer lado e foi ali, depois, deixar o carro, tratou, com toda a certeza de apagar as *próprias* impressões digitais. Seria a reacção instintiva de um indivíduo culpado, hoje em dia.

Na verdade comentou Mason há aí um elemento lógico. E acerca do álibi de Magard? É bom?

Magard esteve com Peavis, desde as onze horas até às doze menos cinco. Peavis recorda-se do tempo porque o encontro fora marcado para as dez e meia e verificou-se às onze o que, como é de ver, não é usual. Conversaram até perto da meia-noite, hora a que Magard se foi embora.

Nenhum deles se lembra da hora exacta ?

Não. Peavis recorda-se de ter ouvido o relógio bater a meia-noite e calcula que Magard o deixou, qualquer coisa como cinco minutos mais tarde.

158

A que horas chegou Magard ao «Corno Dourado» ?

Por volta das dez e quinze.

A que horas foi cometido o crime ?

Cerca da meia-noite.

E Coll?

Coll andava à procura de Bob Lawley. Bob telefonara-lhe um S. O. S., mais cedo, durante a tarde.

Conseguiu encontrá-lo ?

Não.

Porque parte do princípio que ele não andou pelo

Lilac Canyon ?

Tragg disse:

Lamento, mas não consegue divergir as minhas suspeitas. Há demasiadas provas no outro sentido. Por outro lado, se Coll o tivesse feito, certamente teria arranjado uma melhor explicação para o emprego do seu tempo.

Durante alguns segundos, Mason manteve-se pensativo e, depois, declarou:

Não gosto dele, Tragg. Creio que tem qualquer coisa que ver no caso dos bombons envenenados. Podia ter tido um cúmplice... uma mulher!

Eu não lhe estou a dar um certificado de consciência limpa esclareceu Tragg. Limito-me simplesmente a servir-me dele.

Quanto tempo teria levado Magard para atingir o Lilac Canyon, do local onde deixou Peavis, e quanto tempo teria levado Coll a ir até lá?

Do apartamento de Peavis até à casa de Lynk, seis minutos e meio. Do apartamento de Coll até lá, quinze minutos. Verifiquei o tempo com um cronómetro.

Quanto tempo se leva do apartamento de Peavis até ao «Corno Dourado» ?

Vinte e um minutos.

O telefone tocou. Della Street atendeu:

Está? Sim... olhou de relance para Perry Mason

159

e disse: Creio que ele querará falar-lhe, pessoalmente.

Mantenha a ligação se faz favor.

Olhou o advogado significativamente e empurrou o telefone para o pé dele. Mason atendeu e ouviu a voz

de Mildreth Faulkner, alta e aguda pela excitação, inquirir:

Pode aqui vir imediatamente, Mr. Mason ?

Que aconteceu ?

Tenho que vê-lo. Tenho que vê-lo imediatamente. falei com Carlotta.

Falou ?

Sim. Ela telefonou-me. Bob estava com ela.. e o coração dela não estava bem enquanto falou pelo telefone. Ouvi-a ofegar e Bob exclamar: «Oh, meu Deus!», e, então, desligou.

Mason disse, cautelosamente:

Está certa da identidade de ambas as partes?

Absolutamente. Reconheceria a voz dela em qual quer lado... e a dele, também.

Onde é que você está, neste momento ?

Na Casa de Flores Broadway.

Nesta altura estou ocupado, mas posso ir ter consigo dentro de momentos, se quiser esperar.

Depressa, por favor pediu ela. Estou certa de que você sabe onde ela está.

Farei o melhor que puder! prometeu Mason.

Desligou o telefone e Tragg pôs-se de pé.

Bem, Mason, não há necessidade de eu interferir no seu trabalho. <

Mason ordenou:

Pegue no seu bloco, Della.

Parece uma corrida de emergência gracejou Tragg.

Vamos fazer qualquer coisa que exige uma corrida contra o tempo justificou Mason.

Della seguiu ao longo do corredor, ao lado de Mason,

160

e os seus pés batiam um taque-taque apressado para acompanharem as passadas largas do advogado.

Acha que ele suspeita? perguntou.

Maldito seja... sim! respondeu Mason. Bem lhe disse que o homem é esperto.

E o que vamos fazer?

Mason espetou o polegar no botão do ascensor.

Transportaremos esse obstáculo quando lá chegarmos.

Estou certa de não ter deixado nenhuma prova que possam apontar.

Esse foi o meu erro confessou Mason. Lidei tanto tempo com o sargento Holcomb que comecei a não tomar em conta, devidamente, a polícia. Tragg raciocina depressa. Ocorreu-lhe que Carlotta iria servir-se dos cheques e postou um homem de vigia. Se você se não tem escapado a tempo...

Surgiu uma luzinha vermelha e o elevador parou no patamar. Mason e Della entraram e o advogado, examinando de relance os outros ocupantes, fez-lhe um sinal com os olhos recomendando-lhe silêncio.

Supôs que ele tivesse ali posto um homem para o seguir? perguntou Della quando deixaram a cabina.

Provavelmente. Contudo, não fez qualquer diferença.

Estão certos de terem alguém espiando Mildreth Faulkner

e, portanto, Tragg será informado logo que lá chegue-mos.

Lois Carling, por detrás do balcão da loja de flores, fitou-os curiosamente, quando entraram.

Em que posso servi-los? perguntou. Desejam

?...

Mildreth Faulkner saiu, a correr do seu gabinete, ao seu encontro. Lois Carling recuou para observá-los ainda com uma mais concentrada curiosidade.

Mildreth pediu:

Leve-me até ela imediatamente, Mr. Mason. Deve fazê-lo.

11 VAMP G 5
161

Mason avisou:

A sua linha pode estar sob vigilância. O melhor é Della ir à loja da esquina, telefonar para o Hotel Clearmont e falar a Mrs. Dunkurk. Quando ela atender, diga-lhe quem é e pergunte-lhe se recentemente fez alguma chamada para a irmã.

Fez, sim! insistiu Mildreth. Reconheço-lhe a voz em qualquer parte.

Vá, verifique isso! disse Mason a Della Street. Ela dirigiu-se rapidamente para a porta e saiu. Mason relanceou o olhar, curiosamente, através das janelas do escritório, pela fileira de vasos floridos.

É para criar uma certa atmosfera explicou Mildreth. Fazemos as nossas encomendas...

Este vidro é à prova de som?

Não há perigo.

Reparei que aquela garota, atrás do balcão mostra um grande interesse no que aqui se passa.

Oh, está bem... é um pouco curiosa e nada mais.

Era amiga da rapariga que trabalhava aqui antes...

Aquela que tinha o lote de cinco acções ?

Sim.

Tem-na visto depois que ela se casou ?

Oh, sim. São muito íntimas.

Nesse caso, tem encontrado, provavelmente, Peavis.

Oh, ela já conhecia Peavis há mais tempo. Peavis costumava sondá-la acerca do negócio. Tem-lhe trazido bombons e namora-a um bocadinho, mas nunca foi muito longe. Peavis tenta sempre subornar as garotas com bombons. É um homem rude e perigoso e esta rapariga é demasiadamente bem lançada para este emprego, é o que é!

Mason informou:

Não quero ir ter com sua irmã antes de saber mais qualquer coisa acerca disto. Receio que seja uma armadilha.

O tenente Tragg é esperto.

162

Mas, pelo amor de Deus, eu conheço a voz da minha própria irmã. Ouvi-a...

Calou-se, subitamente, ao ver Harry Peavis, acompanhado por um homem de cara amassada e ombros musculosos, de fato berrante, abrir a porta e atravessar rapidamente o escritório fechado.

É Peavis...

Bem sei interrompeu Mason.

Peavis empunhou o puxador da porta do gabinete, abriu-o e disse:

Lamento ter de fazer isto, Mildreth. Virou-se para o homenzinho nervoso, ao seu lado. É ela.

O homem deu um passo em frente.

Mildreth Faulkner, como directora das Casas de Flores Faulkner, entrego-vos esta intimação, assim como uma ordem de comparência no tribunal em instância preliminar.

Mildreth recuou, vacilante.

Vá, pegue nisso indicou-lhe Mason e virando-se para Peavis. De que processo se trata ?

Processo cível respondeu Peavis, estudando o rosto de Mildreth. Não quero que mais ninguém mexa nesse certificado de acções antes de me ser facultado apresentar as minhas reclamações.

Quais são as suas reclamações ?perguntou Mason, enquanto Mildreth Faulkner, hesitante, estendia a mão para receber os documentos que o homenzinho nervoso, de olhos brilhantes, tirara da pasta. O oficial de diligências recitou monotonamente: «E uma acção para declarar o certificado do lote de acções perdido ou destruído e requerer que outro seja elaborado em sua substituição; solicitar uma caução para proteger a sociedade e os sócios contra a possibilidade de antigo certificado ter sido sonegado a fim de que seja devidamente endossado e presente; uma ordem para contestar a acção, até às catorze horas de amanhã, tendo o defensor da sociedade o direito de prosseguimento e de opção;

163

uma intimação preventiva para que a sociedade não transfira esse lote para mais ninguém, a não ser para Peavis.

É tudo, por enquanto, Miss Faulkner».

Mildreth mostrava-se desnorreada pelo fogo de barragem de toda aquela fraseologia legal.

Parece complicado, animou Mason mas não se apoquente.

É, na realidade, muito simples explicou Peavis.

Eu adquiri essas acções, porém, aconteceu qualquer coisa ao seu certificado. O homem que as comprou para mim foi assassinado e o certificado do lote parece ter-se sumido.

.. Ele era seu procurador ? inquiriu Mason.

Leia os papéis que apresentei.

Mildreth Faulkner interveio:

Quer você dizer que admite ter-se associado a jogadores a fim de coagir o meu cunhado...

Eu não me associei com ninguém para coagir seja quem for retorquiu Peavis irritado. Descobri que Lawley andava a apostar nas corridas de cavalos, acumulando dívidas e a jogar até à ruína. Descobri que estoirara tudo quanto a sua irmã lhe dera para tentar realizar uma exploração financeira. Tinha chegado ao fundo do abismo e já não podia jogar, a menos que realizasse dinheiro. Sabia que cedo voltaria a jogar e se alguém iria ter a felicidade de adquirir esse lote de acções, decidi que fosse eu.

Mildreth objectou, escarnecedoramente:

Foi uma armadilha miserável.

Está bem, foi concedeu Peavis. Veja isso, se quiser, do seu lado. Eu posso ter armado o laço, mas foi ele quem lá meteu o pescoço.

Mason, olhando através da porta, viu Della Street, de regresso.

Muito bem, Peavis. você já fez o que queria. Discutiremos o assunto no tribunal.

Peavis propôs:

164

Podíamos talvez chegar a um entendimento...

Não! exclamou Mildreth Faulkner, indignadamente.

Della Street, parada do lado de fora da porta, tirou o bloco de notas da bolsa de mão, escreveu algumas palavras e entrou no gabinete.

Peavis saudou:

Boa tarde, menina. Parece que interrompi uma conferência.

E interrompeu mesmo esclareceu Mildreth.

Della passou uma folha de papel rasgada do bloco de notas a Mason. Este abriu-a e leu: «Mrs. Dunkurk sumiu-se. Um homem telefonou-lhe há cerca de uma hora».

Mason passou a mensagem, a Mildreth.

Ela leu-a, fitou Mason, de relance, e ele evitou-lhe o olhar.

Peavis disse:

Lamento muito, Mason, mas ainda não posso ir-me embora porque ainda não acabei.

Porque não ?

Estou à espera de mais alguns papéis. Aí vêm eles>.

A porta do estabelecimento abriu-se. O tenente Tragg, acompanhado por uma mulher quarentona, entrou.

Desculpem... foi engano justificou-se Peavis.

Estou à espera de um mensageiro.

Que outros papéis são esses ? inquiriu Mason.

Peavis sorriu e abanou a cabeça, negativamente.

Della Street aproximando-se de Mason, agarrou-lhe o braço com força e o advogado, sentindo a intensidade do aperto, sorriu-lhe tranquilizadamente. Pelo que viu no rosto dela. voltou-se subitamente para examinar a mulher que entrara, escoltada pelo tenente Tragg.

Tinha as maçãs do rosto salientes, luzidias, cabelo preto, uma boca rasgada e lábios finos. Os seus olhos perscrutavam, o ambiente através de lentes muito grossas com uma calma de competência.

A caixa ? murmurou Mason.

165

Sim.

Há aqui outra saída? perguntou o advogado movendo-se naturalmente e entrepondo, dessa maneira, Della Street, entre os ombros e a porta.

Mildreth abanou a cabeça, negativamente.

Peavis estudou Mason com curiosidade.

O gabinete situava-se no fundo do estabelecimento.

Dois dos seus lados eram as paredes lateral e do fundo da casa. Os outros dois lados eram constituídos por painéis de madeira de cerca de um metro de altura a partir do chão e, daí para cima, por chapas de vidro de trinta centímetros por trinta e seis.

A progressão de Tragg através do estabelecimento não denunciava a menor pressa, talvez porque se entregasse a um exame cuidado do grupo reunido no gabinete.

Na calma com que se aproximava, pressentia-se uma impiedosa perseguição. Tragg não teria achado nada melhor calculado para abalar os nervos de quem quer que possuísse uma consciência culposa, do que aquele espaçado e monótono ritmo de marcha.

Empurrou a porta do gabinete e manteve-a aberta para dar passagem à mulher. Esta entrou.

Tragg saudou:

Olá, parecem estar numa reunião!

Ninguém retorquiu.

Tragg anunciou:

Há um assunto que gostaria de esclarecer com Perry Mason, e...

Foi esta mulher!

A voz vibrante da Caixa, fazendo em tom alto, aquela acusação, mostrou que Tragg não a avisara do que esperava descobrir.

Mason deslizou um braço, protectoramente, em volta dos ombros de Della Street e ordenou-lhe silêncio com uma pressão de mão sobre o braço dela.

Refere-se à mulher que tentou descontar um cheque ?

Inquiriu num tom de conversa banal.

166

Deixe Miss Street contar isso disse Tragg.

Mason fez com a cabeça um sinal negativo.

Não há necessidade disso!

O rosto de Tragg espelhou irritação.

É ela repetiu a Caixa, desta vez em voz mais baixa, mas com um timbre de convicção.

Certamente que é! notou Mason, naturalmente. Receio que declarou Tragg a não ser que Miss Street possa explicar o assunto, tenha de dar-lhe voz de prisão.

Sob que acusação ?

Tentativa de fraude e falsificação.

Mason aconselhou:

Faria melhor, caro tenente, em ler a lei antes de queimar os dedos.

Tragg foi incapaz de dissimular na voz a irritação que o dominava. Era certo que esperava obter directamente qualquer confissão por parte de Della Street.

Você é um magnífico advogado, Mason disse.

Eu não sei muito de leis. Não passo de um «chui» teimoso. Presumo que haja na lei um artigo qualquer que permite que a sua secretária entre numa loja, diga ser Carlotta Lawley e falsifique a assinatura desta num cheque, sacando, por meio dele, dinheiro, sem violar seja o que for!

Mason respondeu calmamente:

Em primeiro lugar, Della não sacou importância alguma. Em segundo lugar, não disse ser Carlotta Lawley. Disse que tinha um cheque que pretendia descontar.

E suponho que não há nada de mal em andar por aí a assinar o nome de Carlotta Lawley disse Tragg, irritado.

Mason tirou da algibeira, num gesto natural, o papel dobrado que Carlotta Lawley assinara. Estendeu-o a Tragg.

Tragg leu-o e, por um momento, notou-se-lhe um ligeiro estremecer da linha dos lábios. Depois, uma 167

expressão de triunfo iluminou-lhe os olhos. Dobrou o documento e enfiou-o num bolso interior.

Está bem, Mason disse a troca é satisfatória.

Que troca ?

Para safar disto Della Street você implica-se a si próprio.

De que maneira ?

Este documento prova que se trata de uma falsificação a não ser... que você tenha entrado em contacto esta manhã, com Carlotta Lawley.

Estive em contacto com ela confirmou Mason.

O documento foi assinado nessa altura.

Sabe o que isso representa ?

O quê?

Que auxiliou e facilitou um acto de felonía. É, para todos os efeitos, uma fugitiva à justiça.

Eu não fora informado disso.

Tragg dificilmente dominou a ira.

Bem. Está sendo *agora* informado! Quero que ma entregue.

Para quê?

Eu creio que cometeu um acto de felonía.

Qual ?

Homicídio.

Ah! exclamou Mason. Isso é diferente.

Muito bem. Agora quero saber onde é que ela pára.

Mason disse, calmamente:

Não acredito que esteja culpada, mas, em face da sua declaração, não tenho outro recurso senão informá-lo de que, na noite passada, quando você falava com Mildreth

Faulkner, ouvi chegar um carro. Saí e dirigi-me até à curva da estrada. Era Carlotta Lawley. Compreendi que, nas suas condições de saúde, era imperativo que se sujeitasse a um repouso imediato visto que, se fosse

constrangida a um longo interrogatório, isso podia ser-lhe fatal. Dei-lhe instruções no sentido de dirigir-se ao Hotel Clearmont, registrar-se aí como Mrs. Charles X.

168

Dunkurk, de San Diego, e esperar por mim, repousando, entretanto, o mais possível.

Os olhos do tenente Tragg denunciaram uma surpresa. Incrédula que se transformou em irada ameaça.

Diabos o levem, Mason! exclamou. Livre-se você de estar para aí a tirar uma história da manga, com o intuito de me lançar numa falsa pista. Se assim é, juro-lhe que arranjo, à minha conta, um mandato de captura e ferro consigo na esquadra!

você não ferra comigo em lado nenhum retorquiu Mason em tom de mau agoiro.

Onde é que ela está agora? inquiriu Tragg. Mason encolheu os ombros e respondeu:

Disse-lhe tudo quanto sabia. Quando entrei neste gabinete a *única coisa que sabia* era que Mrs. Dunkurk ainda estava no Hotel Clearmont.

Um rapaz uniformizado entrou apressadamente na casa de flores, dirigiu-se ao gabinete e enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

Mr. Peavis está aqui ?

Estou aqui respondeu Peavis com uma careta.

O rapaz entregou-lhe alguns documentos dobrados que Peavis, por sua vez, entregou ao oficial de diligências. Este recitou:

Mr. Mason, faço-lhe conjuntamente a entrega de uma contra-fé *duces-tecum*, intimando a sua comparência no tribunal, em hora e data, nela mencionadas, é uma intimação para apresentar o caso de Peavis *versus* Casas de Flores Faulkner. Devo adverti-lo que por esta contra-fé é intimado a fornecer ao tribunal qualquer certificado de acções que esteja em seu poder ou sob seu controle e que constituam o lote que pertenceu a uma Carlotta Faulkner que, subsequentemente, se tornou Mrs. Robert Lawley.

A zanga desapareceu do rosto de Tragg. Sorriu e o seu sorriso quase pareceu um trejeito de escárnio. Olhou para Peavis, aprovativamente, e, depois, para Mason.

169

Que lindo apuro em que o meteram, advogado!

Caminhou para o telefone, dedilhou um número e disse:

Daqui fala o tenente Tragg, Secção de Homicídios. Quero que se mexam. Entre em contacto com o sargento Mahoney. Diga-lhe que reviste o Hotel Clearmont. Aviem-se. Sirvam-se de um par de carros das rádio-patrolhas.

Está lá registada uma Mrs. Dunkurk, de San Diego. Quero que a detenham. Quero que ma tragam seja como for.

Desligou, bruscamente, o telefone e disse para a Caixa:

Não é preciso mais nada, Miss Norton. Pode voltar para o seu trabalho.

Encarou Mason num rápido relance e, por um momento, o triunfo do olhar mudou para simpatia.

-Sorte de cão, hem? Mas você andava a pedi-la!

Depois, empurrou a porta do gabinete envidraçado e quase largou a correr ao longo do estabelecimento.

CAPITULO XI

O tenente Tragg e o detective Copeland sentaram-se no quarto das traseiras da loja. Bill Copeland estava a ler um número da revista *True Detective* e embrenhara-se no noticiário. Copeland era um veterano e aceitava as coisas com filosofia. Dizia muitas vezes: «Tenho-os visto

chegar e tenho-os visto ir embora. tem-me feito uma bela propaganda por caçá-los e tem-me posto pelas ruas da amargura por tê-los deixado escapar por entre os dedos. É assim o trabalho diário e você mesmo não> pode ir além disso. Há-de agarrá-los quando vierem.» O tenente Tragg estava nervoso. Frequentes vezes espreitava através do rectângulo de vidro colorido que permitia ao empregado vigiar a loja, brilhantemente iluminada.

Tragg estudava cuidadosamente todos os clientes e de tempos a tempos passeava nervosamente de um lado para o outro ou fixava as portas do estabelecimento

170

como se pensasse poder realizar o seu desejo por meio de uma simples concentração visual.

O empregado do estabelecimento, pondo vários frascos em ordem, disse:

Não precisa de apoquentar-se, tenente. Eu conheço-o pessoalmente. Se ele entrar, será para aviar uma receita. Terá tempo mais do que suficiente.

Bill Copeland levantou os olhos da revista, observou Tragg com uma expressão de contentamento interrompido, como uma vaca, ruminando, olharia um objecto movediço. Parecia totalmente incapaz de compreender o nervosismo de Tragg.

Pela segunda vez, em menos de cinco minutos Tragg consultou o relógio de pulso.

Bem, não podemos perder mais tempo aqui a espera. Afinal de contas não era mais do que um palpite. Copeland marcou a página da revista com a unha do seu indicador gorducho.

Hei-de caçá-los, tenente prometeu. Ponha-se perto de *um* telefone e vai ver como lhe dou a notícia, em menos de um quarto de hora, mal lhes deite a mão. Tragg respondeu asperamente:

Aposto como sou eu que terá de fazê-lo. Não quero...

Calou-se ao ver um homem de jaquetão azul listrado, dirigir-se ao balcão de farmácia do estabelecimento. Fez um sinal de cabeça a uma mulher que se deteve junto ao balcão de tabacos e pediu, numa voz dificilmente audível para os que estavam no quarto das traseiras:

Avie-me a receita do costume.

É o seu homem informou o empregado baixinho, dirigindo-se a Tragg e saindo do quarto para atender o cliente ao balcão.

Tragg observou fixamente. Copeland ia fechar a revista, mas pensou melhor e resolveu deixá-la aberta, virada para baixo a um canto do balcão usado para preparar as receitas.

171

Rapidamente Tragg deu as suas ordens:

Vou sair pela porta lateral. Avie-lhe já a receita. Não o faça esperar. Logo que ele comece a caminhar para a porta, você, Bill, saia daí e vá atrás dele. Tem o seu carro lá fora e eu tenho o meu. É pouco provável que nos possa escapar, mas nada de distrações. Logo que eu perceba para que sentido pretende dirigir-se, tomo a dianteira. Se ele o vir e agir como se estiver desconfiado toque duas vezes o *claxon*. Ao seu sinal atravessar-me-ei no caminho e entalá-lo-emos.

Okay aquiesceu Copeland.

O empregado foi até à caixa e voltou, momentos depois com o número da receita.

Isto é um poderoso estimulante cardíaco disse para Copeland. Está cheio de pressa e diz ser muito urgente.

Copeland abotoou o casaco e puxou o bojo da barriga para cima da cintura, enquanto o empregado murmurava:

Leve a revista consigo, se quiser.
Copeland apanhou-a levemente. Enrolou-a, meteu-a debaixo do braço esquerdo, desviou-se para o lado que lhe fora indicado e disse:

Obrigadinho!

O tenente Tragg saiu pela porta lateral que dava acesso ao jardim, passou pela frente da casa e dirigiu-se para o seu carro.

Teve que esperar ainda dois minutos. O seu homem saltou para um Buick fechado e manipulou o botão de arranque. Atrás dele, Copeland, trazendo a revista debaixo do braço, saiu do estabelecimento, caminhou direito à curva da estrada e aí, enfiou os ombros largos na porta estreita do seu carro ligeiro.

Tragg foi o primeiro a partir. Pelo espelho retrovisor, viu o Buick arrancar, a seguir, e, pela maneira como torceu a direcção para a esquerda, depreendeu que o seu condutor ia fazer meia volta.

172

Tragg deitou o braço esquerdo de fora, e avançou timidamente para o meio da estrada como que receando qualquer outro veículo em marcha e viu o condutor do Buick fazer também sinal de virar para a esquerda. Atrás dele, Bill Copeland, pusera o seu carro ligeiro em andamento. Bob Lawley tinha pressa. Tantas vezes tentou ultrapassar o carro de Tragg que este, por fim, fez-lhe a vontade, mantendo-se, porém, a uma curta distância atrás dele. Copeland, notando a alteração das instruções teve que adaptar-se às circunstâncias e seguiu também muito chegado ao carro do tenente.

Tragg, espiando o condutor do carro dianteiro, verificou que este não dava, aparentemente, sinais de se julgar seguido. Doze quarteirões mais adiante, talvez, teve uma oportunidade de passar-lhe à frente. Lawley ludibriou-o voltando logo, a seguir, bruscamente à direita, mas Tragg, enquanto continuava pela rua abaixo, viu Copeland seguir atrás da presa.

Tragg virou o carro para a direita no cruzamento imediato, enfiou pela primeira rua, mas não viu o menor sinal dos dois carros; atravessou uma outra rua e viu o carro de Copeland estacionado a meio do quarteirão. Não se avistava o Buick. Tragg virou o carro numa volta apertada e parou do lado oposto da rua, relativamente perto de Copeland.

Este saiu e foi ter com ele.

Caçou-o ? perguntou o tenente, tentando dissimular o nervoso na voz.

Bill respondeu, casualmente:

Está ali dentro!

Onde ?

Naquele bangalô. Virou o carro naquele desvio e enfiou-o na garagem. Eu parei o meu quinze metros mais atrás e fiquei à espera para ver se ele me notara. Não creio que tenha dado por mim.

Para onde foi ele?

173

Entrou lá para dentro, pela porta das traseiras. Passara já um quarto de hora depois do pôr-do-sol e sombras frias cobriam imperceptivelmente as coisas envolvendo-as numa crescente obscuridade. Aqui e além, no quarteirão, acendiam-se luzes, mas, no bangalô, não havia a menor claridade.

Tragg ordenou:

- - Vá pelas traseiras. Bata à porta e diga-lhe que quer

dar uma vista de olhos pela instalação eléctrica. Explique-lhe pertencer a uma estação de rádio e andar à procura de uma interferência qualquer na vizinhança.

Eu irei pela porta da frente e tocarei à porta com força exactamente no momento em que você estiver a falar.

Isso deve obrigá-lo a vir à porta da frente. Provavelmente deixará a porta das traseiras por fechar. você entra. Se eu tiver, alguma dificuldade chegue-lhe e quando o fizer, dê-lhe com alma!

Okay aquiesceu Copeland.

Tragg concedeu-lhe dez segundos e então caminhou direito à casa, subiu os degraus da varanda do escuro bangalô e escutou. Conseguiu ouvir passos e pensou que ouvia também vozes vindas das traseiras. Premiu o botão da campainha, esperou um segundo e tornou a tocar, com longa insistência.

Ouviu passos aproximarem-se da porta. Tragg ajeitou a pistola no coldre da axila. Estava ajustando o casaco quando a porta se abriu e Bob Lawley perguntou:

Que é que quer ?

Mudou-se recentemente, não é verdade?

Não tem nada com isso.

Oh... tenho sim, meu amigo. Venho da repartição de mobiliário e acessórios...

Pois bem, esta casa está mobilada e já me foi alugada tal como está. Não quero ser incomodado...

Tragg olhou para trás de Bob Lawley e viu Bill Copeland, caminhando com passinhos de lã, a poucos passos do outro.

174

Não tenho tempo para falar agora acabou Lawley, começando a fechar a porta.

Tragg entrepôs um pé, fez sinal com a cabeça a Bill Copeland e declarou:

Muito bem, Lawley, considere-se preso.

O homem recuou e quando Tragg empurrou a porta virou-se na intenção de fugir. A manobra fê-lo esbarrar com o espesso e volumoso Bill. Este enlaçou-o com os braços e apertou-o como um torno mecânico.

Okay tenente! exclamou sem emoção.

Tragg tirou da algibeira um par de algemas e quando Bob avançou para ele fechou-lhas nos pulsos.

Mal sentiu o contacto frio do aço contra a pele, Bob começou a agitar-se, selvagem e histericamente e Tragg, segurando a corrente de ligação entre as algemas deu-lhe um tal esticão que estas comprimindo os ossos do prisioneiro, de novo o acalmaram,.

Quando sossegou, pálido de raiva impotente, Tragg aconselhou:

Seja razoável, Lawley. Onde está sua mulher ?

No... no quarto de cama.

Muito bem. Vamos lá falar com ela.

Que querem dizer-lhe?

Fazer-lhe algumas perguntas.

Lawley mostrava-se abatido pela luta. Todavia, os olhos tornaram-se-lhe desafiadores:

Não podem fazer isso.

Porque não ?

Porque ela não pode falar com ninguém.

Tragg pensou um momento.

vou dizer-lhe o que conto fazer consigo, Lawley.

Vou dar-lhe uma aberta.

O rosto de Lawley mostrou-se incrédulo.

vou tirar-lhe esses braceletes continuou Tragg e vamos entrar no quarto. você vai apresentar-nos, a mim e a Copeland como dois parceiros que encontrou

quando foi buscar o remédio. Vai dizer-lhe que sou um
175

tipo que pode ajudar-vos a sair desta alhada e vai ficar
caladinho enquanto eu falar.

E o que ganho com isso ?

Veremos se você se mantém na linha, sem birras,
nem raivinhas.

Isso não basta...

Muito bem! Estou a proporcionar-lhe a maneira
mais fácil mas, se tiver de ser, farei jogo duro.

- Como é isso ?

Verá como é. você não está em posição de impor
condições.

Bill Copeland baixou-se e apanhou do chão a revista
que deixara cair quando agarrara Lawley.

Este aproveitou o momento e atirou um pontapé
selvagem no rosto de Copeland. Bill defendeu-o com o
ombro e levantou-se rapidamente para o enfrentar, mas
mudou de ideias, apanhou primeiro a revista e só depois
fechou o punho direito.

Tragg meteu-se entre eles.

Agora não, Bill. Limite-se a vigiá-lo. Mantenha-o
quieto.

Copeland suspirou, deixou que o punho se transformasse
em dedos com que escovou o ombro do casaco e
disse sem rancor:

Okay, tenente.

Atirou com Lawley, de costas contra a parede. Tragg
tirou-lhe o remédio da algibeira.

Que vai fazer agora ?

Cale-se ordenou Copeland, agarrando-o pela camisa
junto ao colarinho e revistando-lhe as roupas.

A segunda porta dava para um quarto de cama.

As cortinas da janela estavam corridas e o aposento
estava escuro. Tragg parou à porta esperando que os
olhos se adaptassem, à escassa claridade do quarto. Pôde
ouvir o som de uma respiração ofegante. Uma voz feminina
chamou, arquejante:

Bob.

176

Tragg deu um passo em frente.

Seu marido pediu-me que lhe trouxesse este
remédio.

Onde... Onde está ele ?

Teve que ir tratar de um assunto que surgiu
inesperadamente. Voltará de seguida, mas quis que lhe
trouxesse o remédio imediatamente.

Sim... é um remédio urgente... Tomei todo o que
tinha, ontem à noite.

Tragg achou um candeeiro ao lado da cama. Acendeu-o
e desembulhou a embalagem. Eram dois remédios.

Um deles era uma ampola para quebrar e aspirar;
o outro tinha a forma de uma cápsula. As indicações de
posologia aconselhavam a tomar duas; depois uma de
meia em meia hora até perfazerem o número de seis e,
finalmente, uma de duas em duas horas.

Tragg foi buscar-lhe um copo de água, à casa de
banho e deu-lhe as cápsulas. Ela tomou-as de uma vez.

Tragg trouxe-lhe então uma toalha, partiu a ampola
e chegou-lha ao nariz.

Durante cinco minutos nada foi dito. O tenente limitou-se
a observá-la. Ela começava a respirar mais facilmente.

Sorriu corajosamente para ele denunciando pelos
lábios descorados, um grande abatimento.

É uma complicação de vários males - explicou.
Suponho que os nervos estão também metidos nisto.

Sinto-me agora melhor. Muito obrigada.

Tragg foi buscar uma cadeira e sentou-se à cabeceira da enferma.

Não quero aborrecê-la, Mrs. Lawley começou. Ela olhou com alguma surpresa.

Tenho que fazer-lhe certas perguntas mas não quero constrangê-la...

Quem é você?

Estou tentando apurar a verdade acerca do que aconteceu a noite passada. Suponho que sabe que foi passada um ordem de prisão contra seu marido.

12-VAMP. G. 5

177

Eu... eu não sabia.

Se seu marido estiver culpado ou a senhora estiver culpada continuou Tragg não quero que a senhora fale. Se a senhora se sentir muito alquebrada não quero que tente explicar seja o que for, mas se pudesse simplesmente responder a algumas perguntas, isso ajudaria imenso.

Ajudaria quem ?

Seu marido, caso ele esteja inocente acrescentou

Tragg ajudaria sua irmã e ajudá-la-ia a si

Ela anuiu com a cabeça.

Mas quero que me compreenda advertia o tenente.

Olhe que não é obrigada a responder às minhas perguntas.

Carlotta moveu-se na cama, pouco à vontade.

No átrio, onde Copeland guardava Lawley, ouviu-se o som de um ligeiro combate, um grito mal articulado e, seguidamente, silêncio.

Tragg pensou, rapidamente.

Os carregadores estão a arrumar umas coisas que seu marido comprou.

Oh! exclamou ela, sentando-se e encostando-se à cabeceira da cama com os olhos fechados. Ele não devia comprar nada. Há-de ser sempre o mesmo rapazola crescido. O dinheiro parece que lhe queima as algibeiras. Tinha a face avivada por um creme de beleza, mas Tragg descobrira sob essa camada, a palidez que já antes notara.

Como Carlotta comesse a respirar mais depressa e parecesse dormir, Tragg saiu do quarto em bicos de pés e foi ter com Copeland que segurava Lawley. O olho esquerdo de Bob fora socado.

Leva-o para o carro, Bill ordenou Tragg.

Copeland agarrou-o pelo colarinho da camisa,

Okay! E agora, meu patife, ouviste o que o patrão mandou, hem? Vá, segue à minha frente.

178

Lawley não ofereceu mais resistência. Consentiu que o levassem para o carro sossegadamente, Tragg voltou para o quarto e sentou-se.

Passaram-se cerca de quinze minutos antes que

Carlotta abrisse os olhos.

Sinto-me melhor agora declarou. você é médico.

Não esclareceu Tragg. Sou um investigador.

Quer dizer um detective particular?

Trabalho para o bem do povo.

Ela raciocinou um instante e perguntou:

Quer dizer que é polícia ?

Sim.

Carlotta fez menção de endireitar o tronco.

Esteja descansada, Mrs. Lawley. Estou tentando unicamente descobrir a verdade.

Que quer saber?

Como foi que conseguiu tirar o certificado das acções do teatro do crime, Mrs. Lawley?
Os olhos dela tornaram a fechar-se.

Que crime ?

Tragg fechou as mãos. Respirou fundo por um momento e depois relatou:

Encontrámos o certificado do seu lote de acções na posse de Mr. Mason. Ele declarou que a senhora lho tinha dado.

Ela abriu os olhos, tossiu.

Ele disse isso?

Sim.

Foi ele quem mo sugeriu.

Bem sei. Porque as trouxe?

Porque as acções são minhas.

Lynk já estava morto quando foi a casa dele?

Sim.

Os seus olhos abertos tremulavam e quase se fechavam.

- Estou muito cansada declarou.

179

Talvez fosse melhor descansar, então, alguns minutos sugeriu Tragg.

Ela respondeu com sonolência:

você parece ser um homem simpático... às direitas.

Julgava a polícia de uma maneira diferente. você é bom!

Descanse o tempo que quiser, Mrs. Lawley concedeu Tragg.

Fechou as mãos até os dedos estalarem. *Co'os* diabos, não fazia mais do que cumprir o seu dever. Quando se está tentando resolver um crime, tem-se que jogar as cartas convenientes.

Um rapaz... muito... simpático murmurou a enferma.

CAPITULO XII

Mal saíram da casa de flores de Mildreth Faulkner,

Della Street disse para Mason:

Acha que ele já sabia que fora eu quem tentara descontar aquele cheque?

Evidentemente que já considerara essa possibilidade.

Quebrou-me a couraça... diabos o levem!

Entraram no carro de Mason. Este pô-lo em marcha com selvajaria e rodou na direcção oposta.

Mas *como* foi que ele soube ?

Somou dois e dois. Sabia que eu estava a tentar proteger Mrs. Lawley até que a situação se esclarecesse. Sabia que eu estava fazendo o possível por implicar Bob Lawley no caso.

Suponha que Lawley fala se Tragg o encontrar ?

Certamente que fala concordou Mason. Conheço o género. Vai desatar a alardear o que tenciona fazer e o que não tenciona fazer. Vai dizer-lhes que podem espancá-lo, atá-lo a cavalos selvagens mas que não dirá uma palavra. Em seguida encher-se-á de cautelas, contará tudo quanto sabe e procurará atirar as culpas para cima da mulher.

180

Porque teria Mrs. Lawley deixado o hotel ?

você está cheia de perguntas, não está, ? cortou Mason.

Encostou o carro a uma faixa de estacionamento, apontou um ardina que vendia jornais da tarde e anunciou:

Ali está a resposta a uma delas.

Quer dizer que ela foi informada.

Não disse Mason. Foi aquilo que a avisou.

Julguei que os jornais estivessem fora do seu

alcance.

Disse-lhe que não os lesse, mas dizer uma coisa dessas a uma mulher é o mesmo que atirar dinheiro para a roleta.

Quando o sinal facultou a passagem, Mason aproveitou-a, pôs o carro em andamento, comprou, durante o arranque, um jornal da última tiragem, ao ardina que correu ao seu lado e, acelerando, passou-o a Della.

Leia o que diz a secção: CORRESPONDÊNCIA ANUNCIATIVA. Mason guiou lentamente através do trânsito enquanto Della percorria com os olhos o jornal.

Aqui está anunciou.

Que é que diz ?

Carla, estou sofrendo de ansiedade por tua causa, minha querida. Telefona para Grayview 6-981 e diz-me se estás bem. É tudo quanto quero saber. Só terei coragem para ouvir música se estiveres bem.

Como se assinou ?

Favo de mel.

Grande patife.

Mason viu uma aberta onde poderia estacionar o carro.

Parou logo a seguir a uma bomba de incêndio e disse a Della:

Há ali uma loja na esquina. Telefone para a Agência de Detectives Drake. Diga-lhes que quero saber a quem pertence o telefone 6-9841 de Grayview.

181

Não seria melhor eu perguntar directamente para a companhia, dando o número...

Não contrapôs Mason. Drake é especialista nesse género de informações e sabe como melhor as obter.

Quanto tempo levará a dar-mas ?

Somente alguns minutos... provavelmente.

Vamos depois para o escritório?

>Não! Vamos visitar Sindler Coll.

Della saltou do carro, encaminhou-se rapidamente para a loja e voltou ao cabo de poucos minutos.

Ele ficou a tratar do assunto informou. E deu ainda uma outra notícia que lhe interessa.

Bem, leia-ma enquanto seguimos.

Pôs o carro em andamento e Della abriu o bloco de notas.

Peavis é um «rijo»; agarra-se aos negócios com ambas as mãos; entrou para o negócio de flores em 1923. Antes disso esteve metido no contrabando de álcool. Durante a lei seca teve alguns sarilhos com um tipo chamado

Frank Leclen que tentou suplantá-lo junto de certa clientela. Leclen foi parar ao hospital com duas balas no corpo e não quis falar; declarou à polícia que tentara suicidar-se; Peavis pediu que o deixassem vê-lo, e contratou um médico e uma enfermeira privativos; Leclen actua agora sob o nome de Sindler Coll.

Esther Dimeyer: vinte e três anos; anima os clientes a beber no cabaret e a jogar na casa de jogo anexa; tem uma história dos diabos; foi expulsa da Companhia de Bombons Rockaway por insubordinação e violação dos regulamentos; parece que comia mais bombons do que o salário lhe permitia; trabalhou para uma fábrica de camisas; a mulher do patrão mostrou-se ciumenta; então conheceu Irma Radine que trabalha no «Corno Dourado»; Irma trabalhara na Companhia de Bombons Rockaway, com Esther; Irma apresentou-a a Lynk, este gostou dela e Esther começou a trabalhar à base de percentagem;

182

Coll começou a tratá-la amigavelmente há coisa de uns três meses; ela interessou-se por ele seriamente; ultimamente

Coll arrefeceu; julga-se que encontrou nova chama, mas tem sido muito discreto a esse respeito; ninguém parece saber ao certo quem ela é!

«Paul Drake disse que era tudo quanto conseguira saber até à data, mas que continuava averiguando. Serviu de alguma coisa, chefe? Quero dizer... foi muito útil? Diabos me levem se o sei!» respondeu Mason.

Uma coisa, porém, se aproveita desde já: Irma Radine conhece-a perfeitamente... Aí está por que razão agiu tão estranhamente quando Tragg a interrogou no «Corno Dourado». Pensa também) que agrada a Coll. Parece que esse cavalheiro é um querido das mulheres... Ver-se-á o que há-de vir!

E Mason reservou a sua atenção para o trânsito.

Quando chegaram à casa de apartamentos onde

Sindler Coll morava, Mason observou:

O melhor é você ficar aqui, Della, e tocar a campainha do apartamento oposto ao de Coll.

Ninguém respondeu.

Alguns minutos depois, Mason tocou à campainha com o indicativo de GERENTE. Um besouro assinalou que a porta fora aberta. Mason entrou, atravessou um átriozinho, virou à esquerda e tocou à porta do apartamento de gerente. Mrs. Farmer abriu a porta e, ao conhecê-lo, sorriu efusivamente. Era evidente ter gasto imenso tempo a arranjar-se ao espelho e a sua figura fortemente cintada e vistosamente vestida tornava-a inteiramente diferente da mulher de carnes flácidas que, na noite anterior se mostrara enfiada num quimono.

Mason mostrou-se surpreendido.

você está *maravilhosa*!

Ela desfez-se num sorriso rasgado.

Oh! É tão simpático!

Mason bateu em prestígio o seu associado Tragg.

Sabe onde está Coll?

183

- Não creio que esteja em casa.

Também eu não. Não responde.

Julgo que não esteve em casa todo o dia. Saiu por volta das nove da manhã.

Sozinho?

Não. Ia um homem qualquer com ele.

Não sabe onde é que ele foi ?

Não.

Gostaria imenso de dar uma vista de olhos pelo apartamento dele propôs Mason. Tem uma chave que sirva?...

Fez a pergunta muito naturalmente e não houve a menor hesitação da parte de Mrs. Farmer.

O apartamento de Coll era um típico exemplo das habitações para solteirões, modernas e dispendiosamente mobiladas. O quarto nada tinha que pudesse reflectir a personalidade do seu ocupante nem nada aí podia induzir aonde Coll teria ido.

Mulher a dias ? perguntou Mason.

Sim. Tem uma mulher a dias,

Evidentemente, não esteve aqui depois que essa mulher limpou o local.

A gerente olhou para o cinzeiro limpo e polido e concordou.

Fuma cigarros?

Creio que sim.

Mason notou um telefone numa prateleirinha junto da porta e observou o número: Southbrook 2-4304.

A gerente dava agora sinais de aperceber-se de que a

situação se tornaria embaraçosa caso Coll aparecesse e apressou-se a pôr fim à sua cooperação.

Espero disse, apressadamente que só queira dar uma vista de olhos. Não é sua intenção mexer em nada, não é verdade ?

Oh! Não sossegou-a Mason. Certamente que não. Pensei apenas que talvez lhe tivesse acontecido alguma coisa.

184

Compreendo.

Ela teimou em manter a porta aberta, significando que já tinham estado tempo suficiente nesse apartamento.

Mason saiu para o corredor. Ela fechou a porta e disse:

Suponho que não será necessário mencionar esta visita a Mr. Coll. Ele seria capaz de não gostar.

Escusa de a mencionar seja a quem for porque eu não o farei assegurou o advogado.

No átrio agradeceu-lhe novamente e declarou:

Preciso de fazer uma chamada.

Dirigiu-se ao telefone e dedilhou o número da Agência de Detectives Drake. Paul saíra, mas a telefonista estava a par do assunto e informou:

Tenho um número para si, Mr. Mason.

Qual é?

O telefone registado em nome de Esther Dilmeyer.

pertence aos apartamentos Molay Arms.

Mason assobiou baixinho e exclamou:

Okay! Obrigado.

Desligou e telefonou em seguida para o consultório do dr. Willmont.

Como vai a paciente, doutor ? inquiriu.

Qual delas ? A do coração ? Não a vejo desde esta manhã. Não sabia...

Não é essa. A que ingeriu os bombons envenenados, Esther Dilmeyer.

Mantém-se no hospital.

Está certo disso?

Sim.

Não poderia ter saído sem seu conhecimento?

De maneira nenhuma.

você não gostaria que alguém se escapasse daí estando sob sua responsabilidade...

Não há a menor possibilidade...

Talvez fosse conveniente verificar se ainda aí está!

O dr. Willmont declarou terminantemente:

185

Não é preciso. Está cá de certeza. Responsabilizo-me por isso.

Ela podia ter-se escapado, astuciosamente.

Não tinha a menor probabilidade. vou até lá mal

acabe as consultas. Pode telefonar-me então, se quiser.

A que horas, mais ou menos ?

Dentro de um minuto respondeu o dr. Willmont.

vou ver quantos doentes estão ainda no> consultório...

Enfermeira. . Quantos estão aí?... Dois... Está lá,

Mason?... Cerca de quinze ou vinte minutos.

Mason anuiu:

Muito bem, doutor... vou lá ter consigo.

Desligou e reuniu-se a Della Street dentro do carro.

Tome nota da direcção deste número.

Qual é?

Esther Dilmeyer Apartamento Molay Arms.

Porquê ? Pensei que Miss Dilmeyer estivesse inconsciente. ...

Está disse Mason. Tem estado a dormir até agora. Pelo menos é o que diz o dr. Willmont.

Então que quer isso dizer ?
 Quer dizer esclareceu Mason que eu também
 tenho estado a dormir desde então.
 Não percebo!
 Sabemos que Bob Lawley andou a rondar por aí
 explicou Mason. Sabemos que andou envolvido num
 caso de acidente automobilístico e que Esther Dilmeyer
 estava com ele. Ela era empregada num *cabaret*, trabalhava
 com Lynk e com Sindler Coll e estes, por sua vez,
 trabalhavam para Peavis. Há muito dinheiro metido nisto.
 Certamente que ela não devia andar muito afastada de
 Bob Lawley.
 Quer dizer que ele devia ter uma chave do apartamento
 dela?
 Certamente que tinha e quando percebeu que estava
 metido num sarilho *deve ter ido ao apartamento dela*,.
 Era a coisa mais lógica que se lhe depararia. E exacta-
 186
 mente o tipo de homem que sente necessidade de que
 uma mulher o anime e o conforto e lhe diga que tudo vai
 bem e seja capaz de sacrificar-se por ele.
 Na verdade considerou Della Street meditativamente
 tudo quanto tem feito leva a crer que é um
 homem desse género.
 Bem, continuou Mason quando chegou ao apartamento
 de Esther, esta não estava lá! Resolveu instalar-se.
 Telefonou para o jornal, encomendou o anúncio
 e endereçou-o ao número do telefone da rapariga. Então
 sentou-se e esperou. Carlotta tendo violado as minhas
 instruções, arranhou um jornal, leu-o e descobriu o anúncio.
 Ela e o marido já deviam ter combinada qualquer
 coisa desse género. Em caso de emergência deveriam
 comunicar um com o outro por esse meio. Há muita
 !> gente que o faz. com toda a certeza que Carlotta leu
 o anúncio e, de qualquer maneira, marcou esse número
 | e falou com Bob.
 < E que fez ele?
 Saiu e foi buscá-la.
 E depois que aconteceu ?
 Mason mudou o ângulo de visão.
 Aí é que está o gato! Vamos ver o que podemos
 descobrir.
 Guiou o carro até aos Apartamentos Molay Arms, tocou,
 sem resultado, a campainha do apartamento de Esther
 Dilmeyer e acabou por chamar a gerente.
 Lembra-se de mim ? começou. Estive aqui na
 noite passada por causa do envenenamento...
 Oh! Muito bem! respondeu ela sorrindo.
 Preciso de ir buscar umas coisas ao apartamento
 de Miss Dimeyer e levar-lhas para o hospital. Podia
 fazer o favor de emprestar-me a chave?...
 Posso emprestar-lha, anuiu a mulher mas, se
 não se importa, subirei consigo, enquanto o senhor escolhe
 o que entender.
 187
 Mason, *sem* lhe deixar perceber a menor mudança na
 voz, concordou:
 Esplêndido!
 Subiram as escadas e Mason esgueirou-se ao longo
 da parede de forma que, ao abrir-se a porta, foi o primeiro
 a entrar no quarto.
 Não estava lá ninguém.
 Que queria daqui ? perguntou a gerente.
 Mason respondeu:
 Uma camisa de noite, as chinelas e alguns objectos
 de *toilette*. Não sei nada dessas coisas mas estou convencido

de que serei capaz de descobri-las.

Oh! Terei muito *gosta* em ajudá-lo! Creio que há um armário na casa de banho. Ora, cá está! Se quiser pode sentar-se que eu vou passando-lhe as coisas. Como vai ela?

A senhora é muito amável. Ela sente-se muito melhor.

Mason examinou o apartamento. A polícia retirara alguns objectos, tais como o telefone, a mesa, e algumas maçanetas das portas, com o fim de colher impressões digitais, porém, os cinzeiros estavam cheios de pontas de cigarros. Mason não conseguia perceber por que razão, a polícia, tendo levado vários objectos a fim de procurar provas materiais, desprezara aquelas pontas de cigarros, a não ser que estas ali tivessem sido deixadas posteriormente. Como a gerente estivesse ocupada a revolver o armário, Mason estudou detalhadamente essas pontas. três eram de uma marca conhecida e uma delas apresentava vestígios de carmim para os lábios. As outras duas não o tinham. Ao todo, só quatro cigarros consumidos estavam marcados por *baton*. Havia quinze pontas de uma segunda marca e vinte e duas de uma terceira. Estas tinham sido evidentemente fumadas por pessoas nervosas, visto que muitas delas tinham sido esmagadas, ao apa-

188
garem-nas, embora ainda tivessem o comprimento de meio cigarro.

É preciso mais alguma coisa ?perguntou a gerente.

Não, obrigado. Nada mais. Não sabe se já cá esteve hoje alguém?

Hoje? Creio que não. Pelo menos ninguém me disse nada.

E a polícia?

Não. Acabaram ontem à noite.

E a mulher a dias ?

Só vem uma vez por semana. Toma conta do apartamento dela e só aqui vem fazer regularmente a limpeza semanal.

Quando é que volta?

Não virá antes de sábado.

Muito obrigado 'agradeceu Mason. Não deixarei de informar Miss Dilmeyer, como me foi útil.

Saiu do apartamento carregando com uma mala que instalou no carro.

Bem disse para Della Street. Creio que vou até ao hospital.

Faltavam vinte minutos para as cinco quando lá chegou.

O dr. Willmont já chegara.

A paciente ainda cá está ?

A paciente respondeu o dr. Willmont, batendo as sílabas ainda cá está! Passeou um bocado, há coisa de quarenta minutos e embora se encontre ainda um pouco entontecida, o seu espírito vai-se desanuviando a pouco e pouco.

A polícia sabe isso ?

Ainda não.

Julgo que devem ter deixado instruções no sentido de os mandarem avisar logo que...

Deixaram, sim e eu determinei que qualquer informação sobre o estado da paciente só a mim poderia ser dada e que nenhum visitante poderia falar-lhe sem minha

189
autorização. Como sabe, num hospital, quem manda é o médico.

Isso melhora a situação disse Mason. Causaria algum transtorno se eu falasse com a doente antes da

polícia chegar?

Causaria um transtorno dos diabos! exclamou o dr. Willmont, impressionado. Sabe isso tão bem como eu. Eu ficaria metido num sarilho e deixaria o hospital mal colocado. Até certos limites, posso contrariar as instruções da polícia, mas só quando tomo inteira responsabilidade e está em jogo a saúde do paciente.

Mason sorriu.

Compreendo a sua situação, doutor e aprecio o seu respeito pela ética profissional. Conhece a mecânica do hospital e eu não. Como poderei ver Esther Dilmeyer, sem lhe causar complicações?

Tê-lo-ia que fazer sem o meu conhecimento respondeu o dr. Willmont prontamente.

E sem o conhecimento da enfermeira encarregada ?

Exactamente.

E, segundo depreendi, há instruções terminantes para que isso não possa suceder?

E; absolutamente exacto.

Mason acendeu um cigarro e o dr. Willmont anunciou:

vou chamar a enfermeira encarregada dessa doente do quarto 39 aqui ao gabinete para que me mostre a escala de temperaturas e enviá-la-ei, de seguida, ao dispensário a fim de mandar preparar novo medicamento.

Essa preparação levará alguns minutos. Lamento muito não poder consentir que entreviste a paciente, mas é absolutamente impossível. Tenha a bondade de passar. O caminho é este.

Tomou o braço de Mason e escoltou-o até à secretária onde se achava a enfermeira encarregada da recepção e recomendou:

Não são, de forma alguma, permitidas visitas a Miss Dilmeyer, até que a polícia a tenha interrogado

190

e a polícia só poderá fazê-lo quando eu der autorização nesse sentido.

Foi o que eu entendera! confirmou a enfermeira.

O dr. Willmont virou-se para Mason e despediu-se.

Lamento muito, Mr. Mason, mas bem vê como é.

Mason agradeceu:

Obrigado, doutor. Compreendo perfeitamente a sua posição. Agradecia o favor de mandar dizer-me quando poderei visitá-la.

Willmont abanou a cabeça negativamente:

Não tenho nada que informar a esse respeito, meu caro senhor. Estou agindo unicamente como médico. Logo que não haja inconveniente em ver seja quem for, avisarei a polícia. A partir daí, desde o momento que a sua saúde não seja afectada, não terei nada que ver com quem a visite. Isso ficará inteiramente ao critério das autoridades. Muito boa tarde, Mr. Mason.

Boa tarde, doutor respondeu Mason, voltando para trás.

O dr. Willmont caminhou com passos apressados em direcção ao ascensor. Mason passou a porta e deteve-se em frente do telefone. Esperou que a empregada da recepção voltasse as costas e então entrou no ascensor, subiu até ao terceiro andar e localizou o quarto 39. Começou a caminhar lentamente até que viu a enfermeira encarregada de Esther Dilmeyer passar com um cartão onde se via um gráfico preso por uma mola metálica. Só quando esta desapareceu, avançou levemente para a porta elástica e empurrou-a.

Esther Dilmeyer estava sentada na cama, sorvendo café quente. Levantou os olhos para ele e saudou-o:

-Olá!

Como é que se sente ? informou-se Mason, aproximando-se dela e sentando-se aos pés da cama.

Ainda não sei exactamente. Quem é você?

Sou Mason,

191

Perry Mason ?

Sim.

Aposto como já o tinha visto em qualquer lado.

Segundo ouvi dizer, salvou-me a vida.

Fiz quanto pude!

Levou muito tempo a dar comigo?

Deu-me algum trabalho.

Meu Deus! Este café sabe-me bem! Dormi tanto que me vai saber bem estar acordada.

Faz alguma ideia de quem lhe teria mandado os bombons ? inquiriu Mason.

Ela hesitou.

Diga lá incitou Mason.

Bem... eu pensei... Não quero acusar ninguém,

Diga lá!

Bem,... encontrei uma rapariga que me pareceu muito bem lançada... está a perceber?

Era Miss Faulkner?

- Sim, era Miss Faulkner. Dirige as Casas de Flores Faulkner.

Bem sei.

Disse-me que ia mandar-me umas orquídeas que iriam muito bem com o meu vestido e enviou-mas.

E depois?

Eu estava farta daquele negócio e decidira pôr-me a andar. Estava empregada no «Corno Dourado». Eles chamam-nos «hospedeiras», mas bem sabe como é, fazia com que os rapazes gastassem depressa e a casa metia o dinheiro na caixa.

Mason animou-a com um aceno de cabeça.

Fui para casa e, cerca de dez minutos depois, um portador trouxe uma caixa de bombons. Abri-a e achei exactamente o mesmo tipo de cartão que viera com as orquídeas.

A mesma caligrafia ? inquiriu Mason.

Não fiz uma comparação pormenorizada, mas era

192

certamente parecida e pelo menos as iniciais eram as mesmas.

E então o que fez ?

Ela sorriu e confessou:

Os chocolates com recheio são uma das coisas que mais adoro. Sentia-me abatida e resolvi sair.

E depois ?

Comecei a sentir-me esquisita. Pensei primeiro que se tratasse apenas de fadiga, mas como tinha marcado uma entrevista consigo, à uma hora, no seu escritório, não podia deitar-me. Se não fora isso, provavelmente, nunca teria suspeitado do que se passava comigo. Comecei a lutar por manter-me acordada. Só então percebi que não estava simplesmente com sono. Compreendi que me tinham envenenado. Custou-me imenso manter-me acordada o tempo suficiente para falar consigo ao telefone.

Só consigo lembrar-me de ter ainda ouvido a sua voz.

Pareceu-me que estive a falar séculos e séculos.

Mason interrompeu:

Agora, responda-me a uma pergunta muito importante.

Pode alterar imensamente as coisas. Quando estava a falar comigo, ouvi um baque. Soou como se você tivesse caído da cadeira, para o chão.

Não posso ajudá-lo nesse ponto. Não consigo lembrar-me.
Compreendo isso muito bem, mas quando cheguei
ao seu apartamento o telefone estava assente no chão
e o *Auscultador* fora colocado no descanso. Portanto,
posso supor que conseguiu pôr ainda o auscultador no
seu lugar.

Não creio que tivesse sido capaz.
Nesse caso alguém deve ter entrado no seu apartamento
depois que você ficou inconsciente e antes que eu
chegasse.

E ter-me-ia deixado caída no chão, indo-se embora
sem tentar sequer socorrer-me?

Sim.

13-VAMP. G 5

193

Acho isso muito estranho comentou ela e os olhos
tornaram-se-lhe agressivos.

Efectivamente. . mas quem mais possui uma chave
desse apartamento?

Ela respirou profundamente.

Agora apanhou-me na curva, Mr. Mason. Não sou
um anjinho de lata, mas faço a minha vida num clube
nocturno. Quando vou para casa... bem, vou estoirada!
É a única *razão* por que uma rapariga com o meu
emprego pode ainda manter um pouco de respeito por
si mesma. Ninguém no *cabaret* sabe onde fica o meu
apartamento. Irma Radine é uma das minhas melhores
amigas lá no clube, pois nem ela sabe onde moro. Os frequentadores
da casa, ignoram-no.

Está certa disso ?

Absolutamente, positiva e definitivamente certa!

Robert Lawley, por exemplo ?

Robert Lawley repetiu ela com uma careta é
um pobre diabo que não vale nada. É o que os rapazes
costumam chamar «meio esperto». Julga-se um tipo
«batido» e não passa de um «chaladinho».

Como foi que o conheceu ? Peavis pediu-lhe que
entrasse em contacto com ele ou...?

Foi Sindler Coll respondeu Esther.

Deixe estar que é um belo sonso.

Mason tirou da algibeira o lenço que achara junto ao
telefone.

Isto é seu?

Ela examinou-o.

Sim, porquê? Não me diga que andei a largar
lenços em apartamentos masculinos!

Este lenço foi encontrado junto do telefone do
prédio onde mora Sindler Coll.

Ia agora falar-lhe acerca disso respondeu Esther.

Acerca de quê ?

Antes de ir para casa fui até ao apartamento de
Sindler... isto é... tentei lá ir... mas ele veio ter comigo.

194

Disse-me que estava numa conferência de negócios e que
não podia falar comigo; que fosse mais tarde.

Foi logo após ter saído do «Corno Dourado »

Sim.

Conhecia Sindler?

Durante pouco tempo!

Então ?

Eu gostava «a potes» de Sindler. Ele cansou-se de
mim e tentou meter uma outra qualquer no negócio.
Não gostei daquilo!

É natural!

você está a fazer-me uma data de perguntas

peçoais notou ela, acabando o café e Mason pegou-lhe na chávena vazia e poisou-a com o açucareiro sobre a mesa.

Um momento depois, Esther perguntou:

Que disse Sindler a meu respeito ?

Nada.

Ela examinou as unhas.

Está certo disso?

Porquê? Sim, certamente. Que podia ele dizer?

Oh! Bem sabe que um homem pode às vezes mudar de máscara. Pensei que talvez fizesse algumas considerações sobre o veneno.

Não. Mostrou-se muito amável.

E então o que fez?

Ela comentou azedamente:

«Numa conferência de negócios»! Tinha o cabelo despenteado, a gravata puxada para um lado e vestígios de *baton* na boca.

E você o que fez?

Desci as escadas imediatamente. Tentei telefonar a Miss Faulkner. Estava resolvida a contar-lhe tudo o que sabia de Bob Lawley. Queria dizer-lhe que ia ter consigo ao escritório e pôr tudo em pratos limpos... ou fazer o que ela quisesse.

Conseguiu falar-lhe ?

195

Não. Ninguém respondeu, nem de casa, nem da loja.

E então?

Então desisti de telefonar-lhe e fui para casa. Chegou o portador com os bombons e... já sabe o resto.

Mason advertiu:

Seria muito útil que você se esquecesse de que falou comigo. Ninguém sabe que a visitei e você não está autorizada a receber visitas. A polícia é muito esquisita com coisas dessas.

Ora, essas bestas! classificou agressivamente.

Não se apoquente com eles!

Vai contar-lhes a sua história tal como ma contou ?

Ela riu.

Não seja tolo. Não lhes vou contar coisa alguma.

Não alinhio com a polícia. Cá me arranjarei à minha maneira.

Mason aconselhou:

Tire essas ideias da cabeça, acerca de Miss Faulkner.

Ela precisa de si como testemunha. Se você tivesse sido envenenada e tivesse morrido, ela perderia muito com isso. Os seus bombons foram-lhe enviados por qualquer outra pessoa.

Okay, Mr. Mason. Se assim o diz, é porque é!

Mason elogiou:

Menina bonita! Desejo-lhe que se cure depressa.

Ao diabo com a cura! Já estou completamente curada. vou fazer um barulho dos diabos, se não me deixam sair.

Mason riu.

Pode falar com o dr. Willmont acerca disso.

Quem é ele ?

É o médico que lhe arranjei.

Os olhos dela tornaram-se subitamente desconfiados.

Fitou-o e olhou em volta, as paredes do quarto.

Diga-me cá: pediu eu não podia pagar um quarto particular no hospital. Devo estar sob prisão!

Mason sossegou-a:

196

O quarto e o médico são por minha conta.

você é um tipo catita! Talvez ainda possa ajudá-lo

em qualquer coisa.

Quem sabe ? disse Mason e saiu na ponta dos pés. Sentado no carro, Mason abriu o jornal da tarde e leu a secção: CASAS PARA ALUGAR MOBILADAS. Anotou cinco que não ficavam muito afastadas dos Apartamentos Molay Arms. Em seguida, de uma cabina telefónica começou a ligar para os números referentes a esses endereços e pediu informações acerca da renda, das divisões, etc. Quando ligou para o terceiro número, uma voz de mulher respondeu secamente que a casa fora alugada nessa mesma tarde e a ligação foi cortada sem cerimónia. Mason passou pelo escritório para buscar Della Street. Quer dar uma volta ? convidou.

Sim. Aonde?

Ver uma casa mobilada.

E ver mais quem ?

Carlotta Lawley, talvez!

Porquê, talvez?

Porque o tenente Tragg tem tido as facilidades da polícia a trabalhar para ele. A minha única possibilidade está a tentar em sorte. Não posso competir com a sua organização quando se trata de seguir uma pista fria. Tenho que tirar conclusões rápidas e tomar imediatas decisões.

E pensa que ele já o bateu ?

Se não chegou primeiro, a culpa é dele!

Della sentou-se-lhe ao lado, no carro, e não fez perguntas até chegarem ao bangalô mobilado, que viera anunciado para alugar.

Uma ambulância acabava de afastar-se da porta de entrada e, à frente dela, num carro fechado da polícia, estava o tenente Tragg, acelerando o andamento. Iam dois homens sentados, no banco de trás. A maneira como seguiam unidos, indicava que um deles ia manietado ao outro.

197

Mason já não parou no bangalô. Continuou a andar em frente.

E agora, para onde vamos ? inquiriu Della Street.

Para a esquadra ?

Não! respondeu Mason. Jantar!

Não vai tentar soltá-la?

Mason agitou a cabeça negativamente.

Quanto mais coisas eu agora faça, pior é! Estou puxando para um lado e o tenente Tragg para o outro, com Mrs. Lawley no meio...

Mas, Chefe... não pode impedi-la de falar?

Acerca de quê ?

Oh!... Da sua correlação com .. Bem... talvez o que ela lhe contou, a si... ou...

Evidentemente retorquiu Mason, com secura você não notou a expressão do tenente Tragg quando passou por nós!

CAPITULO XIII

O juiz Grosbeck, que convocara o tribunal, olhou por cima dos óculos para Perry Mason.

Peavis *versus* as Casas de Flores Faulkner disse ele. Ordem para apresentar o pleito. Frank Labley da Labley & Cutten, na acusação. Perry Mason, na defesa. Frank Labley respondeu prontamente:

Pronta a acusação e lançou um olhar para o sítio onde Perry Mason estava sentado.

E pronta a defesa anunciou este.

Labley mostrou-se surpreendido.

Quer dizer que está pronto para proceder à discussão do caso sem uma consulta prévia?

Exactamente.

A informação o juiz Grosbeck dirigiu-se a Mason foi um tanto lacónica. Como advogado é-lhe permitido solicitar um prazo de adiamento.

Obrigado, Sr. dr. juiz. Estou pronto.

198

Labley levantou-se, lentamente.

Sr. dr. juiz, isto é para mim uma verdadeira surpresa. é quase uma questão de rotina, quando a informação dada à defesa é tão lacónica, esta pedir um adiamento para estudo dos autos...

Mason parecia completamente desinteressado.

O juiz Grosbeck observou, severamente:

Contudo, advogado, este é o prazo prescrito para apresentação da acção judicial. é permitido à defesa solicitar um adiamento, mas não à acusação.

Compreendo, sr. dr. juiz, mas... bem... Muito bem, farei o possível.

Foram prestadas algumas declarações sob juramento ? perguntou o juiz a Mason.

Não, sr. dr. juiz. Desejo interrogar algumas testemunhas.

Quanto tempo levará a examinar essas testemunhas?

Pouco tempo.

O tribunal preferiria que o assunto fosse submetido a declarações sob juramento e citação de autoridades.

Atendendo ao pouco tempo que me foi concedido, sr. dr. juiz, foi-me impossível conseguir declarações sob juramento.

Conceder-lhe-ei um prazo que lhe permita preparar declarações sob juramento.

Mas não me interessa um adiamento, a menos que o conselho estipule que a intimação deva, entretanto, ser invalidada.

Frank Labley levantou-se num salto, denunciando indignação. O juiz Grosbeck fez-lhe sinal que se sentasse na sua cadeira, sorriu e disse:

Muito bem, Mr. Mason. O tribunal ouvirá as suas testemunhas.

Labley declarou:

Restringir-me-ei aos quesitos acusatórios, embora me reserve o direito de contra-interrogar as testemunhas

199

e recusar aquelas que por sua relação com a parte arguida não reúnam condições de validade.

Muito bem! Queira começar, Mr. Mason.

Chamo o queixoso Mr. Peavis declarou Mason.

Peavis avançou de cabeça baixa, levantou a mão direita, prestou juramento e tomou lugar no assento das testemunhas, de onde olhava para Mason com uma hostilidade calma.

É queixoso nesta acção, Mr. Peavis, não é assim?

Um momento interrompeu Labley, pondo-se de pé num salto antes que Peavis pudesse responder à pergunta.

Antes de serem satisfeitas quaisquer perguntas, julgo-me autorizado a saber se Mr. Mason apresentou ao tribunal o certificado do lote de acções constante da intimação *duces-tecum*.

Mason inclinou-se e declarou:

Tenho-o aqui.

Esse mesmo certificado ? inquiriu Labley, com espanto.

Sim.

Labley sentou-se, parecendo um tanto confuso.

Um oficial à paisana, estendido na última fila de cadeiras, endireitou-se subitamente, levantou-se e saiu da sala do tribunal.

O juiz Grosbeck fitou Mason, num silêncio pensativo.

Responda à pergunta ordenou Mason a Peavis.

Sim, sou.

Durante algum tempo procurou comprar uma participação nas Casas de Flores Faulkner, não é verdade?

E.

Sabia que algumas dessas acções estavam em nome de Carlotta Lawley?

Poupemos "tempo, Mr. Mason disse Peavis. Eu sou um homem de negócios. Vi que havia uma oportunidade de conseguir a direcção das Casas de Flores Faulkner. Sabia que, pessoalmente, não me venderiam

200

esse lote . Fui ter com Harvey J. Lynk e disse-lhe que lhe pagaria uma certa quantia caso conseguisse obtê-lo.

Mr. Lynk era um jogador?

Não sei nem me interessa. Fiz-lhe uma oferta pelo lote . Ele avisou-me de que o tinha.

Ah! disse Mason, demonstrando o seu interesse no tom com que proferiu a exclamação. Repita-nos a resposta, sr. escrivão.

O estenógrafo do tribunal leu a resposta.

Peavis acrescentou apressadamente:

Isto é, eu disse a Lynk que mo conseguisse.

Agora, aclaremos as coisas disse Mason. Prometeu pagar-lhe um certo preço pelo lote ou disse-lhe que conseguisse obtê-lo para si?

Rejeitado por incompetente, despropositado e inútil.

É contencioso, uma discussão forçada, sobre ninharias. Mason sorriu.

Conduz ao verdadeiro ponto principal da acção, sr. dr. juiz. Se Mr. Peavis contratou Mr. Lynk para lhe conseguir o lote como seu procurador, então, na altura em que o lote entrou na posse de Mr. Lynk, o documento entrava realmente na posse de Mr. Peavis.

Peavis acenou afirmativa e veementemente.

Se, por outro lado, continuou Mason Peavis comunicou simplesmente a Lynk a sua boa vontade em pagar um certo preço pelo lote e Lynk se apossou desse lote e lhe foi subtraído antes de ter tido oportunidade de vendê-lo a Mr. Peavis, então, Peavis não tinha sobre ele qualquer direito. Ele esperava comprar o lote . Não tinha ainda qualquer interesse nele investido.

Isso considerou o juiz Grosbeck é absolutamente legal.

Responderei com muito prazer a essa pergunta declarou Peavis. Contratei Mr. Lynk como meu procurador para conseguir o lote .

Deu-lhe algum dinheiro?

201

Bem, não. Mas ele sabia que o dinheiro ser-lhe-ia entregue logo que tivesse razão para pedi-lo.

Quer dizer, logo que tivesse o lote ?

Bem... Peavis olhou de esguelha para o seu advogado e, depois desviou apressadamente o olhar.

Não pode responder a esta pergunta ? inquiriu Mason.

Não respondeu Peavis o lote nada tinha a ver com o pagamento de dinheiro. Eu contratei-o para conseguir o lote . Era meu procurador.

E como entrou em contacto com Mr. Lynk ?

Rejeitado interveio Labley, prontamente por incompetente, despropositado e desnecessário. Não faz qualquer diferença o modo por que o queixoso travou conhecimento com Mr. Lynk. A questão é que o travou.

Certamente observou o juiz Grosbeck esse

homem é uma parte interessada, uma testemunha hostil, um...

Se o tribunal mo permitir interrompeu Mason mantereí de boa vontade a pergunta em suspenso. Não desejo ocupar indevidamente o tempo do tribunal. Permitirei que Mr. Peavis volte para o seu lugar e chamarei outra testemunha.

Se o depoimento seguinte me impuser a necessidade de examinar Mr. Peavis sobre este ponto, creio que o tribunal apreciará, nesta altura, a pertinência dos factos que se procura esclarecer.

Não consigo ver como podem ser pertinentes insistiu Labley.

Bem, deixaremos essa questão ficar em suspenso como" Mr. Mason sugeriu decidiu o juiz Grosbeck.

Desça, Mr. Peavis indicou Mason. Mr. Coll quer fazer o favor de ir para o banco das testemunhas ? Sindler Coll prestou juramento com manifesta relutância. Instalou-se no assento e mostrou-se muito contrafeito.

Há quanto tempo conhece Mr. Peavis? inquiriu
202

Mason, mal a testemunha acabara de declarar o nome e morada ao escrivão.

Há quase dez anos.

Qual é a sua profissão ?

Sou um caçador de oportunidades.

Que quer dizer com isso ?

Bem, faço especulações. Sempre que vejo uma oportunidade proveitosa, atiro-me a ela.

E Peavis foi ter consigo para recomendar-lhe a obtenção desse lote ?

Foi.

Teve alguma conversa com Peavis acerca de quanto ele estava pronto a pagar e transmitiu esse recado a Mr. Lynk, não é verdade?

É sim, senhor.

Por outras palavras, agiu como intermediário?

Sim, senhor.

Mas, que o senhor saiba, Mr. Peavis nunca se encontrou com Mr. Lynk.

Bem... sim, senhor. Creio que sim.

Ah, sim?

Sim, senhor.

Quando ?

Bem, foi na noite do dia 10.

A noite em que Lynk foi assassinado ?

Bem, ele foi assassinado a outra hora... Creio que foi assassinado à meia-noite do dia 10.

Porque supõe ter sido a essa hora?

Pelo que li nos jornais.

Quando viu Mr. Lynk pela última vez ?

Na tarde do dia 10.

A que horas?

Por volta das três.

Que lhe disse ele?

Disse-me que precisava de falar com Peavis.

E que fez o senhor?

Fui chamar Peavis.

203

O senhor tomou parte na conversa ?

Tomei.

Qual foi o assunto?

Coll agitou-se desajeitadamente na cadeira.

Bem, começou ele Lynk disse a Peavis que podia obter ou que já tinha conseguido esse lote e que Peavis lhe trouxesse o dinheiro se o queria levar.

Que quer dizer com isso ?

Coll corrigiu:

Eu não queria dizer bem isso. Queria apenas dizer que Harvey pretendia que Peavis tivesse o dinheiro à mão.

Por outras palavras, sem o dinheiro, Lynk não tencionava entregar o lote ?

Não sei. Eu...

Em todo o caso, isso é um boato observou Labley.

Mason sacudiu negativamente a cabeça,

Não, advogado, isto requer uma dedução da testemunha.

O juiz Grosbeck sorriu.

Por conseguinte disse Mason, contemplativamente Lynk disse a Peavis que fosse lá com o dinheiro.

Isso mesmo.

Labley pigarreou.

Gostaria de saber se a testemunha percebeu essa pergunta.

Nós vamos ler-lha tranquilizou Mason.

O escrivão leu a pergunta e a resposta e Coll disse precipitadamente:

Não, não. Não foi assim. Eu não queria dizer isso.

Eu não disse que Lynk lhe tinha dito que fosse *lá com* o dinheiro. Isso foi uma palavra que o advogado me pôs debaixo da língua.

Mason sorriu e observou:

Em qualquer caso, Mr. Coll, Lynk queria que Peavis se dirigisse ao Lilac Canyon com o dinheiro, não queria?

204

Devia ser-lhe entregue como compensação pelos serviços prestados ou como preço de compra do lote ?

Eu... bem... eu não sei o que ele queria. Não consigo lembrar-me exactamente do que se *disse*

É tudo anunciou Mason.

Labley perguntou:

No Lilac Canyon, Mr. Coll ?

Coll saltou como se lhe tivessem enterrado um alfinete.

Não, não gritou ele. Eu não queria dizer isso.

Não, certamente que não. Ele não mencionou nada acerca do Lilac Canyon. Ele disse... bem, ele disse que Peavis faria melhor em ter a massa preparada porque o lote estava nas suas mãos.

Mr. Lynk indicou a Mr. Peavis aonde levar-lhe o dinheiro ? inquiriu Labley.

Não, senhor. Não indicou.

Labley hesitou, durante um momento, olhou de soslaio, duvidosamente, para o rosto francamente céptico do juiz Grosbeck e disse:

Nada mais.

O juiz reclinou-se na cadeira e semicerrou os olhos, compreendendo que, feito o preliminar, seria um bom procedimento por parte de Mason agarrar-se a Coll e aturdi-lo com um contra-interrogatório cerrado antes que ele pudesse recobrar a presença de espírito. O juiz, que tencionava dar a Mason completa liberdade, afivelou ao rosto uma expressão de impassibilidade judicial.

Mas Mason surpreendeu toda a gente, declarando:

Nada mais, Mr. Coll.

Coll evitou os olhos de Labley ao sair do assento das testemunhas.

Esther Dilmeyer chamou Mason.

Esta adiantou-se, muito elegante num vestido preto de lâ macia e com um chapelinho também preto e levantou a mão para prestar juramento. A única nota de cor era dada por um alfinete de ouro, junto à garganta

e uma pulseira a condizer enfiada no pulso esquerdo.

205

O juiz Grosbeck observou-a com curiosidade. Labley parecia estar pouco à vontade.

Sr. dr. juiz começou Mason esta mulher acaba de sair do hospital. Tentaram envenená-la e o facto de estar salva...

O tribunal compreende as circunstâncias interrompeu o juiz Grosbeck, olhando para Esther Dilmeyer. Ela declarou o nome e morada ao escrivão e sorriu para Mason.

Miss Dilmeyer, disse este, naturalmente conhece pessoalmente Mr. Peavis?

Sim.

Há já algum tempo ?

Bem, há algumas semanas.

E, foi por instigação dele, que resolveu conhecer pessoalmente Mr. Robert Lawley?

Não.

Não? inquiriu Mason, levantando o sobrolho.

Não, senhor.

Quem lhe deu essa sugestão ?

Labley pôs-se de pé num salto e declarou:

Sr. dr. juiz, isto é incompetente, despropositado e desnecessário!

O juiz Grosbeck fitou Mason com curiosidade.

Gostaria de saber a sua opinião neste ponto, Mr. Mason disse ele.

O porte de Mason era realmente calmo.

E... dr. juiz satisfez ele há duas facetas no dilema que confronta o queixoso desta acção. Ou ele desempenha o papel de comprador intermediário pelo que o facto da morte de Lynk ter ocorrido antes da venda do lote deixa o queixoso sem qualquer direito a sustentar a presente acção judicial, ou justifica a mencionada acção declarando ter Lynk agido como seu procurador, adquirindo o lote para o queixoso. Esta é a única teoria que lhe pode permitir sustentar a presente acção. No próprio instante em que adoptar esta teoria,

206

torna-se responsável por tudo quanto Lynk, *na qualidade de seu procurador*, executou. Nesse caso, em vez de procurar uma solução legal, procurará uma solução justa.

Encontra-se agora num tribunal de justiça. É um axioma que aquele que recorre à justiça deve recorrer com mãos limpas. Se os actos do seu procurador, Lynk, para obter esse lote, foram de natureza a chocar a nossa consciência, se utilizou meios ilegais, por meio de embuste, fraude ou coacção, então o queixoso não está autorizado a uma solução equitativa porque os tribunais de justiça não o deixarão transpor o limiar da porta.

O juiz Grosbeck confirmou com um gesto de cabeça.

Labley levantou-se:

Mas, sr. dr. juiz, isso não me parece que seja a lei.

Não parece, mas é! declarou o juiz Grosbeck com uma decisão calma.

Mas Peavis ignorava o que Lynk estava a fazer.

Se Lynk era seu procurador declarou o juiz Grosbeck era seu dever notificar Peavis de tudo quanto executava. Os seus actos resultavam em benefício de Peavis. Este não pode aceitar os benefícios desses actos e recusar-se a assumir a responsabilidade dos mesmos.

Labley sentou-se devagar, cautelosamente, como se, depois do que acontecera, não o surpreendesse que a cadeira fosse subitamente retirada debaixo de si.

Considero as circunstâncias deste modo, Miss Dilmeyer:

expôs Mason contaram-lhe que Mr. Lawley possuía algumas acções de uma sociedade que Peavis cobiçava. Pediram-lhe, por conseguinte, que se mostrasse gentil para com Lawley e...

Ninguém me disse uma coisa dessas negou ela.

Não? perguntou Mason, erguendo as sobrancelhas. Não.

Como conheceu pessoalmente, Mr. Lawley ?

Disseram-me que travasse conhecimento com ele.

Quem?

207

Mr. Coll afirmou ela.

Labley sorriu triunfantemente.

E Peavis nada tinha a ver com Mr. Coll. Coll não era *seu* procurador disse Labley ao juiz.

Isso observou este, precisa de ser comprovado.

Então, continuou Mason na noite em que Mr. Lynk foi assassinado, ouviu alguma conversa entre Lynk e Coll acerca do lote de acções?

Nessa noite, não. Nessa tarde.

Que disse Mr. Lynk?

Disse que estava na posse do lote e que, se Peavis o queria, teria de ir ter com ele, antes da meia-noite, com dinheiro na mão, porque não aceitava cheques. Queria 'dinheiro corrente.

Ouviu essa conversa ? perguntou Mason.

Sim, senhor.

Onde foi isso?

No «Corno Dourado».

É um *cabaret*

Sim, senhor.

Foi no «Corno Dourado» que a conversa teve lugar?

No andar de cima... bem, numa habitação que fica por cima.

E foi depois de ter ouvido essa conversa inquiriu

Mason que atentaram contra a sua vida, não é verdade?

Objecto! gritou Labley. Isso é uma tentativa

para predispor o tribunal. É uma insinuação clara de que

o meu cliente recorreu a uma tentativa de assassinio a fim de poder comprar algumas acções de uma sociedade.

O juiz Grosbeck olhou para Mason com uma impassibilidade fria e judicial.

Advogado, perguntou ele, de mau agoiro a sua contestação baseia-se na correlação entre os dois acontecimentos ?

Se o tribunal quiser ser indulgente para comigo,

208

creio que talvez descubramos uma prova um tanto valiosa.

A questão refere-se apenas a um factor de tempo.

O sr. dr. juiz tem, de longe, experiência suficiente para

não ser influenciado por insinuações infundadas. Não

estamos, neste caso, sujeitos à apreciação de um júri.

O juiz Grosbeck concordou com um gesto de cabeça e disse:

Continue.

Responda à pergunta ordenou Mason a Esther Dilmeyer.

Sim respondeu ela em voz muito baixa.

Mas observou Mason o seu modo de comer bombons é um tanto estranho, não acha? Comeu um a seguir ao outro, muito rapidamente, não foi ?

Bem, sim... talvez!

Há quanto tempo tem esse hábito ?

Desde os dezanove anos, quando me empreguei numa fábrica de bombons disse ela, sorrindo.

Aprendeu a comer bombons dessa maneira enquanto

lá esteve empregada?

Sim respondeu ela e riu-se levemente. Ninguém pensaria que as empregadas comessem os bombons em que trabalhavam, mas... eu não gostava do patrão e achava que havia certa embirração...

Compreendo cortou Mason, com um sorriso.

Mas alguém, deve ter reparado na sua propensão para comer os bombons uns atrás dos outros.

Ela hesitou e depois sacudiu negativamente a cabeça.

Tem de falar alto avisou o juiz Grosbeck para que o estenógrafo possa anotar a sua resposta.

Não respondeu ela. Creio que ninguém... oh, talvez alguma das minhas amigas íntimas... Irma Radine, por exemplo.

E Mr. Lawley é um) amigo íntimo ?

Não! respondeu ela rapidamente.

Mr. Coll?

Não!

14 - VAMP. G. 5

209

E o seu tom era vivamente provocador.

Mr. Magard, talvez ?

Mr. Magard é mais um patrão do que um amigo.

Mas ele conhece o seu modo de comer bombons?

Ela hesitou, desagradando-lhe dar uma resposta afirmativa que traria uma verdadeira complicação. O juiz Grosbeck estava agora inclinado sobre a enorme mesa de mogno, olhando para 'a testemunha, estudando-lhe as expressões do rosto. Frank Labley, completamente embaraçado, apreensivo quanto ao modo como o exame da testemunha estava a decorrer, demasiado assustado para tentar parar o interrogatório por meio de objecções, permaneceu sentado na borda da cadeira, inclinado para a frente, virando a cabeça ora da testemunha para Mason, ora deste para aquela.

Responda à pergunta instou Mason.

Mr. Magard sabia que eu trabalhara numa fábrica de bombons.

Como soube ele isso ?

Ao propor-me um salário.

Quer dizer que trabalhava na fábrica de bombons quando Mr. Magard a assalariou para trabalhar no «Corno Dourado» ?

Não. Mas ofereceu-me um salário superior.

E não considera Mr. Magard um amigo íntimo?

Não.

Foi-o alguma vez ?

Bem... bem, depende daquilo a que chama um amigo.

E acerca de Mr. Lawley? Foi-o alguma vez?

Ora, não... oh, penso que não.

Mr. Peavis deu-lhe alguma vez chocolates?

Sim. Várias vezes. É muito gentil.

E viu-a comê-los?

Sim.

Creio, sr. dr. juiz disse Mason que agora pedirei uma suspensão da audiência até amanhã de manhã. Sei,

210

evidentemente, que é um assunto submetido a discricção do tribunal e...

Pela nossa parte, não há qualquer objecção interpôs Labley precipitadamente.

Muito bem concordou o juiz Grosbeck. De acordo com a decisão do conselho, o assunto fica suspenso até às dez horas da manhã.

Durante um momento pareceu que o juiz Grosbeck

queria fazer uma pergunta a Esther Dilmeyer, depois mudou, sem dúvida, de ideias e decidiu continuar no seu papel de impassibilidade judicial. Levantou-se e entrou nos seus aposentos.

Magard percorreu a passagem entre as filas de bancos da sala do tribunal, desde o lugar onde estivera como um espectador interessado e dirigiu-se directamente a Mason. Os seus modos eram truculentos.

Que ideia foi essa protestou de arrastar-me para o assunto dos bombons?

Não o arrastei defendeu-se Mason, levantando-se da mesa do conselho e metendo documentos na pasta.

Limitei-me a fazer perguntas. A testemunha respondeu.

Mas fez essas perguntas de uma maneira estranha.

Mason, sorriu e esclareceu:

É um hábito que tenho, especialmente quando estou a lidar com pessoas que tentam dar-me ordens.

Magard deu um passo em frente. A sua apreciação do advogado era friamente hostil. Devia ser dessa maneira que um carrasco, perito em enforcamentos, observaria um prisioneiro condenado à morte, estudando-lhe a estatura, o peso e os músculos do pescoço.

Então ? perguntou Mason.

Isso não me agrada respondeu Magard e, rodando bruscamente sobre os calcanhares, afastou-se.

Mildreth Faulkner aproximou-se e colocou a mão no braço do advogado.

Provavelmente, não sei avaliar bem os pontos legais, mas parece-me que conseguiu atrapalhá-los.

211

Creio que estou na pista de alguma coisa importante disse Mason. Esteve com Carlotta ?

A animação desapareceu-lhe do rosto. Respondeu que sim com um gesto de cabeça e os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas.

Como está ela ?

Muito mal. Depois de a levarem para o hospital, o médico tomou conta dela. Declarou que, pelo menos, durante quarenta e oito horas não podia receber visitas. Abriu excepção para o meu caso; porque ela chamava constantemente por mim e ele achou que isso fá-la-ia sentir-se melhor. Avisou-me de que não devo falar sobre o assunto.

você falou?

Não exactamente. Mas ela tinha algumas coisas a dizer-me. A princípio, tentei fazê-la calar, mas depois achei que seria melhor para ela, desabafar. Parecia estar preocupada.

com quê, em especial ?

Eles levaram-na a admitir ter-lhe entregue o certificado do lote . Disseram-lhe que o senhor se salvaria se o entregasse à polícia, Mr. Mason. Como pode a polícia ser tão brutal, tão terrivelmente desprovida de escrúpulos?

Eles supõem que estão a tratar com criminosos e os fins justificam os meios.

Ora, isso não é maneira de lutar contra o crime. Eles mentem e lançam mão da brutalidade. Procedendo assim, nunca gozarão do respeito das pessoas. São quase tão maus como os criminosos.

você vê agora as coisas com mais severidade porque isso a feriu de perto... e, no fim de contas, é um caso excepcional comentou Mason.

Vai ser perigoso para Carla. Não sei se vencerá este transe. Parece infinitamente pior do que nunca... e ela já estava a passar tão bem.

212

Bem sei disse Mason, compreensivamente. Era esta mesma situação que eu procurava evitar. -Mas a culpa não é sua. Se ela tivesse seguido as suas instruções, nada teria acontecido. Agora é que ela o compreende.

E não lhes contou mais nada... Só lhes falou no lote ?

Foi só isso, mas com a prova que têm contra ela, é o bastante. Mr. Mason, ela não pode suportar isto... E se a convencessem... Talvez fosse melhor. . melhor se..

Se ela não vencesse o transe ? perguntou Mason.

Mildreth procurou em vão reprimir as lágrimas e respondeu com um gesto afirmativo:

Esta tarde, uma das testemunhas disse uma coisa que me deu uma ideia.

Quer dizer que há uma esperança?

Imensas.

Se Bob fosse simplesmente um homem disse ela e contasse a verdade, podia salvá-la. Se ele admitisse simplesmente ter lá ido e que ela o seguiu... Mas Bob matou-o, e, portanto, não dirá nada que possa pôr em perigo o seu precioso pescoço.

Bob, provavelmente, ignora que ela o seguiu disse Mason.

Ele sabe-o certamente afirmou Mildreth, indignadamente.

Lembre-se de que Bob foi ao Hotel Clearmont ter com Carla. Levou-a no carro e tiveram, uma longa conversa. E sabe que Bob lhe mentiu? Negou firmemente ter alguma vez cedido o lote ou ter ido encontrar-se com Lynk. Pode acreditar-se numa coisa dessas, depois de ela o ter seguido e tê-lo visto com os seus próprios olhos dirigir-se para o Lilac Canyon?

Como explica isso?

Ora, bem sabe como é Bob. Arranja sempre as explicações mais surpreendentes. Diz que antes de ter percorrido dez quarteirões, quando saiu de casa, meteu no carro um amigo. Não quer dizer o nome desse amigo.

213

Diz que o levou à cidade, que esse amigo queria o carro emprestado por uma hora e que Bob saiu do carro e lho emprestou.

Sua irmã acredita isso ?

Certamente que sim. Ela acreditaria o que quer que fosse que ele lhe contasse. Ela até me agonia.

Isso podia ter acontecido ?

Não vejo como. Carla seguiu-o durante todo o tempo. É certo que por vezes ficou separada dele pelo trânsito. Bob foi suficientemente astuto para interrogá-la, primeiramente acerca das vezes em que ela o perdera temporariamente de vista. Depois declarou que essa mudança de condutores ocorrera numa dessas vezes... o grande mentiroso!

Chamou a atenção de Carla para...

Oh, tentei, mas em vão. Bem vi que ela estava muito fraca. Ela contou-me estas coisas porque queria que o senhor as soubesse. Esse tenente Tragg! Se alguma vez eu tiver ocasião de ceder-lhe um bocado dos meus miolos, eu...

Vai ter disse Mason. Aí vem ele.

Ela virou-se para a porta da sala do tribunal, de onde Tragg, que acabara de entrar, sorriu para o advogado. E abriu caminho através de um pequeno grupo aglomerado na passagem entre as filas de bancos, e encaminhou-se rapidamente para eles. O seu sorriso era cordial.

Boa tarde cumprimentou.

Mildreth Faulkner levantou o queixo e virou-se de modo a que o ombro ficasse apontado para ele.

Tragg contemporizou:

Vamos, vamos, Miss Faulkner. Não tome as coisas dessa maneira.

Não gosto de mentiras e detesto aldrabões respondeu Mildreth, friamente.

E! e corou.

Mason apoiou uma mão no braço da rapariga.

214

Acalme-se! aconselhou.

Tragg errou os olhos para Mason.

Sem ressentimentos, Mason ? perguntou.

Sem ressentimentos afirmou o advogado. Posso perder ou ganhar. Mas não posso deixar de sentir-me interessado pela minha cliente.

Quero falar consigo a este respeito disse Tragg.

Diga.

Primeiramente, contudo, tenho um dever desagradável a cumprir.

É natural! criticou Mildreth Faulkner, friamente.

Quer comer a dois carrinhos. Quer estar a bem com as pessoas, mas atraiçoa a sua confiança e...

Calma interrompeu Mason. Ouçamos o que o tenente Tragg tem a dizer.

O rosto de Tragg estava mais sombrio do que habitualmente.

Dirigiu as suas observações inteiramente a Mason, deixando propositadamente Mildreth Faulkner fora da conversa.

Lamento, Mason, mas admitiu, em plena sessão do tribunal, ter o certificado em seu poder. Não tenho outra alternativa senão pedir-lhe que mo entregue e notifico-o também que deverá comparecer perante o Grande Júri.

Porquê ?

Conhece Churchill, não conhece ?

Refere-se a Loring Churchill, o deputado representante do distrito?

É esse.

O que há?

Ele não gosta de si.

Isso é-me indiferente respondeu Mason, prontamente.

Eu também não gosto dele. É uma nulidade académica e egotista. Tem o cérebro de uma enciclopédia e a personalidade de um almanaque do último ano. Tragg riu-se.

Bem, seja como for, mandou-me cá buscar esse certificado.

215

Como soube ele que eu o tinha?

Fomos avisados disso, mal você fez essa declaração ao tribunal. Churchill esperava isso.

Mas você não leva o certificado declarou Mason.

Porque não?

Porque me apresentaram uma intimação ordenando-me que o apresentasse ao tribunal.

Não adopte essa atitude, Mason disse Tragg.

Não lhe trará qualquer proveito.

Porque não?

você está numa embrulhada.

Porquê ?

Porque suprimiu uma prova.

Que prova?

, Esse certificado do lote de acções.

Levantei-me no tribunal e admiti que o possuía. Isso não parece que seja suprimi-lo.

Não devia tê-lo admitido a não ser que lhe tivessem

apresentado uma intimação, e, mesmo nesse caso, não o devia ter admitido sem que eu tivesse levado Mrs. Lawley a admitir ter-lho dado.

Sim interrompeu Mildreth Faulkner deveria ficar muito orgulhoso com isso... um corajoso oficial de polícia.

Ora, Tragg, isso de dever tê-lo admitido ou não é uma questão de opinião.

Pois bem... cá tenho a minha opinião! disse Tragg, cerrando os lábios.

Tem direito a isso disse-lhe Mason.

Tenho também direito ao certificado.

Não, sem que tenha uma ordem do tribunal. Mandaram-me que comparecesse no tribunal como testemunha e que levasse comigo esse certificado. Estou aqui e tenho-o em meu poder.

O juiz Grosbeck compreenderá a situação.

Se a compreender, pode passar um mandato.

Isso levará tempo.

216

Decerto.

E quando eu tiver de cumprir esse mandato, quem me diz que o poderei encontrar?

Não encontrará.

Churchill irá aos arames com isto.

Coitado! Isso é péssimo! gracejou Mason. Suponho que, agora que sei que Loring Churchill não me grama, vou passar uma noite de insônia.

Ouça, Mason, você está num lado da barreira e eu noutro. você põe-me em cheque, joga duro e às vezes bate indecentemente, mas está sempre a lutar. Se entregar o certificado, Churchill, provavelmente, desistirá desse assunto do Grande Júri. Gostaria de vê-lo livre de apuros

Churchill que vá para o diabo!

É a sua última resposta

Não. Se ele soltar Mrs. Lawley dentro de uma hora, entregar-lho-ei. Caso contrário, tê-lo-á quando me der na real gana e o diabo achar conveniente.

Receio que Mrs. Lawley compareça perante os jurados ameaçou Tragg.

De que a acusam?

Crime de homicídio premeditado, em primeiro grau.

Decidiram imputar-lho, não?

Não temos outra alternativa. O marido fez certas declarações condenatórias, francamente prejudiciais...

Prejudiciais para ele ou para ela?

Para ela.

Mildreth Faulkner esqueceu-se da sua animosidade contra Tragg, devido ao choque provocado por aquela informação.

Quer dizer que Bob Lawley disse alguma coisa que tornou a situação mais difícil para Carla ? perguntou ela, incredulamente.

Sim confirmou o tenente Tragg e, depois, apressou-se a acrescentar: - Creio que não esperavam que você

217

o saiba mas... para falar verdade, Mason, não estou muito convencido a esse respeito.

Porque não ?

Bob Lawley parece-me ser um patifório, um canalhote mentiroso e a mulher um pobre diabo obcecado.

Que lhe disse Bob ? inquiriu Mason.

Tragg hesitou.

Ouça, Mason: você raciocina depressa. Geralmente consegue livrar os seus clientes de uma maneira ou outra.

Creio que Churchill me mandaria para o inferno por causa disto, mas...

Bem, continue.

Eu sou um servidor da nação disse Tragg, subitamente.

Sou um dente de uma roda de uma grande máquina. Entro no jogo para obter resultados. Trato com criminosos e tenho uma missão a cumprir.

Para que é esse prelúdio? perguntou Mason.

Porque lamento ter procedido como procedi com Mrs. Lawley. Se eu tivesse compreendido a gravidade do seu estado, não o teria feito. Digo-lho francamente.

Mas fê-lo censurou Mason.

É certo que o fiz e não posso voltar atrás. Ela é tratada precisamente como qualquer outra presa o seria. Simplesmente... trata-se de uma situação que a lei não prevê. Uma mulher que está perigosamente doente. A mínima excitação pode ser-lhe fatal.

Ouçamos o que Bob Lawley declarou propôs Mason em resposta.

Lawley começou Tragg, amargamente parece completamente transtornado com o estado em que se encontra a mulher. Chora e soluça. Deixámo-lo ir vê-la e, quando a viu ajoelhou-se e beijou-lhe a fimbria do roupão.

Continue.

Ora, precisamente antes disso, sucumbira e contara à polícia tudo quanto sabia.

Que sabia ele?

218

Disse que saíra com o carro, dera uma boleia a um amigo e que este lho pedira emprestado. Lawley precisava de fazer um telefonema e por isso virou para Coulter Street. Deixou o amigo seguir com o carro. Declarou que sua mulher o seguia, que o carro se dirigiu para o Lilac Canyon e que a mulher foi atrás do carro até casa de Lynk.

Como é que ele soube isso tudo?

Porque ela lho contou.

E ele declarou isso aos oficiais?

Tragg acenou afirmativamente.

Isso é que foi uma comunicação privilegiada e confidencial! apreciou Mason. Nunca ninguém se lembraria de perguntar-lhe o que a mulher lhe confessara.

Tragg continuou:

A princípio, ele sacudiu os punhos para o tecto, jurando que jamais divulgaria o que ela lhe contara. Dez minutos depois, soluçava e cuspiu tudo quanto sabia.

Decerto observou Mildreth Faulkner, amargamente,

você sabe o que ele está a fazer, não sabe, Tragg? \ inquiriu Mason.

Tentando salvar a própria pele respondeu aquele.

Não. Não é bem isso!

Que é, então?

Imagine. A mulher está numa situação precária.

A excitação é-lhe prejudicial. A tensão e a inquietação, ainda piores. Os seus efeitos não são muito espectaculares mas tornam-se fatais com o correr do tempo.

Aonde quer chegar?

Quem é o único beneficiário do seu testamento?

Bob. Quem é o beneficiário do seu seguro de vida? Bob.

Quem herdaria a sua propriedade? Bob.

Tragg juntou as sobrancelhas ao franzir o sobrolho.

você quer dizer, Mason, que ele premeditou matar a própria mulher?

Porque não? Muitos outros têm matado as suas.

219

Não é um caso inédito nos anais do crime e este caso é um perfeito atentado. Tudo quanto lhe basta fazer é aqular essa vossa matilha e quando o coração dela deixar de pulsar, vocês serão os únicos responsáveis... gratuitos. Ele ficar-se-á a rir e a arrecadar o lucro! você não o vê com bons olhos.

Certamente que não!

Em que se baseia para fazer tais insinuações?

Não são insinuações contrariou Mason. São acusações. Exponho-lhe o que se passa!

A polícia não a apoquento de modo a que haja... bem, complicações fatais.

Ai não ? gritou Mason. vocês já quase o fizeram.

Não lhe causámos qualquer mal.

Não se faça criança. Ela já tinha melhorado e, depois...

Eu não sou responsável pela excitação ocasional que a levou ao crime.

Ela não cometeu o crime. Mas é certo que sofreu uma forte excitação. Esta provocou-lhe uma recaída. Fi-la examinar, ontem de manhã, por um médico competente.

vocês não ousam permitir-lhe que a examine agora e que declare a sua opinião sobre o que aconteceu, nas últimas vinte e quatro horas.

Tragg respondeu com evidente irritação:

Nós não somos responsáveis pelo que possa acontecer.

vocês são responsáveis pela parte que vos cabe e veja Loring Churchill. Esse presumido, esse insecto intelectual, esse basbaque pedante levá-la-á à morte. Deixem Bob dar-lhe algumas informações frescas e vê-lo-ão

a andar para trás e para diante, no quarto de Mrs. Lawley, no hospital, até fazer uma ranhura no chão.

Além disso que mais contou Bob ? perguntou Mildreth Faulkner.

220

Pouca coisa satisfaz Tragg. O que ele disse foi mais uma tentativa de justificação, para não ser implicado, do que uma acusação directa.

Não seja asno, Tragg apelou Mason. Use os miolos. Porque teria Mrs. Lawley assassinado Lynk?

Por causa do certificado.

Ora! Bob pode tê-lo matado por isso, mas ela não.

Teria preferido saber quanto dinheiro Lynk exigia e ter-lho-ia pago a pronto. Teria dado uma reprimenda a Bob, tê-lo-ia ouvido chorar e soluçar, tê-lo-ia visto, em seguida, alisar o cabelo, pôr uma bonita gravata e acabaria por dar-lhe mais algum dinheiro para apostar nas corridas. Tragg ficou silencioso durante vários segundos, com a testa enrugada numa carranca terrível. Subitamente, ergueu os olhos para Mason e disse:

Tem razão, Mason, ganhou.

O quê ?

Vou fazer jogo consigo. Raios me partam, mas esse Bob Lawley nunca me convenceu. Creio que é um mentiroso e um canalha. Houve momentos em que me persuadi de que ambos estavam culpados.

É um trapaceiro astuto e iludiu completamente Loring Churchill. Eu sugeri a Churchill que devíamos apertar um pouco esse indivíduo, mas Loring não quis ouvir-me. Escolheu Mrs. Lawley para presa e neste momento está tão ocupado a construir a acusação contra ela que não atenderá a nada que não venha comprovar a sua culpabilidade. Não gosto disto.

Quer vir dar uma volta de carro ? convidou Mason.

Sim.
E você ? perguntou Mason a Mildreth Faulkner.
Ela aquiesceu com um sinal de cabeça.

Mason sugeriu a Della Street:
Faria melhor em vir daí, Della.
Onde vamos ? perguntou Tragg.

221
Esbocei uma teoria acerca deste caso que requer
um certo raciocínio e algumas perguntas.

Fez as perguntas?
Sim.
E que tal foram as respostas?
Estou terrivelmente certo de que tenho razão
declarou Mason.

Porque não me expõe desde já a sua teoria?
Mason sacudiu a cabeça negativamente.

Porquê ?
Porque o fruto ainda não está maduro. Não se
pode colher. Não temos qualquer prova contra a pessoa
culpada. Tudo quanto possuímos são certas indicações
com que podemos alicerçar uma teoria cheia de lógica.
«Neste momento já o conheço, Tragg. você detesta
navegar em meias águas. Escutará o que tenho a dizer,
ponderará os factos e dirá: «Meu Deus, Mason, não há
dúvida, que parece ser assim, mas não deitemos foguetes
antes de dispormos de mais alguma prova. Vamos estudar
o caso e elaborar um processo perfeito».

Bem contestou Tragg que mal há nisso ? você
não quer com certeza pôr os pés em ramo verde... pelo
menos neste negócio.

Mason respondeu:
O inconveniente é vocês conservarem Mrs. Lawley
presa. Dar-lhe-ão a entender que há uma acusação pendente
sobre ela. Deixarão Loring Churchill entrar e sair
do seu quarto, até que fique reduzida a uma sombra.
Suspirará mais fundo e o seu coração estalará. Temos
de agir! Vamos salvá-la esta noite. Vamos tirar-lhe esse
peso do espírito.

Tenho a impressão de que vai jogar uma cartada
perigosa!

Está jogada!
Não a aprovo!
Já esperava que a não aprovasse!

222
Tragg acrescentou, tristemente:
Bem, se me apresenta as coisas dessa maneira,
não terei outro remédio senão acompanhá-lo.
Vamos a isto! incitou Mason.

CAPITULO XIV

Tragg parou o carro diante dos Apartamentos Molay
Arms.

Toco à campainha ? perguntou Mason.
Mason abriu a porta da retaguarda e ajudou Mildreth
Faulkner e Della Street a saírem do carro.
É melhor tocar para a gerente.

Tragg lembrou:
Talvez eu possa resolver a dificuldade. Esta gazua
deve servir.
Tirou da algibeira um molho de chaves, escolheu uma,
experimentou-a, sacudiu a cabeça, experimentou outra
e a fechadura cedeu.

Os fechos destas portas da rua são principalmente
ornamentais explicou Tragg, enquanto atravessavam
o átrio. Que pretende, exactamente, de Esther Dilmeyer,
Mason?
Fazer-lhe algumas perguntas.

Ouçã lá: se você está na pista de qualquer coisa verdadeiramente séria, Churchill deveria estar presente.

Isso ser-me-ia completamente indiferente.

você está tramando qualquer coisa ?

Hum... hum.

Okay. vou deixar correr as coisas durante algum tempo e verei até onde você quer chegar.

Percorreram a fina passadeira do terceiro corredor.

Escoava-se luz através da bandeira da porta de Esther Dilmeyer.

Mason, em voz baixa, pediu a Mildreth Faulkner:

223

Bata à porta. Quando ela perguntar quem é, responda-lhe.

E depois?

Creio que bastará! Se ela perguntar o que pretende, diga-lhe que precisa de falar-lhe durante um minuto, acerca de uma coisa que aconteceu hoje.

Tragg fez uma última tentativa.

Ouçã, Mason, se puser as suas cartas na mesa e nos disser o que sabe, o departamento...

Continuaria na mesma até obter provas disse

Mason e, entretanto, a *minha* cliente morreria.

Mildreth bateu levemente à porta.

Quem é ? perguntou Esther Dilmeyer.

Mildreth Faulkner.

Ah, é você...

Através da porta distinguia-se o som de passos em chinelas, sobre o sobrado, o barulho de um fecho e Esther Dilmeyer, apenas em roupa de baixo, abriu a porta para dizer:

Precisava de vê-la...

Calou-se quando viu o grupo no corredor; depois riu-se.

Oh, desculpem isto! Porque não me disse que também vinham homens ? É só um minuto.

Desapareceu no apartamento, pegou num roupão

abandonado nas costas de uma cadeira, enfiou-o e convidou:

Entrem. Devia ter-me prevenido de que não vinha só, Miss Faulkner.

Mason adiantou-se e perguntou:

Conhece o tenente Tragg ?

Oh, sim. Vi-o, antes de sair do hospital. Não quiseram deixar-me sair sem licença da polícia.

Fez-se uma pausa incómoda. Tragg olhou para Mason e este disse, abruptamente:

Miss Dilmeyer, creio que corre algum perigo.

Eu... corro perigo?

224

Sim. De assassinio... por isso, é melhor não ir depor amanhã.

Porque pensa isso?

Não se esqueça que já houve uma tentativa de assassinio contra si. Quem quer que o tenha tentado está agora tão ansioso por mandá-la desta para melhor como o estava há dois dias.

Ela riu-se.

Para dizer-lhe a verdade, ainda não tinha pensado nisso.

Se alguma pessoa desejava matá-la há quarenta e oito horas, nada ocorreu nesse intervalo que a tivesse feito mudar de ideias, observou Mason.

Esther bateu um cigarro no braço de uma poltrona e disse:

Provavelmente, está mais a par desse assunto do que eu.

. Talvez e penso que a pessoa que lhe enviou os bombons

é a mesma que assassinou Harry Lynk.

Ela franziu a testa e comentou:

Ora, não acho isso uma ideia brilhante.

Temos várias pistas a seguir. Não sei se o tenente Tragg lhe falou de todas elas.

Não esclareceu Tragg.

Para começar observou Mason, enquanto Esther Dilmeyer raspava um fósforo e o mantinha no extremo do cigarro o endereço, que figurava no papel de embrulho foi feito na máquina de escrever do gabinete de Mr. Lynk, no «Corno Dourado.

Ela sacudiu o fósforo com um gesto rápido e nervoso.

Os olhos denotavam que aquela declaração a emocionara.

Como diabo é que sabe isso... se ninguém o viu ? perguntou ela.

Há muita gente que ignora que a escrita dactilográfica é muito mais facilmente identificável do que a caligrafia individual esclareceu Mason. Qualquer máquina de escrever que tenha sido utilizada mesmo por 15-VAMP. G. 5

225

pouco tempo tem características distintas. Os tipos desalinham-se.

Um perito pode comparar duas provas de escrita dactilográfica e declarar com segurança se foram obtidas com a mesma máquina.

Não sabia isso confessou Esther Dilmeyer.

Esta é uma continuou Mason. A outra é que o papel foi arranjado no gabinete de Lynk.

Como sabe isso ?

Os papéis variam quanto a contextura, peso, composição química e marca registada. Esta é geralmente uma marca de água impressa directamente no papel.

Que mais ? perguntou ela.

A etiqueta estava pegada com cola. Esta era de composição semelhante a uma que é utilizada no «Corno Dourado» e o mais importante de tudo é que a cola tinha solidificado tão completamente que a polícia pôde concluir que a etiqueta fora aposta, pelo menos vinte e quatro horas antes do embrulho ter sido enviado.

Bem disse ela concluiu que a polícia é muito mais esperta do que sempre pensei que fosse.

É comentou Mason secamente.

Há mais?

Há. Lembre-se que a etiqueta fora preparada para os bombons, quarenta e oito horas antes de estes lhe terem sido enviados. Mas você trabalhou numa fábrica de bombons e sabe alguma coisa acerca do trabalho de rechear bombons com cremes e de acabá-los tão perfeitamente que nada se nota de anormal.

Sim, posso avaliá-lo. Quando se sabe não é um trabalho difícil, mas não é trabalho para um trapalhão.

Agora, lembre-se também do cartão que acompanhava os bombons era o que fora previamente junto a umas orquídeas que lhe enviaram.

Ou era esse ou um duplicado exacto replicou Esther Dilmeyer evitando os olhos de Mildreth Faulkner. Mildreth riu-se.

226

Espero que não pense que fui *eu* quem lhe enviou os bombons com outro cartão.

Esther Dilmeyer não olhou para ela e disse a Perry Mason:

Estou simplesmente a responder as perguntas para que possamos esclarecer o caso.

O sorriso desapareceu dos lábios de Mildreth Faulkner.

Então, pensa que fui *eu* quem lhe enviou os bombons

? inquiriu.

Gosto de viver e deixar viver os outros! retorquiu Esther, virando lentamente o rosto para Mildreth Faulkner. Não quero fazer quaisquer acusações ou insinuações, mas não tenho dúvidas que a caligrafia do cartão era exactamente igual à sua!

Mas, eu nunca...

Calma, Miss Faulkner aconselhou Mason. Desenvolvamos um pouco os factos antes de procurar a pessoa que enviou os bombons. Miss Dilmeyer, quando recebeu esses bombons e viu o cartão que estava dentro, sentiu-se completamente descansada. Não foi assim?

Sim, naturalmente. Tinha conhecido Miss Faulkner, achara-a deveras encantadora e simpática, se bem que tivesse razões para mostrar o contrário, se pensasse.!, bem, compreende, podia até considerar-me responsável por coisas que estavam absolutamente fora do meu domínio.

Compreendo, mas essa possibilidade não lhe ocorreu na altura em que recebeu os bombons?

Não. Achava que ela era uma pessoa muito gentil.

Ia arranjar-me um emprego e eu sentia-me agradecida e... leal.

Vejamos aonde isso nos leva disse Mason. A pessoa que enviou os bombons era alguém que tinha virtualmente acesso a todos os cantos do «Corno Dourado», alguém que podia utilizar a máquina de Mr. Lynk, abrir a gaveta da secretária, tirar alguns dos artigos de escritório de Lynk, usar o frasco da cola, alguém que conhecia alguma coisa acerca do modo como os embrulhos eram

227

entregues pelo serviço de encomendas, durante a hora de movimento; e, por último, alguém que teve possibilidade de pegar no cartão que fora enviado com as orquídeas e de metê-lo nos bombons antes de estes serem entregues ao serviço de encomendas. Tudo ocorreu num Intervalo de menos de trinta minutos. Isso exige uma acção bastante rápida.

A menos que... começou Esther Dilmeyer e, depois, interrompeu-se.

A menos quê?

A menos que tenha sido Miss Faulkner quem enviou os bombons. Se o foi, havia *dois* cartões, e... e... bem, é tudo.

Investiguei cuidadosamente as possibilidades de Miss Faulkner declarou Mason. Teria sido incapaz de mandar os bombons, ainda que o quisesse.

Que quer dizer ?

Por um lado, não tem experiência suficiente no manejo de chocolates para lhes ter inoculado o veneno e por outro lado, não teve qualquer acesso ao «Corno Dourado», quarenta e oito horas antes dos bombons terem sido enviados. Não! Há apenas uma única pessoa que satisfaz a todos os quesitos!

Quem é ? perguntou Esther Dilmeyer.

Você respondeu Mason, calmamente.

Ela soergueu-se na cadeira.

Eu ? Que quer dizer ?...

Quero dizer continuou Mason que você foi a única pessoa que podia ter enviado esses bombons. Enviou-os a si própria.

E depois ingeri uma quantidade de veneno só para ir parar ao hospital ? perguntou ela, sarcasticamente. O tenente Tragg inclinou-se para a frente e começou a dizer alguma coisa a Mason. Este, sem desviar os olhos de Esther Dilmeyer, murmurou: «Cale-se, Tragg» e, depois, continuou:

você não comeu quaisquer bombons envenenados.

228

Ah, não? ripostou ela. Só quis dar um passeio de carro, não foi? Fingi estar adormecida e ludibriei o médico, não foi isso?

Não. você tomou uma dose elevada de veronal, mas não o tomou com os bombons.

Ela mostrou-se irritada.

Ouça, tenho algumas coisas a fazer esta noite. Sei que me salvou a vida e, quanto mais não fosse, pagou a minha conta do hospital. Senti-me grata para consigo, mas o senhor tem macaquinhos no sótão e eu não vou perder a noite inteira aqui sentada a ouvi-lo despejar teorias cá para fora.

Bem vê continuou Mason cada bombom estava metido numa pequena forma de papel castanho plissado e recortado a fim, de envolver o bombom,

E então ? perguntou ela.

Na caixa de chocolates que se encontrava sobre a mesa continuou Mason faltavam vários bombons, mas faltavam também as forminhas de papel e estas não estavam em qualquer parte do quarto. você dificilmente devorou os papéis.

Um rápido tremular espelhou-se-lhe no rosto.

Mason aproveitou-se apressadamente dessa vantagem.

Mas onde você se perdeu foi quando me disse que ao ver o cartão que acompanhava a caixa de bombons com as iniciais «M. F.» se sentiu completamente tranquila.

Se estivesse a dizer a verdade, esse cartão tê-la-ia feito desconfiar, porque ainda não tinham passado trinta minutos, desde que recebera as orquídeas com um cartão idêntico. Repararia até que, no cartão havia dois buracos de alfinete, mostrando como o cartão fora pregado às orquídeas. É inteiramente impossível que não tenha reparado nisso.

você é pímulas! disse ela. Porque havia de mandar-me a mim própria bombons envenenados ?

Porque respondeu Mason você precisava de um álibi.

229

Um álibi para quê ?

Para o assassinio de Lynk.

Ah, por conseguinte, eu matei-o, não é verdade?

Mason acenou afirmativamente com a cabeça.

E, depois, esta tarde desmascarou-se ao 'tentar implicar, no tribunal, demasiados suspeitos... Magard, Peavis, Irma Radine... você sugeriu muito habilmente que numerosas pessoas conheciam as suas propensões para comer bombons.

Como está a ser interessante!

Bem vê, prosseguiu Mason você precisava de um álibi. Ocorreu-lhe que seria um álibi elegante tomar uma dose de remédio que a levasse a um estado de completa inconsciência na altura em que o crime fosse cometido. Por conseguinte enviou-se a si própria os bombons envenenados, despiu o seu vestido de noite, enfiou umas roupas mais utilitárias e menos vistosas e guiou para o Lilac Canyon.

Provavelmente, telefonou a Lynk para se certificar de que ele se achava lá. Depois, parou no caminho para me telefonar. Tinha de telefonar-me suficientemente cedo para conseguir um álibi, mas não tão cedo que me permitisse

localizar o seu apartamento e vir até cá enquanto você estivesse a desempenhar a sua missão assassina.

O melhor lugar que conhecia para me telefonar era o quarto de Sindler Coll. você sabia que havia um telefone

no átrio e que ninguém se encontraria ali para vê-la ou ouvir a conversa.

E *porque* razão *lhe* telefonaria ? perguntou ela.
Por uma razão muito especial, Miss Dilmeyer. Queria ter alguém em cuja palavra a polícia confiasse. Queria arranjar alguém que soubesse alguma coisa a seu respeito, mas que ignorasse onde vivia. Em resumo, queria arranjar alguém que representasse uma boa testemunha, mas que não soubesse onde morava ou como descobri-lo.

Planeara o assassinio e o álibi durante dois ou três
230

dias. Não sabia, porém, como poderia determinar uma hora de modo a poder ser encontrada antes de estar demasiado tempo desmaiada, mas não tão cedo que Interferisse com o seu álibi.

Sabia que eu teria de encontrar Mildreth Faulkner para relacioná-la com o «Corno Dourado». Ainda que assim fosse, você não estava especialmente inquieta, porque, no *cabaret*, ninguém conhecia a sua morada. Sentiu-se razoavelmente segura de que eu não seria capaz de conseguir contactar com Miss Faulkner antes de ela comparecer à consulta marcada para a uma hora da manhã e de que só então Miss Faulkner me daria a pista do «Corno Dourado» e que, mesmo assim, eu levaria bastante tempo a localizar o seu apartamento. Na realidade, quase cheguei cedo demais. Graças a um trabalhozinho de detective, desempenhado pela minha secretária, Miss Street, relacionei-a com o «Corno Dourado» quase imediatamente.

Sarcasticamente, gracejou:

Como *você* é esperto! Quero dizer, *realmente* esperto.

Mason continuou:

você deixou o apartamento de Coll, depois de me ter telefonado. Foi até Lilac Canyon, matou Lynk e, só então, tomou uma forte dose de veronal. Ficou aqui, colocou o telefone no chão, tendo o cuidado de deixar estar o auscultador no descanso para a não localizarem, imediatamente e cedeu aos efeitos da droga que começava a adormecê-la. Entretanto, consegui descobri-la, no momento em que você mergulhara num sono profundo.

Essa é a sua versão ? perguntou ela.

Mason confirmou com um sinal de cabeça.

Então, vá atirar-se ao mar. Suponho que você gostaria de fazer de mim uma bonita condenada de forma a poder tirar da fogueira a sua rica cliente, mas, infelizmente para si, eu não vou nisso. Terá que descobrir uma outra vítima.

231

Fez-se um Intervalo silencioso». O tenente Tragg fitou penetrantemente Esther Dilmeyer e, em seguida, o seu olhar distanciou-se. Pensativo, parecia estudar o tapete.

Bem disse Esther Dilmeyer, depois de decorrido mais de um minuto. Isto o que é? Uma nova espécie de «terceiro grau» ou estamos aqui simplesmente para gozar o cenário?

Estamos à espera retorquiui Mason de que nos fale do crime.

você pode esperar até ao dia do Juízo Final. Não sustenha a respiração até eu começar a falar. vou sair. E agora, rapazes, se me dão licença, quero começar a vestir-me.

Tragg interveio:

você não sai.

Não?

Não.

Porque não?

Porque Mason apresentou uma solução lógica.

Quer dizer que você engoliu essa história?

Ele anuiu com um sinal de cabeça.

você é parvo! exclamou ela e, em seguida, com

um gesto elucidativo. vocês todos.

Fez-se novamente um silêncio que pareceu tornar

Esther Dilmeyer mais nervosa do que quando Perry

Mason a acusara de homicídio.

Meu Deus! exclamou. Não fiquem para aí sentados

a olharem para mim, nesse tom de voz. Co'os diabos.

Isto aqui é o *meu* apartamento. Quero vestir-me.

você não vai sair repetiu Tragg. Pode considerar-se
sob prisão.

Muito bem! Estou presa. Isso não quer dizer que
tenha de ficar, aqui sentada, a olhar para uma data de
basbaques. Além disso, suponho que, desde momento que
estou presa, querem levar-me para algum lado.

Talvez,

Ela entreabriu o robe.

232

Em roupa debaixo, não?

Não. Pode vestir-se.

Enquanto vocês estão de olho arregalado? Não,
obrigada.

Mason acendeu um cigarro.

com mil diabos! Não há ninguém que diga qualquer
coisa? insistiu Esther. Ninguém quer discutir o
assunto ?

Não há nada para discutir sublinhou Mason.

As circunstâncias são conclusivas contra si, no caso dos
bombons envenenados. Se você não matou Lynk, o melhor
que tem a fazer é começar a falar. Deve haver qualquer
circunstância atenuante em seu favor.

Ela retorquiu:

Sei muito bem o que vocês querem. Estão a ver se
me fazem falar. Bem, camarada, já que é tão esperto,
sempre lhe digo qualquer coisa. A Estherzinha conhece
os seus direitos. Vai sentar-se muito caladinha e não vai
responder a nenhuma das vossas danadas perguntas.
Se os «chuis» julgam que têm motivos suficientes para
me enjaularem, podem levar-me à presença de um júri.
Arranjarei um advogado que não seja traidor e então
veremos o que acontece.

O caso é verdadeiramente sério se você o matou
deliberadamente e a sangue-frio declarou Mason
mas se o matou em legítima defesa ou por acidente, você
vai ter que dizê-lo agora mesmo.

Porquê agora ? inquiriu.

Porque se você se cala agora e depois tenta alegar
um acidente ou um homicídio justificável perante o tribunal,
o júri ficará com uma ideia de que está a recitar
uma balela que o seu advogado ensinou.

Ela retorquiu:

Deixe estar que você é uma grande ajuda!

O que vejo é o seguinte: explicou Mason há

uma série de pontos fracos na sua versão. Mais tarde ou

mais cedo a polícia cairá em cima deles. Então será tarde

233

demais para você salvar a pele declarando o que na verdade
aconteceu.

Ah, então é isso! Quais são os pontos fracos?

As forminhas de papel que faltam na caixa de
bombons, os cartões idênticos, o seu lenço, o telefone no
chão com o auscultador no descanso e outras coisas que

a polícia descobrirá.

Que outras coisas ?

Mason sorriu.

Lembre-se do que fez. Não se esqueça que a polícia sabe agora exactamente o que aconteceu. Basta-lhe dar uma vista de olhos para o confirmar.

A voz dela tornou-se provocante.

Está bem. Deixe-a lá dar a vista de olhos.

Entretanto observou Mason. será tarde demais para você contar a sua história.

Porquê ?

Porque os jornais julgarão que ela foi forjada pelo seu advogado.

Ela fitou-o com os olhos semicerrados como alguém que lutou por tomar uma decisão.

Suponha que a conto agora.

Os factos soarão melhor se forem apresentados todos de uma vez.

Ela estudou a ponta do cigarro.

Talvez tenha razão.

Tragg ia a dizer qualquer coisa, mas um gesto rápido de Mason reduziu-o ao silêncio.

Coll tem alguma chave do seu apartamento ?
inquiriu Mason.

Sim.

Então, ele trouxe Bob Lawley aqui, no dia seguinte ao do crime, enquanto você estava no hospital?

Creio que sim. Eu não podia saber isso.

você é a namorada de Coll?

Já não. Estive doida por ele, mas isso passou-me facilmente. É uma coisa que passa. Já me tinha acontecido e há-de tornar a acontecer.

Mason consultou o relógio.

Bem, se você vai começar...

Oh, pois sim disse ela. Aqui vai. Eu era «chamariz» na casa de jogo. O meu trabalho era levar os homens a jogar e não os deixar ir embora quando comessem a perder. Recebia uma comissão. Há algum tempo, Coll e Lynk apontaram-me Bob Lawley como um rico jogador. Competia-me aligeirá-lo de algum dinheiro da fortuna colossal de que estava sobrecarregado. Fiz o meu papel. Quando começaram a pensar despedir-me, planejaram atraiçoar-me, deixando-me fora do jogo e pôr no meu lugar a nova pequena de Coll. Não me importei. De qualquer maneira, eu já estava farta daquela vida, mas não admiti que me atraiçoassem. Decidi fazer qualquer coisa em meu favor. Bob Lawley trazia essa arma na gaveta das luvas do automóvel. Não creio que ele tenha reparado que ela desaparecera quando a tirei. Certamente, sabia que ele suspeitaria de mim, em primeiro lugar, e, portanto, precisava de um álibi indestrutível.

Decidi enviar a mim própria uns bombons envenenados.

Resolvi a coisa quatro dias antes. Tirei alguns da caixa e pu-los num cartucho que podia trazer comigo. Envenenei o resto, embrulhei a caixa e arranjei as coisas de maneira a ser-me enviada por um portador em qualquer altura que Lynk me desse oportunidade de caçar o lote . Pus-me simplesmente à espera.

Na noite em que foi para o Lilac Canyon eu sabia que ele tinha o lote com ele. Pensei que me despedissem nessa noite. Então, Miss Faulkner entrou em contacto comigo e deu-me uma quantidade de informações que eu ignorava. Combinou comigo um encontro no seu escritório, para a uma hora. Eu *tencionara* chamar a polícia para consolidar o meu álibi, mas você ainda me calhou melhor. Coll sabia onde eu vivia e tinha uma chave do

meu apartamento. Quis estar certa de que saíra. Sabia
235

que ele devia encontrar-se com Lynk no Lilac Canyon. Rondei a casa de Coll até que o vi sair. Então; *fui* até ao telefone, liguei para si, dizendo que fora envenenada e parti para o Lilac Canyon. No caminho, comi os bombons sem veneno que trazia no cartucho para que o estômago contivesse resíduos de chocolate. Um momento antes de entrar na cabana de Lynk, tomei uma forte dose de veronal, pus uma máscara e enfiei uma gabardina. Percebi que Lynk estava à espera de uma mulher, pela maneira como respondeu quando eu bati. Quando me viu a máscara e o cano da arma quase desmaiou. Disse-lhe que tirasse para fora o lote de Lawley e que o pusesse sobre a mesa.

Houve alguma dificuldade com ele? perguntou
Mason.

Estava unicamente tão assustado e as mãos tremiam-lhe de tal maneira que receei que não fosse capaz de abrir a gaveta onde o guardara. Então, no momento em que a abriu, ouvi um ruído e virei a cabeça para trás.

A outra rapariga ? perguntou Mason.

Exactamente. Compreende, eu esquecera-me de fechar a porta atrás de mim quando forcei Lynk a entrar no quarto. Digo-lhe uma coisa: supus que fosse uma mosquinha morta. Balancei a arma procurando enganá-la, mas ela não foi no engano. Caiu sobre mim como um gato bravo, agarrou-se-me à mão direita com ambas as mãos tentando arrancar-me a arma. Foi uma acção dupla. Eu tinha o meu dedo sobre o gatilho. Ela fez com que ele viesse para trás. Tentei evitá-lo. Ela insistiu. A arma disparou-se, isso apavorou-a e eu saltei para trás. A arma caiu no chão e, então, vimos Harvey Lynk.

«Eu mantinha ainda a máscara. Ela não sabia quem eu era. Dirigimo-nos para a porta. Ela deixou a malinha de noite e eu deixei a arma.

«Custou-me imenso chegar a casa. O veronal começava a fazer efeito. Nos últimos momentos em que guiei,
236

passaram-me ideias estranhas pela cabeça. Pensei que tudo aquilo fora um pesadelo. Consegui arrumar o carro na garagem, subi até ao quarto e deixei todas as coisas como planeava para que você assim as encontrasse. Já estava a dormir quando caí no chão. O resto já você sabe.

«Foi só quando recuperei os sentidos, no hospital, que compreendi ter deixado a gabardina e a máscara no meu carro. Essa máscara era um indicativo. Ia destruí-la esta noite.

Mason fez um aceno de cabeça a Tragg:

Vamos, Tragg, continue.

O tenente de polícia perguntou:

Ambas vocês, mulheres, saíram sem verem a extensão do ferimento de Lynk?

Não precisámos de examiná-lo. Ele sucumbiu como um pneu furado.

Que fazia ele enquanto vocês duas lutavam uma com a outra?

Procurava voltar a meter o lote dentro da gaveta respondeu ela. Estava virado de costas para nós. mas eu vi que ele estava a mexer na gaveta. Agora, quero que me faça uma coisa.

O quê ? inquiriu Tragg.

Que procure essa rapariga e que a obrigue a contar a sua versão antes de ela saber quem eu sou ou o que eu lhe contei.

Quem é ela ? perguntou Mason.
O seu riso era amargo.

É a substituta. Uma maluquinha estúpida com pretensões a «chamariz» de sala de jogo e que trabalha para viver. Ela quer o meu lugar e eu o dela.

«É o inconveniente das raparigas estúpidas e alegres que têm juventude e atractivos. Pensam que serão sempre jovens. A idade, para elas, é qualquer coisa que deixa marca nas outras pessoas. Recordo-me de quando eu
237

própria pensava assim. . e depressa nos gastamos nesse jogo. Quando chegamos aos trinta é como se tivéssemos quarenta...

Quem é ela ? interrompeu Tragg.

O riso de Esther Dilmeyer soou desagradavelmente:

Lois Carling respondeu ela foi a minha ordem de despejo.

Mason pegou no telefone e passou-o ao tenente Tragg.

Ligue para o Comando e diga-lhes para soltarem Carlotta Lawley.

Tragg agarrou no telefone descrevendo uma ligeira curva, direito a Mason e sorriu.

...você ganhou.

Enquanto esperava pela ligação, disse:

E para a próxima vez que quiser afastar-me de sua irmã, Miss Faulkner, não torne a disparar uma arma acidentalmente, e não se faça tão obviamente suspeita. você despistou-me por um momento, mas depois comecei a conhecê-la suficientemente para perceber como era esperta e compreender que estava a exagerar o seu papel... Está lá? É do Comando Geral? Daqui tenente Tragg, da Secção de Homicídios. Vamos soltar Carlotta Lawley. Perry Mason vai tratar de a internar num sanatório particular. Aviem-se e deixem-se de empenos burocráticos.

CAPITULO XV

Era já tarde, nessa noite, quando Della Street saltou para o lugar ao lado de Perry Mason, no carro do advogado e comentou:

Bem, há uma coisa que podemos dizer em abono do tenente Tragg. Quando promete cooperar, coopera mesmo.

Mason aquiesceu com a cabeça.

Ela passou-lhe gentilmente os dedos em volta do braço e perguntou:

238

Não reparou, Chefe, que o tenente Tragg simpatizava grandemente com Mildreth Faulkner?

Só se estivesse cego e surdo não daria por Isso!

Ela também parece interessada nele.

Porque não ? Ele é um indivíduo muito esperto.

Eu que o diga!

Tendo-o a ele nos homicídios as coisas não vão ser a barafunda que eram quando o sargento Holcomb metia nelas o nariz. Mas agora tem que tomar muita atenção nos passos que der. Desta vez Tragg concordou em cooperar, mas se um dia o apanhar a si, num passo em falso, não creio que hesite, nem por um minuto, a atirar-lhe para cima com a Lei.

Deixe-o atirar...

Irão condenar Esther Dilmeyer?

Provavelmente, não. Lois Carling confirmou toda a história. Não há dúvida que Esther fora lá com uma arma para praticar uma felonía, mas... bem, ela tem um aspecto francamente atraente e...

...uma mulher atraente pode safar-se de um assassinio ? inquiriu Della.

Homicídio, corrigiu Mason. Há uma certa dife-

rença entre homicídio involuntário e assassinio.

E você julga que o testemunho de Esther Dilmeyer derrubará a acção instaurada por Harry Peavis contra Miss Faulkner?

Certamente que sim. Ela sabe que Peavis se limitara a fazer a Lynk uma oferta pelo lote de acções. É um pequeno pormenor mas é muito importante. E quando me for dado contra-interrogar Mr. Sindler Coll... bem, creio que Peavis desistirá do processo.

Della riu.

Vai ser um lindo contra-interrogatório! Tem possibilidade de provar que essa história do jogo era o meio de compelir Bob Lawley a vender o lote? Conseguirá invalidar a transferência do certificado?

239

Será fácil.

Em que situação ficará Mr. Magard?

Mason fez uma careta.

Mesmo à beirinha de um poço muito fundo. Caso esteja interessada, o «Corno Dourado» fica-nos em caminho.

Vamos encomendar champanhe e não tenho dúvidas de que Mr. Magard descera tentando convencer-nos da sua boa fé e da sua lisura no negócio. Tragg não se ensaiaria muito para passar uma rusga ao local.

Não a nada a fazer?

Provavelmente.

Então seria de boa política de sua parte prometer a Magard que...

Eu não prometo a Magard seja o que for retorquiu

Mason e se ele quiser propor um entendimento com a polícia que o faça directamente ao tenente Tragg.

Tenho um pressentimento acerca do tenente Tragg murmurou Della com certa hesitação.

Qual é?

Penso que vai tornar-se perigoso.

O homem é esperto concedeu Mason. Parte das instruções que recebera foi manter-me debaixo de olho e seguir-me todas as passadas. Aposto como vamos divertir-nos um bocado, daqui em diante.

Não havia o menor indício de bom humor na voz de Della.

- você o diz! Quanto a mim, não gosto disto!

Eu concedo-lhe o meu anjo da guarda legal se você quiser continuar no seu trabalho, Della.

Não, Perry. Eu não preciso de um anjo da guarda mais do que você precisa de uma coleira doméstica. Mas faça o que entender e saia de vez dá minha vista por longo tempo...

Ele lançou o carro para o meio da estrada.

Oiça, criança disse. Estive a observar como Tragg guia enquanto toca a sereia. É uma técnica abso-

240

lutamente pessoal. Aumenta a velocidade ao longo dos quarteirões, começa a aconchegar os freios, quando se aproxima de um cruzamento e, aí chegado, carrega a fundo no pedal de travagem)... Veja.

Perscrutando-lhe o rosto, com um olhar alegre e divertido,

Della Street recostou-se no assento do carro, enquanto Mason projectava o ponteiro do conta-quilómetros para as altas velocidades.

FIM